

rafael alexandrino malafaia

TERRENO BALDIO BLUES

*(tomara que maio demore a chegar,
tomara que maio não se tarde a passar)*

produção independente

*“Naquele dia eu era um
adolescente:
A sociedade, em suas eternas e
inexoráveis esquizofrenia e
loucura, me, já me considerava um
homem...
A sociedade, em suas imutáveis e
monolíticas insensatez e
hipocrisia e esquizofrenia e
loucura, me, ainda me considerava
um menino...
Desd’aquele dia eu ainda sou
adolescente
Esperando alguém me dizer
Que não aconteceu, que foi
engano.”
– “Naquele Dia, Desd’Aquele Dia”.*

Qualquer parte deste livro poderá ser usada como citação, contanto que a fonte seja devidamente citada e uma cópia da obra onde for usada [a citação] ser enviada para o autor (i.e., eu).

– o Autor

Contato:

Rafael Alexandrino Malafaia
Conjunto Guajará 1 (Um), Travessa
WE 62-A, casa 1802
CEP 67143-380
Ananindeua – Pará – Brasil

rafaelgarou@gmail.com

Revisão e Diagramação:

Rafael Alexandrino Malafaia

Foto de capa:

Heverton Clay Sousa Nonato

maio de 2020

MALAFAIA, Rafael Alexandrino

Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar). / Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020.

1. Antologia 2. Literatura. 3. Poesia.

CDD: B869.91
B869.93
ed.1

*para os amigos e irmãos Rosinaldo Costa Melo (1977-2000)
e Jackson Siroteaux Reis da Silva (1975-2017).
enquanto existir poesia, vocês serão lembrados!*



Rosinaldo Costa Melo
(1977-2000)



Jackson Siroteaux Reis da Silva
(1975-2017)

<i>Introdução</i>	1
<i>Poemas</i>	3
<i>conto sem título</i>	189
<i>Agradecimentos</i>	192

S
U
M
Á
R
I
O

*“O mundo esta mesmo louco
Pra que te levar assim?
Sem ao menos lhe dar um tempo
Terminar o que não teve fim*

*Não dá mais para aguentar
Aonde isso ira chegar?
Por causa de um erro de alguém
Sem um porquê, se é que existe um porquê!*

*Para de me perguntar
‘Por que aconteceu assim?’
Muitos passarão por isso
Não quero pensar assim...”
– CPM₂₂, “Amigos Perdidos”.*

Eu lembro que escrevi meu primeiro poema em seis de agosto de mil novecentos e noventa e cinco, em decorrência de uma matéria no Fantástico sobre os cinquenta anos da bomba atômica em Hiroshima. Depois comecei a escrever mais algumas coisas em 1996, 1997, no final do fundamental, sétima e oitava série. Desembestei mesmo a partir de 1998. Primeiro ano. Anchieta. Mundo novo. Pessoas novas. Frustrações novas. Esperanças novas. Eu incluiria este meu primeiro aqui – “*Bomba de Hiroshima*” o nome, inclusive – se eu soubesse onde ele está. Os de 1997 e 1998?

Rá, rá.

Não.

De 1995 pra 2020 não contam vinte e cinco anos de poesia, negócio começa mesmo em 1997, ainda que eu não tenha coragem de publicar o que escrevi nesse ano, só começando em “*Cães*”, de 1999 e indo embora até – pelo menos nesta presente antologia – “*Às 17h34min40s (o Fim da Terra)*”, do mês passado. Escrevendo sobre praticamente tudo o que me incomoda e raramente sobre o que me agrada.

Eu, enquanto poeta (como escritor a nível geral, diga-se) me vejo constantemente em duas problemáticas tensas. A primeira é não estagnar a nível de produção literária, por isso sempre estou lendo coisas novas e trazendo coisas novas pros meus textos. A segunda é não escrever somente pra mulher. Falando nisso, era pra sair dois livros hoje. Este e o **♪♪vou sentir saudade dos seus olhos de menina♪♪**¹, com textos somente para Musas Inspiradoras, que não foi porque a primeira capa não está como eu queria. Paciência, né? Mas mês que vem é certeza.

E... Era pra esse livro ser só pra um amigo que morreu em maio de 2000. Mas seria muitíssimo egoísmo e falta de sensibilidade não estender a outro que também disse tchau, mas em fevereiro de 2017. Creio que os dois – que eram duas pessoas, no mínimo e na pior das hipóteses, pessoas **maravilhosas** e **incríveis** – aprovariam totalmente e veemente a ideia. E também aposto que, caso se conhecessem, teriam se dado muitíssimo bem. Eu sou suspeitíssimo pra falar qualquer

¹ Sim, o título vai ser **assim mesmo**.

MALAFIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafai, 2020. | **I**

coisa dos dois por ser fã deles e sentir falta deles todos. Os. Dias. E, em suas memórias, em homenagem a elas, este livro que estás lendo.

Eu, sinceramente, não sei se eles gostariam do título. encontrar... Fazer título pra livro é tão difícil quanto fazer a capa. Eu tinha comentado com uma amiga, começo da década passada, sobre um conto chamado *Um Cara Chamado Tchau*. E depois pensei em utilizar como nome dessa antologia. Poderia até ser o nome do conto que fecha essa coleção, visto que, ao tratar do mesmo tema, sua presença aqui se faz obrigatória. Mas a foto do Heverton, que criou o poema que dá nome a esta obra, ficou tão legal – e o poema também – que pensei “por que não usar como título?” “E, como vou publicar em maio, por que não incluir a parte sobre o mês que o meu chegado disse ‘tchau’?”. Me pareceu uma boa ideia, apesar de ser longo como o livro anterior².

Eu não pretendo revolucionar a Poesia (talvez só um pouquinho). Admito que tenho a pretensão de marcar meu nome a ferro e fogo na literatura brasileira. Todavia, com a presente obra, tenciono somente não deixar estes meus dois amigos... Dois de meus **IRMÃOS** que a Vida escolheu pra mim passarem... Em vão (!) pelo mundo. Tenciono dizer “*olha, duas pessoas incríveis passaram pelo mundo, eles fizeram a diferença e fazem falta!*”, porque eles fizeram diferença pra mim e não tem um maldito dia que não sinto as faltas deles por aqui. E não, eu não sou o único.

E também desejo, de todo meu coração, mostrar que texto em verso escrito por homem não se resume à poética lírica ora drummondiana ou viniciusdemoraesiana de um extremo, ora bukowskiana ou de outro. Sim, há muitos localizados no meio-termo. Mas quem são? Onde estão? O que escrevem sobre si e sobre o mundo ao seu redor? Onde está o que escrevem sobre si e sobre o mundo ao seu redor? Em uma sociedade doente onde há muitas cobranças e poucos retornos e é proibido aos homens externar seus sentimentos sendo isso sinal de fraqueza tanto para homens quanto para mulheres, seria demérito para um homem falar sobre suas aflições e medos e desesperos e desesperanças? Em uma época onde há muitas pedras pontudas e remédios para tudo e poucos beijos e palavras positivas verdadeiras, seria demérito falar o que se sente pra sua mãe, por sua mãe? Em um mundo esquizofrênico dividido entre “tu já ‘tá mocinho, não pode fazer isso” e “tamanho cavalo fazendo uma coisa dessas, tu não se enxerga?”, seria demérito dizer que se sente falta de seus amigos que morreram de maneiras trágicas e isso atormenta sua alma?

Se, para ti, não haver demérito, boa leitura.

Depois da primeira página, não tem mais volta.

“não há volta... não há volta...”

² A saber, *Encontros e Des-encontros e Re-encontros. os encontros de estudantes como gênero literário*, também de maio de 2020.

os Poemas

Será que garotos como eu
Vão pr'o céu quando morrerem?
Eu não sei
Bem, ontem mesmo
Estava conversando sobre isso
Com um amigo meu
Nós nos entreolhamos
E começamos a rir
Aaaaaaaah!!!!!!
Mais uma pergunta
P'rá me atormentar
Quando estou dormindo
(ou tentando estudar)
Eu não queria ter
A cabeça cheia de dúvidas
Eu queria e quero ter
Os bolsos cheios de grana
Se todos os cães merecem o céu
Eu mereço também!
(Vou começar a latir
E a mijar nos postes da rua
Roer ossos pra afiar os dentes
E dormir mais do que o de costume)
(e a morder toda mocréia que passa na rua)
Nem tudo o que eu sinto
Eu queria sentir
Só estou arcando com as conseqüências
Das besteiras e escorregões do passado
Quero dizer para uma garota:
– Eu te amo.
Mas quando estou cara à cara com ela
As palavras ficam presas na garganta
Ela começa a rir de mim
E vai embora
Como vou resolver este problema?
Se todos os cães merecem o céu
Eu mereço também!
Mas será mesmo
Que garotos como eu
vão pr'o céu quando morrerem?

as GUERRAS do PELOPONESO

>> *Agradecimentos Especiais a Manoel Alverzan Lima* <<

>> 25 de junho de 1999 <<

Não, não, não
Eu não quero estudar
Não, não, não
Eu não quero crescer
Apesar de o mundo estar se destruindo
Eu não quero nem saber

Mas tudo bem
Nada pode ir se danar
Mas tudo bem
Vamos salvar o mundo
Eu não quero ir embora

Toda forma de poder
Querer não é poder
Então, tente até conseguir
Mães, eu estou com medo

Pule, grite e dance
Balance sua cabeça até seu pescoço quebrar
Não siga maus conselhos
Este é um deles

Nem toda forma de sentir vale a pena
Siga o seu coração
Mães, eu estou com medo

ESPADAS *em* ARADOS

>> 24 de janeiro de 1999 <<

Há um tempo atrás
Eu fiquei com uma garota
Foi só uma noite
Uma vez fui na casa dela
E o pai dela “*foi com a minha cara*”
E me deu um capacete da Eletronorte
Um capacete da Eletronorte
Uma empresa estatal
Que mais cedo ou mais tarde
Será privatizada
Antes nunca do que não sei não
Ele me disse com ar de tristeza
“*Os tempos andam difíceis*”
Ele tem razão
O meu país
O país no qual eu vivo
As florestas são densas
Assim como a desigualdade social
As raízes do nosso país
Estão quase mortas
Junto com a cultura indígena
Indústrias, fábricas e mendigos
Poluição central versus céu azul
Jazidas de minérios e ferro
Somos o que fazemos
O Sonho Brasileiro
São todos os sonhos da População Brasileira
Todos os sonhos da População
Uma vez eu vi esta garota de novo
E perguntei pelo seu pai
Ela me disse que ele foi demitido
O Sonho Brasileiro:
Todos os sonhos da População Brasileira

FRENTE à TORMENTA

>> 02 de fevereiro de 2000 <<

Princípios de guerra
Na maior metrópole brasileira
Maior metrópole da América Latina
Batalha!
Insatisfação!
Porrada
Entre a polícia e a população
POLICIAIS:
Debilitados mentais fardados e armados
Que devia estar em hospícios
(Bem, a maioria é exatamente assim)
POVÃO:
Insatisfeitos com salários miseráveis
E na humilhante condição de serviçais
De pilantras e safados
Quando a razão não encontra caminhos
A estupidez assola o poder
A estupidez humana
Sempre se revelou da pior forma possível
Capacetes, cassetetes e escudos
Contra bonés, pedaços de paus e pedras
Nesse confronto não existem heróis
Pois no final sempre morre
Pais mães irmãos irmãs parentes de alguém
O que o país pode fazer por nós?
O que nós podemos fazer pelo país?
O preço que se paga é alto demais
Deus, nos ajude
Ajude o meu país
Nunca desistir
Aguentar firme
O mundo atual em guerra com ele mesmo

Garotas:
Ruim com elas,
Pior sem elas!
Garotas – elas são demais
São tudo o que eu quero
E querer nem sempre significa poder
Escola é um saco
A minha classe é uma piada
(Eu faço parte dela)
Mas eu não pertenço a este lugar
Eu não devia estar aqui
'Tô perdido na matéria
Vou me afogar nestes números
Ela me perguntou
O que eu quero de verdade na vida:
Sombra, água fresca, uma moto Harley-Davidson
Diversão demais ... E trabalho de menos
De que adianta um monte de mulher
Se nenhuma te ama de verdade?
Ficar olhando pr'o nada (perdido na sala)
Ou encarando o teto (eu 'tô voando)
Eu estou voando mais que avião aqui na sala
Eu estou mais perdido que agulha no palheiro nesta matéria
Garotas, videogames e refrigerantes
Música alta, X-Burgers e filmes de Kung-Fu
O mundo é seriedade e piada de mau gosto
Quando se aprende a amar
O mundo passa a ser seu
Então ele ainda não me pertence
Não, ainda não
Garotas, casamento, aliança, compromisso
Eu quero uma mulher que me ame e me adore de verdade
Só não pode ser minha mãe e nem a minha avó
E quero poder cozinhar tão bem quanto elas duas
Os meus tênis contrastam com meu uniforme escolar
E através deste dos sapatos de uma pessoa
Pode-se dizer como é a persona desta
Garotas de todos os tipos
Isso me interessa
Uma das poucas coisas que me interessa de verdade: garotas

!sem título!

>> *para Pedro Paulo Gonçalves Malafaia* <<

>> *11 de agosto de 2000* <<

Os manda-chuvas do colégio onde estudo arrumaram uma missa
Para comemorar e celebrar o dia dos pais
Só que meu pai não mora comigo
E, acho até que ele não gosta mais de mim
E penso, todos os dias, se ele já me esqueceu completamente
Por isso, não compareci à celebração
Não culpo ninguém nem Deus por isso ter acontecido
Foi papai quem escolheu fazê-lo
Ele escolheu o caminho dele
Mesmo assim, eu não o perdôo de forma alguma
Mas, ainda assim, eu quero vê-lo à minha frente
Mais uma vez antes de eu morrer
Eu quero vê-lo, toca-lo e abraça-lo
E dizer para ele tudo o que um filho quer dizer para o seu pai
Olhos nos olhos dele e ouvir a voz dele
E sentir a “segurança” do abraço dele
Eu poderia desistir de tudo para vê-lo e tê-lo
Pelo menos só mais uma vez
Para não sentir mais a sua falta antes de dormir
Porém, sei que isto nunca será possível
Mas dele está “dentro de mim” para sempre
E Deus sabe que não preciso ir à Sua Casa para fala-lo
Porque ele está em mim eternamente
Assim como o meu pai e assim como o meu pai
assim como o meu pai

os DERRROTADOS se ALIANÇAM com os SUICIDAS

>> para Rosinaldo Costa Melo, em algum dia do segundo semestre de 2000 <<

Eu olho para o tudo
Eu olho para o mundo ao meu redor
E lembro de você
De como você faz falta
Em muitas maneiras
Até nas coisas mais estúpidas
Lembro de você
Dos seus gestos pesados, do seu olhar cansado
Da sua voz torturada
Das conversas que tínhamos
Dos momentos que passamos juntos
Tardes e noites
(Às vezes manhãs)
Você se foi e eu permaneci aqui
Mas você permanece vivo dentro
Das pessoas que gostavam de você de verdade
Assim como eu
Que recordo de você quando ouço “suas” canções de amor
Ou quando faz sol
Chove e lua está como prata
Eu te vejo na lua, nas estrelas, nas nuvens e/ou nos pingos de chuva
Eu te vejo nas minhas mãos
E nas ruas vazias
Achando que tu voltarás
E sorrirás para mim
Por que será que os bons morrem jovens?
Eu tenho pensado e repensado
Toda a minha vida até agora
Desde quando você se foi
A vida é feita de atitudes nem sempre decentes
Você sabia e eu sei disso
Me dá um aperto no coração
“Falar contigo” e não te olhar nos olhos
Eu quero mas não posso te ter aqui
Só posso te ter de novo dentro do meu coração
Das minhas lembranças e de minhas memórias
Nestes lugares, tu viverás eternamente
Eu quero e vou
Ser tudo o que eu quiser
E, quando “estiver lá em cima”

Vou lembrar de você
E sentir-me-ei... Inexplicavelmente bem
Porque você está aqui
Dentro de meu coração
“*Dentro*” de mim
Meu amigo, irmão, companheiro e aliado
Que Deus tenha te acolhido bem
A gente vai se ver de novo
Eu tenho fé nisso

a RECONQUISTA da PENÍNSULA *ibérica*

>> *para a Sra. Angela Maria Alexandrino Maia – a minha mãe!*
>> 07 de novembro de 2000 <<

Oi, mãe
Aqui estou eu
Novamente
Eu sei que não sou tudo que a senhora queria
Que eu fosse
Mas também não sou nada
Nada que eu queria ser
Às vezes, quando eu olho pras estrelas
Chego a duvidar de tudo que já vivi,
A Senhora me vem à mente
E me sinto
A Pior Pessoa Do Mundo
A senhora pode até pentelhar minha vida
Mas antes disso – do que ficar sempre sozinho
E, quando o estou completamente,
Lembro de tudo que a senhora já me ensinou
E de como eu sou
Tão imperfeito quanto minhas heroínas e meus heróis
Eu continuo tentando entender o mundo
Entender eu mesmo
Eu olho pro nada
E vejo a senhora lá
Então me dá vontade de pedir o seu abraço
Para me confortar
Tudo O Que Sentimos – Tudo O Que Conhecemos
Só podemos ver um mundo perfeito se estivermos de olhos fechados
Reze por mim, Manhê
O meu futuro depende disso

Um dia, você vai crescer
Vai crescer e vai ver
Que este mundo é lindo
E uma bela droga também
A realidade é bem pior
Do que os desenhos animados
E, às vezes, as novelas
Podem ser histórias dos seus vizinhos
E aquela moça linda sorridente do seu colégio
Pode não ser tão feliz quanto aparenta ser
Os seus heróis são fracos
Caindo aos pedaços
Mas enquanto você tiver fé neles
Eles nunca deixarão de te ajudar a continuar
Em frente
Tenha fé em você mesmo
Se não tens pelo que morrer
Não há motivo para viver
Quando derrotar a você mesmo
Poderá derrotar o mundo todo
Depois você poderá derrotar
O mundo todo
Então tenha fé em você mesmo

grandes CASTANHEIRAS

>> abril de 2001 <<

Tudo o que sabemos
Eu não sei nada não
Não ninguém sabe nada
Principalmente amar
Principalmente amar

Tem vezes que me sinto um merda
Ou a melhor pessoa do mundo
Às vezes, quero ser Deus
Henrique V, Otto Van Bismarck ou Átila, o Huno
é, ou então, destruir o mundo

Tem gente que sabe pouca coisa
Tem gente que sabe muita coisa
Tem gente que não sabe porra nenhuma
Eu não sei nada sobre porra nenhuma
Ninguém sabe nada
Porra nenhuma
Ninguém sabe porra nenhuma sobre porra nenhuma

Assumo minha estupidez
Assumo minha ignorância
Admito que me amo e que também me odeio
Admito que amo e odeio o mundo todo!

Amar e odiar
Odiar e matar
Matar e respeitar
Respeitar e educar

É foda fazer das tripas coração
Para poder enfrentar o mundo
E a nós mesmos
Nesta droga de mundo

Toda A Dor
Toda A Raiva
Todo O Ódio
Toda A Estupidez
Toda a Ignorância

Não
ninguém sabe nada

principalmente amar

principalmente amar

PODER *absoluto*

>> 19 de abril de 2001 <<

Você – qualquer pessoa
Quem quer que seja
Seja lá no que acredite
Você não tem poder

Você – não tem poder
Você – só tem poder
Para se fazer feliz

Você – não tem poder
Você – só tem poder
Para mudar sua vida
para melhor

Você – não tem poder
Você – só tem poder
Para mudar você mesmo
para melhor

Você – não tem poder
Você – só tem poder
Para derrotar o mundo
e você mesmo

Você – não tem poder
Você – só tem poder
Para melhorar o mundo
Para transformar o mundo
Para limpar o mundo
Para salvar o mundo
Poder Absoluto

ISABEL HESSE-KASSEL

>> 04 de junho de 2001 <<

Hoje estou tão feliz
Porque não sei mais
Escrever poesia
Mas hoje estou tão feliz
Porque quando acordei
Eu logo vi
Que desaprendi
(O que nunca tinha aprendido)
A fazer poesia

Mas hoje também
Estou tão feliz
Porque não vou ser mais
Tão triste assim
Por droga nenhuma
Nem ficarei
Tão Triste
Por droga nenhuma
Por mulher nenhuma

Agora não temerei mais
Mais nada
Agora os meus sonhos
Serão sonhos de gente comum

Agora eu vou pular carnaval
E vou viver pra ver
A beleza dos carnavais
E eu brincarei nestes
Belos carnavais
Cantar estas marchinhas
Com o meu coração em paz

E apartir deste hoje
Não me vejo mais estúpido
Vejo a mim livre
De mim mesmo
E de mundo inteiro

Aí então vejo e me vejo
Que sem a poesia das poesias
Queu outrora escrevia
De mim Senhora Morte
Rapidamente se aproxima
Porque sem poesia
A minha vida não é vida
E de que adianta viver estas maravilhas
Não tendo coração em alegria
Em poesia?

o APOGEU do IMPÉRIO *napoleônico*

>> 16 e 18 de junho de 2001 <<

Quando eu mergulho em qualquer piscina
Eu explodo
O mundo ao meu redor
Explode
E eu fico bem.
Aí então,
Eu relaxo
Completamente,
A pressão me abraça
A falta de gravidade me
Conforta
Me conforta completamente.
O mundo lá fora pode explodir
Que eu não me importo
Você pode chamar isso de egoísmo
Ou de negligência
Mas eu só quero estar
Mas eu só quero ficar
Bem.
É assustador mas é divertido
A chuva lava as almas dos poetas
De todas as pessoas que fazem poesia
Mas hoje eu quero me jogar e mergulhar
Em uma piscina
E então
Para então
Explodir

PASÁRGADA

>> para Jefferson César Negrão Aleixo <<
>> 08 de junho de 2001 <<

Hoje estou tão feliz
uma felicidade meio estúpida
tão estúpida
meio cretina e tão cretina
mas tudo bem
eu vou aceitá-la
não sei qual é o motivo
mas agora não me importa mais
talvez seja por paixão
mas algo de certeza me diz que não
mas eu a aceito de excelente grado
apesar de tudo, quando estou feliz
o tudo não me importa
e, nesta minha felicidade solitária abstrata,
como eu,
eu apenas sorrio
o riso e sorriso dos tolos
impuros de coração
mas nesta minha felicidade de hoje
eu vou ficá-la guardado e calado
para que ninguém possa tirá-la de mim
falando tristezas e maldades
só que é muita cretinice minha
sentir-me triste quando todo mundo 'tá feliz
eu só quero ser normal
e rir normalmente das coisas simples
mas eu nem me importo mais
já me acostumei
e esta minha felicidade deste hoje
é mais bonita e apreciável
das felicidades que tenho com álcool e nicotina
e eu acho legal ficar bêbado
para depois vomitar e vomitar e vomitar
ou das belas que tenho ao escrever poesia
ou escutar rock'n'roll!!!
ah, pobres linhas do meu rosto,
desmanchadas do lado oposto,
e sem nexo!
mas hoje estou tão feliz
tão feliz de forma tão bonita
que não vou procurar este rosto meu
no asfalto, nas nuvens, em belos seios e em frangos assados

MALAFIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 19

nem nos sorrisos das mulheres e nem nas tempestades que deixam os campos estéreis
nem em bares ou em olhares ou em cartazes
ou em minhas mãos
ou na descrença dos ateus ou na fé dos cristãos
e eu guardá-la esta felicidade
porque talvez ela dure mais do que as antigas cidades
então eu me calo
e depois me abraço
abraço a mim mesmo
sem chorar
para poder eu me confortar
nesta minha estúpida, notável, cretina, humilde e sincera
felicidade

o IMPÉRIO dos MAIAS

>> julho de 2001 <<

Os meus amigos já me disseram
“a bebida será a tua ruína
ela destruir-te-á”.
eu não duvido
conheço seus poderes
mas eu não resisto.
pode ser até egoísmo
– é bruto e esmagador
– mas eu não tenho pressa pra morrer
não tenho mais
medo de morrer.
mas eu quero uma pistola automática
carregada e cheia de balas
ou uma espingarda calibre .12
para atirar em garrafas
de whiskey, 51, Orloff ou qualquer bebida
que foram secas por mim
para quem procura a Redenção
viver é um Inferno!
mas eu não me importo mais em me redimir
só em ter a garota que eu quero
e realizar todos os meus sonhos.
e cada vez que entorno álcool
prazerosamente
a Wyrn come o meu espírito,
come o meu coração.
eu estou perdendo esta batalha
mas não vou perder
tudo o que eu tenho.
não
chegar na fase
de “viver para beber
e beber para viver”
chegando nela – a morte é certa!
uma das últimas coisas que quero pra mim
é morrer com uma garrafa na mão
sem fígado, sem espírito e sem coração
como uma grande decepção
“Olha de que forma estúpida ele morreu.
Morreu de tanto beber.”
morreu de tanto beber... e eu não quero isso pra mim!
não quero isso pra mim
não quero isso pra mim
não quero isso pra mim
não

GRACIELLE AUSBURGO-JANSEK

>> *Solos Tropicais, Prof. Wandemyr Mota dos Santos Filho, 19 de novembro de 2001* <<

Talvez um dia quando eu crescer
Eu entenda
Porque seja tão bom ser criança
A ponto
De nunca querer ser adulto
Mas nem toda criança
Quer ser criança
Para sempre
Mas nem todo e nem toda
Adolescente
Quer ser
Adolescente
Para sempre
Quer chegar logo
à idade adulta
E também tem os adultos e as adultas
Que têm inveja
E que querem
Voltar a ser
Crianças (ou) adolescentes
e não crescer nunca!
Vai entender o ser humano
Que não
Entende a si mesmo
E diz
a si mesmo
que entende
O Mundo e Universo ao seu redor mas que não entende
Não...
Então por que será
Que o ser humano
Não consegue ser feliz
Totalmente
E mente pra si mesmo
dizendo que é
feliz de verdade?!?
Eu não vou negar
Mas, Às Vezes,
é-divertido-estar-e-ficar-triste
Só quem não quer saber
não sabe
que na adversidade
existe a felicidade absoluta

MALAFIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 22

Enquanto que
Na bonança
há a infelicidade sem contar
Não Pergunte A Quem Poeta
O Que É Preciso Para Sorrir
Porque Tu Não Terás Resposta
Se Tu A Tiveres
Não A Entenderás
Ser – Criança Para Sempre
Ser – Adolescente Para Sempre
Mas... Ser ou não Ser – Adulto
é porque a vida passa tão rápido
e não sabemos o que queremos ser

CAMPOS IRRIGADOS *com* SANGUE

>> *segundo semestre de 2002* <<

Helicópteros, metralhadoras
Minas terrestres
Horrores e pesadelos de guerra
Capacetes, granadas
Balas fervendo em sangue
Pessoas morrendo
Caindo longe de suas casas
De suas esposas
Crias ou namoradas
E se tornando apenas
Nomes em lápides
E pessoas que perderam a chance
De realizarem seus sonhos
Mísseis mortíferos
Ataques suicidas
Todos os dias
Militares batizando suas armas
Com nomes de meninas
Não há triunfo na estupidez.
E mesmo quando não sobra mais nada
Ainda sobra algo
“Tristeza”

GIGANTES *de* BRASA

>> para Rosinaldo Costa Melo + André Silva Nascimento (1987-2002) <<
>> 26 de julho de 2002 <<

Quando você se foi
Choveu tanto
Pareceu que o mundo ia desabar
Como na tarde de hoje
Que choveu até o sol aparecer
Aparecer de novo
Agora digo pros meus amigos
Pra viverem e aproveitarem
Cada dia
Cada dia como se fosse o último
Meus amigos
Meus amigos
Meus amigos
Viver pra sempre
Viver
Pra
Sempre
Todos os amores e Todas as piscinas
Cais de cabeça
Todos os beijos e Todas as refeições
Saborear e nunca esquecer o sabor
Tantas coisas a serem ditas e feitas
Não importa mais
Viver e seguir em frente
Honrar passado e não abaixar o queixo
Não dizer nada
Apenas sorrir
Mesmo porque todos nós somos como chuva
– Uma vez que chegamos
Teremos que dizer “tchau” também

METAL.BATERIA.RADIADOR

>> *esboço de um poema pra poetisa Leila Cristina Santos de Lima escrito em idos em 2003* <<
>> *um belo dia, eu passei no Anchieta (escola onde fiz Ensino Médio), logo depois d'eu ter me formado, em idos de 2001, e vi as mudanças que a administração da escola tinha feito na estrutura da escola* <<
>> *mediante leitura mais atenta a esse texto, notei que os dois versos finais fazem uma alusão aos versos "Preserve your memories / They're all that's left you", versos finais de "Bookends", canção do álbum homônimo, de 1968, da dupla estadunidense Simon & Garfunkel. coincidência? "coincidência inconsciente", eu diria. mas creio que não, uma vez que, nessa época, eu já ouvia o som da dupla todos os dias...!* <<

Os dias nunca são os mesmos
Nós mesmos nunca somos os mesmos
Assim como os lugares que um dia freqüentamos
Também nunca são os mesmos.
Eu sempre sinto falta
Porque os dias, os lugares, nós mesmos
– Mesmo estando em constante mutação –
Nos fazem lembrar e recordar
Das coisas que passamos.
Só vai restar as lembranças boas
Só vai restar as lembranças ruins
Das amizades e dos lugares
Onde aconteceram as lembranças.
Apenas lute para manter com você
Aqueles que, um dia, fizeram você se sentir bem.

DEUSES, TÚMULOS e sábios

>> *Agradecimentos Especiais a Alice Pires de Oliveira, que me emprestou a Marie Claire que tem a reportagem que falava sobre os filhos de desaparecidos da Ditadura Militar Argentina – a inspiração e o tema deste texto foram encontrados justamente nesta reportagem!!!* <<
>> 26 de fevereiro de 2003 <<

Eu sei seu nome, papai
Eu sei seu nome, mamãe
Mas seus rostos não são familiares
Nem voz, nem sorriso, nem olhar
Nem abraço para me confortar
Mas eu vos perdôo por não estarem aqui
E vou fazer o possível para que vocês não se apaguem
De dentro de mim
Eu
vou andar... descalço em brasa
vou estar nu... durante chuva torrencial
vou fechar em minhas mãos... pedras e espinhos
até que elas estejam banhadas em sangue.
Sua falta aqui vai me deixar mais forte
E vocês vão estar onde meu coração estiver.
As peças para montar minha história nunca terminam de aparecer
Sem memórias, muitas mentiras, sem passado
“Não fale, não sinta, não pense”
Não é dúvida que faz mal, é a mentira.
E vocês vão estar onde meu coração estiver.
Não me permito chorar pois sei que vocês iriam se irritar com isso
Até mesmo quando lembro de todas
As crianças que foram separadas de seus pais e de suas mães.
Eu devo achar as respostas para seus atos
Achar um sentido em suas existências
Não monstros, não heróis – apenas humanos
Não sou apenas vítimas, mas sou quem vai escrever
Parte da minha história com minhas próprias mãos.

E vocês vão estar onde meu coração estiver

INVASÕES árabes

>> 10 de abril de 2003 <<

Pessoas acreditam em certas coisas
Para ficarem felizes.
Pessoas acreditam em certas coisas
Para ficarem fortes.
Eu não sei no que acreditar
Para ficar feliz
Para ficar forte.
As pessoas fazem seus destinos
Ou são pisadas pelos destinos dos outros.
E não sei o que fazer e não sei como fazer meu destino.
Perto de certas pessoas
Me sinto pequeno, insignificante, fraco, idiota.
Talvez eu nunca saiba o que fazer realmente
E qual seja a droga da minha missão aqui
Porque eu já cansei de supor, tentar e procurar
Qual seja.
E, mesmo se eu não descobrir no fim qual seja,
Não vou me matar pra desistir e acabar mais rápido.

TINGINDO o DIA *de negro*

>> *Agradecimentos Especiais a Márcio Lins de Carvalho, Elias Silva Nascimento, José Rafael Pimentel Barata e Daniel Vieira de Pina Carvalho* <<

>> *texto escrito após a leitura do Estágio 40 do mangá Neon Genesis Evangelion – escrito e desenhado pelo japonês Yoshiuki Sadamoto –, chamado Tingindo o Entardecer de Negro* <<

>> *04 de junho de 2003* <<

As nuvens se tornam cada vez mais densas
Não importa em que horário esteja
Ao amanhecer, ao entardecer, ao anoitecer
O objetivo é sempre o mesmo
O objetivo é chover.
Sempre chove no dia do fim
Sempre chove no dia do fim
Ou o dia começa... ou o dia termina lindo
Céus azuis sem nuvens.
Céus negros sem nuvens
somente com estrelas.
E nunca sabemos o que pensar
Só que sentiremos muita falta
De quem se foi.
E então Deus tingi o dia de negro
Para que nós possamos colori-lo novamente
Das cores que nos fazem felizes realmente
Até que aprendamos a rir e a sorrir outra vez
Como era antes da chuva.
E então Deus tingiu aquele dia de negro
Fazendo pares de olhos tornarem-se vermelhos
E então, chega! É hora de seguir em frente
E apenas olhar para trás para não esquecer-se jamais.

FOGUEIRA

>> *para a Sra. Angela Maria Alexandrino Maia – a minha mãe* <<

>> 21 e 22 de outubro de 2003 <<

VOCÊ

a senhora diz que eu não presto
que eu sou tudo que a senhora mais odeia
mais abomina
mais despreza em um homem.
a senhora também diz que não respeito
nada e ninguém
nada e ninguém, apenas a mim mesmo
então meus professores e minhas professoras
não são ninguém.
o judô e tudo que um dia a senhora me ensinou
não são nada.
a verdade é que eu já me cansei de reclamar
a verdade é que eu já me cansei de revidar
e de defender tudo o que penso, sinto e acredito
de suas críticas, acusações e “contradições”.
pelo menos eu não traio o que digo e acredito
ou me contradigo em meus atos.
agora depois de tudo isso e por causa de tudo isso
decidi me proteger de todas estas coisas –
que até hoje não descobri se são boas ou más
construtivas ou destrutivas – apenas me fechando e me escondendo em mim mesmo
em uma armadura feita de concreto, raiva e dor.
a senhora nem mesmo sabe que tudo me deixa
doente, cansado, machucado, envergonhado e furioso!
ambigüidade, ironicamente e notavelmente
eu sinto vergonha, raiva de mim mesmo
porém, ao contrário de todas as apostas e expectativas,
eu vou ficar mais forte com tudo isso.

!sem título!

>> *não lembro quando escrevi, mas sei que foi em 2004* <<

Mil cigarros acesos para lamentar sua partida:
Tristeza e pesar
e imensurável lamentar!
Janelas fechadas
Portas trancadas
as lágrimas usam granadas e morteiros
para poderem sair!
Impossível aceitar!

!sem título!

>> *não lembro quando escrevi, mas sei que foi em 2004* <<

Eu estou com meus amigos por aqui
Esperando amanhecer.
Jesus Cristo não vai chegar
Então ficamos por aqui para ver o que
O que vai acontecer.
Infelizmente não tem garotas por aqui
E a bebida e os cigarros sempre
Parecem estar no fim.
Para onde nós vamos daqui quando a bebida terminar?
Se o cansaço e a má-vontade permitirem
Paradeiro: qualquer lugar
Para onde sem dinheiro e com a cara e a coragem?
Bebendo as últimas doses
Fumando as últimas bitucas
Falando sobre a vida!

!sem título!

>> *não lembro quando escrevi, mas sei que foi em 2004* <<

É muito difícil ver o mundo desabar ao seu redor
E não querer se matar.
O mundo caindo numa espiral descendente
E tudo dar errado
Fazendo você chorar.
Implodir e explodir e se decepcionar diariamente
Se despedaçar e se desmontar se, se remontar exponencialmente.
Sem sol e sem horizonte para admirar
Não preciso
E procurar e encontrar esperança pra continuar.
Não preciso te dizer que sei como você se sente
Porque eu também já me senti assim
O mundo correndo com uma canção de grindcore ou de hardcore
Cada vez mais próxima do iminente fim.

!sem título!

>> *não lembro quando escrevi, mas sei que foi em 2004* <<

E aqui estamos nós de novo
Ainda por aqui,
Cada vez mais próximos do fim.
O que vai ser depois do fim para cada um de nós?
E eu continuo não
Não me sentindo bem aqui
E sentindo pelo frio
Que o clima está pior que antes.
Por qual maldita razão eu não me sinto bem aqui?
Existem os rostos conhecidos
E os que nunca foram vistos.
E o céu que amanheceu azul
Agora está em tons de cinza
Assim como eu _____ como o meu humor.
E aqui eu volto a me sentir mais triste
Perdido, calado e sem direção.
Eu sinto falta dos meus amigos e das minhas amigas que não me deixavam ficar
Tão assim
Ou que ficavam assim também.

Usina Siderúrgica
Usina Metalúrgica
Usina Petrolífera
Usina de Asfalto
Usina de Aço
Usina de Mineração
Usina de Materiais de Construção
Usina de Desenhos Animados
Mas desde o futuro desde o passado
A única coisa que se mantém constante
É a mudança
Usina Têxtil
Usina de Material Bélico
Que, quando atinge o seu alvo
– se for fértil –, o deixa estéril
Usina Nuclear
ou Usina Termonuclear
Usina de Carvão
Usina de Infinitudes de Magia e Ilusão
Usina de Energia Elétrica
Usina de Materiais
cuja composição seja sintética
E todos os dias passam depois de todos os dias
E todos os dias
Vidas terminam e começam outras vidas
Assim como termina
Um dia de trabalho numa Usina
E começa outro dia duro de trabalho
Em uma Usina

Eu gosto de estar com meus amigos
Assim eu não me sinto tão sozinho.
Eu gosto de estar com meus amigos
Quando eu 'tô feliz ou na merda e fudido
Pra não ficar tão deprimido.

Minha namorada me deixou
Mas a lembrança ainda não me abandonou.
Mas tenho minha mãe e minha irmã
Que não deixam minha esperança ser vã.

Eu estou velho mas ainda não estou cego
Pra perceber que já é hora de levar a vida a sério.
Eu sei disso desde quando acabei o Ensino Médio,
Mas fico com medo do que vai ser
Quando terminar meu curso técnico.

Eu e meus amigos não somos tão felizes assim,
Mas sou grato por tudo que Deus dá pra mim.
Da minha mãe às revistas de pornografia
Dos meus professores às porradas que pego da vida.

Não tenho medo de admitir que tenho medo
Ou que sou um sem-noção e imoral verdadeiro!
Eu e meus amigos vamos em frente com o pé atrás
Sem saber onde nosso futuro está.

Eu gosto de estar com meus amigos
Nós venceremos este maldito mundo unidos.
Eu e os meus amigos:
Um bando de desesperançosos amáveis e fudidos!

FERRADOS

>> 01 de setembro de 2004 <<

Existem garotas bonitas (sempre existirão)
Existem garotos idiotas (sempre existirão)
Que se apaixonam por estas garotas
Existem caras que chegam antes dos idiotas
E conseguem ficar com as meninas gostosas

Eles tentam mas não conseguem
Se sentir mal pensando nelas
Por saber que nunca vão conseguir
Depois de tudo, ficar com elas

Para onde eles devem olhar pra não tentarem se matar?
Por vê-las todos os dias e não poderem nem falar
O quanto gostam delas

Eles são apenas garotos
Não tente julgá-los pelo que sentem
Eles são apenas garotos
Ainda não têm certeza do que sentem
Exceto sua raiva do mundo ao seu redor

Não devemos permitir
Que a esperança deles acabe
Apesar de tudo
Sem eles, não existe futuro

Não existe futuro

NOMES *de* SANTOS

>> I Encontro Independente de RPG, Escola Municipal Benvinda Franca de Messias, 26 de setembro de 2004, durante exibição do filme *Justiceiro*, de 2004, com Thomas Jane no papel-título, escrito por Jonathan Hensleigh e Michael France + dirigido por Jonathan Hensleigh <<

Nesta sala, desta cadeira
Eu vejo nomes escritos com lápis-de-cor
De diferentes cores.
Nomes escritos em pedaços de papel branco
Colados em corações feitos de papel
Papéis de diferentes cores.
Embaixo de seus nomes estão
Pedaços menores de papel também de cor branca
Com as datas de seus aniversários
Escritas neles.
E, às vezes e certas vezes, eu me pego
Pensando, e me perguntando o seguinte: “Será que estas crianças têm futuro?
Será que existe algum futuro para elas?”
Eu temo que a resposta seja “Não!”
Cara, isso me apavora de verdade!
Não devia, mas eu apenas sinto –
E, por qual maldita razão, eu me sinto assim?
Cadeiras, mesas, quadro negro, giz
Papéis, lápis, borrachas, cadeiras, livros, apontadores.
Restos de lembranças nítidas
Como filmes transmitidos em cinemas
Com sistemas digitais.
As lembranças permanecem
Os sonhos permanecem até serem realizados.
Eu espero – eu honesta e sinceramente espero
De todo o meu coração
Que todas essas crianças
Cujos nomes estão escritos em corações coloridos de papel
Possam realizar seus sonhos.

ECOLOGIA *da* PAISAGEM

>> *Agradecimentos Especiais ao Prof. Wilson Mousinho, de Geografia, e à Prof^ª. Telma Paes, de*

Literatura <<

>> 10 de novembro de 2004 <<

Árvores com galhos mas sem folhas e sem flores
Árvores marrom-escuras
Onde nem mesmo verdes musgos vão morar.
Árvores de concreto recheadas com aço e ferro
Com flores de vidro e galhos de antenas e pára-raios,
Não existe clorofila,
Todavia cabos de telecomunicações,
Energia elétrica, tubos de PVC e sustentação de elevadores:
eles estão todos lá.
Ainda existem mais árvores naturais do que árvores artificiais
?até quando serão maioria?
Rios negros com pontos brancos
Ou de barras de metal colados por parafusos.
Todos estes rios – tal qual os rios que foram feitos antes deles –,
Levam para algum destino desejado ou não.
Rios de piche e brita e metal onde nadam
Peixes de metal, vidro, plástico, tecidos e fumaça,
Sempre levando alguém e algo a algum lugar
?até quando existirão os rios que vieram antes de nós?
Árvores de concreto com aço e ferro
não deixam o ar correr livre – vidas mais quentes!
Rios de piche e pedra e metal
criam camadas de veneno que não permitem que a luz infravermelha ir à sua casa e voltar
deixando a nossa cada vez mais quente
com a vida insuportável de ser vivida!
Calor-Esquentas-Derrete-Calotas-Polares
Enchentes
Inundações
Desastres Naturais!
Calor-Poluição-Esfera-Nuvens-Negras
Chuva Ácida!
Informações-Capital-Comunicação-Transportes
Produtividade Espacial
Transmissão de Dados
Nova Globalização do Espaço Mundial
Interblocos Multilaterais!
Especialidades-Particularidades-Organização-Estrutura
Inforvias e Dinâmicas Sociais
Aparência da Paisagem
Espaços Globais
Mercados Comuns
Comércios e Cartas Magnas!
Unificação...

Abismos...
Blocos...
Megablocos...
Vilas...
Cidades...
Megacidades...
Metrópoles...
Megalopóles...
Cidades Globais...

...

[encerrando transmissão]

CASA dos MIL OUTONOS

>> para Rosinaldo Costa Melo <<
>> iniciado em 2000 e finalizado em 2005 <<

Faz mais de mil dias que você partiu
Mas não mil dias somente de chuva
Mas dias de sol
E de tardes bonitas também... também.
A chuva leva e a chuva traz
Lembranças boas e lembranças ruins
Além de levar as almas que precisam ser lavadas e renovadas.
E o seu sorriso faz falta
Sua grosseria e humor e ironia também.
E cada vez que você vem à mente
Me dá muito mais vontade de seguir em frente.
Mas eu já percebi que o dia em que chega o fim
Sempre chega mais lindo que os dias
Até o momento em que chega a chuva e tudo se vai,
Da mesma maneira que olhares turvos e pesados e cansados de sono
Acordem de uma vez
E, em momentos, tornem-se grandes, novamente cansados
Porém muito mais/tristemente/lamentavelmente vermelhos.
E é muito difícil olhar para sua foto emoldurada
E saber que você não vai aparecer:
E falar como somente você falava
E rir como só você ria.
Eu gostaria de saber como você reagiria
À todas as transformações e mudanças pelas quais o mundo passou,
Como o estado de terror ao qual estamos submetidos;
À guerra civil não declarada em nosso país;
Aos empregos prometidos que não foram criados;
À retaliação da Mãe-Natureza em resposta aos abusos cometidos contra Ela.
E atualmente eu já estive tão melancólico
Quanto você esteve.
Os meus dias eram e permanecem nublados
Apesar de todo o sol
E com toda a tristeza que as nuvens fechadas proporcionam
Mesmo com toda essa tristeza
Tenho alguns amigos meus (que também estão)
Tão melancólicos e estagnados quanto eu,
Pensando diariamente em puxar o fio da tomada,
Desligar os interruptores e baixar as cortinas
Entretanto temos nossos amigos e nossas amigas
Para nos convencerem a permanecer por aqui e continuar lutando,
Mesmo apesar de todas as crises, conflitos e guerras
Crianças e idosos mortos, assassinato, poluição e corrupção.

Eu descobri
Que não estou tão capacitado e preparado assim
Para ser aprovado
Para passar no vestibular.
Mas, por qual maldita razão,
Eu não me sinto intimidado?
Amedrontado?
Acuado?
Não permitindo que minha vontade caia,
Ficando oxidada como uma lâmina de Zinco fazendo papel de metal de sacrifício.
Por qual razão eu não me sinto azedo por estar com medo?
Medo de não passar, medo de não conseguir
Medo de perder tudo o que consegui no fim
Eu não cheguei até aqui pra ter medo agora.
Eu não cheguei até aqui pra ficar apavorado agora.
Minhas pernas, mãos e braços não estão tremendo
Não consigo deixar de rir
E de me sentir bem.
Pode até ser loucura na minha atual situação
Mas, por que me preocupar
Quando sei que vou passar?
Algo me deixa anestesiado e não me permite ficar amedrontado
E isso é legal:
É legal quando me sinto assim
Eu me sinto assim na maioria do tempo!

Eu vou passar pelas pessoas que eu amo!
Eu vou passar pelas pessoas que eu amo e que não poderão fazer prova junto comigo!
Claro – e por mim também
Para compensar tudo o que fiz
Todas as manhãs que, ao invés de estudar, dormi;
Por todas as coisas que vivi e sofri
Por todas as gurias lindas e bonitas que vi.
Eu vou passar
Para honrar
Todas as pessoas que gosto e que ficaram para trás
Todas as pessoas que sempre ajudarão minha moral a nunca cair
E Todas as pessoas que, honestamente e de todo coração, nunca deixaram de dizer que eu ia
consegui
Para elas todas
Para elas todas

E eu estou louco e retardado e desesperado para que esta prova chegue logo
Para eu fazer logo e para passar logo de uma vez
Eu mal posso esperar e, por isso, mal consigo pensar
Eu mal posso esperar por dias de prova não tardarem a chegar
Para, logo e de uma vez, eu e meus amigos e minhas amigas
Fazermos de uma vez e não tardarmos a passar!

Química é Poesia
mas não convêm escrever poesia em uma aula de Química.

seria melhor...?

>> para Ângela Maria Alexandrino Maia – a minha mãe <<
>> 25 de janeiro de 2005 <<

“Talvez possa parecer que eu não perceba a sua dor. Talvez pareça que estou alheio ao seu sofrimento. Mas esta é a minha natureza tão semelhante à tua. (...)

Talvez possa parecer que eu não perceba a tua dor, mas saiba que eu desejo que o mundo acabe, porque essa é a minha estranha forma de amar. Então, no dia do Juízo Final, nos despediremos. Porque diferenças assim como espelhamos semelhanças, refletimos. E nesse dia, eu a verei subir aos céus, enquanto eu continuarei caído.”

– Lourenço Mutarelli, *Dor Ancestral*, 1999.

Eu vejo... eu sinto
Seu corpo adoecendo
Sua vontade esmorecendo
o cansaço Lhe corroendo
o que dizer... o que fazer?
Às vezes, eu acredito que somente
estar por perto
não é suficiente...!

seria melhor...?

As contradições dos ensinamentos
lado a lado com uma
unidade familiar inexistente!

seria melhor...?

O que dizer... o que fazer
para reduzir / amenizar
Sua dor e Seu desespero contidos
em estado de contagem regressiva
que Te consomem diariamente?

seria melhor se...?

Preços a serem pagos e contas a serem acertadas...!
Migração pendular e alterações climáticas
Aposentadoria chegando lentamente enquanto o trabalho aumenta exponencialmente...
São tantas coisas para serem mastigadas, resolvidas, não-esquecidas e compradas!
Vontade de desistir de tudo todos os dias e ser responsável apenas por Si!
Eu tenho tanto medo e tanta vontade de me tornar igual a Você!

seria melhor...? seria melhor...?
se eu não estivesse mais por aqui
sendo pr' Senhora o que sou desde quando sou:
motivo de raiva, decepção, frustração e sofrimento...

seria melhor...?

DIA do SERVIDOR público (FESTEJAR!)

>> *Agradecimentos Especiais a prof. Ruk de Oliveira, Direito Eleitoral, e Prof. Sílvia Caminha, Direito Administrativo* <<

>> *Direito Eleitoral, Prof. Ruk de Oliveira, maio de 2005* <<

Chegou a hora de crescer, amadurecer e viver! De estabilizar a vida, ser orgulho da família. Passar em Concurso Público, ser parte do futuro de forma ativa, digna e exemplar. Sem hesitar (titubear) e não sonhar em falhar. Meus vícios e necessidades sustentar!, cônjuge e filhos sustentar!, pai e mãe velhos doentes ajudar!

Estabilizar! Estagnar! Sem nada para gritar e por todos zelar! Sem direitos e por isso gritar, protestar e grevar! Humilhações passar! Tristeza, Depressa, Desespero e Sentar-se para Chorar quando em casa chegar, ou em uma mesa de bar!

Festejar o excesso de Deveres e ausência de Direitos, que foram retirados pelo Executivo dos Poderes. Tenho meus Direitos na Constituição, que foram retirados e revogados! Agora o que vigora neste Estado Nacional é o que consta nas Resoluções!

Estrutura de Administração Direta. Estrutura de Administração Indireta. Organização Administrativa. Desconcentração Administrativa. Administração Federal. Autarquias. Fundações Públicas. Empresas Estatais ou Governamentais. Empresas Públicas. Sociedade de Economia Mista. Serviços Sociais Autônomos. Órgãos Independentes. Órgãos Superiores. Agentes Políticos. Agentes Administrativos. Agentes Honoríficos. Agentes Delegados. SERVIDORES PÚBLICOS!

Festejar o caos e tudo o que virá após a Nomeação e a Posse! Estabilidade assegurada após três anos e depois trabalhar até a morte! Aposentar! Adoentar! Para sempre cochilar! E então, no fim, Eternamente Descansar!

Depois de tudo que aconteceu
Você ainda achou que ele ia ficar lá
Naquele mesmo lugar?
Ele foi embora só com as roupas que vestia:
Não levou nem um dos poemas que fazia
Nenhum livro e nenhuma fotografia.

Ele foi embora sem avisar ninguém
Por não agüentar mais sofrer por você!

Essa é a cruz que ele vai ter que carregar!
Toda a mágoa que vai ter que suportar!
Toda a tristeza que ele teve que agüentar!
Ele só vai voltar pra todos nós
Depois que se recuperar totalmente

E eu ainda quero vê-lo vivo mais uma vez

iminente PERIGO público

>> Agradecimentos Especiais à Prof^ª. Karina Jaques, de Direito Constitucional (e escrito durante a aula dela também) <<

>> 09 de maio de 2005 <<

O Estado não é tão benéfico à população:
Também pode prejudicar quando diz que vai ajudar
Para o bem maior da comunidade.
Quando jovens desocupados
Que só se divertem jogando bola
Em um terreno baldio
Que está no meio do projeto da ampliação de uma via de escoamento de carros.
O Município não lhes oferece educação e qualificação
E vai lhes tirar o direito de lazer e diversão
Para o bem maior da comunidade,
Esquecendo que eles – mesmo sendo minoria desprovida de recursos e condições –
Também fazem parte da comunidade.
Estes jovens só voltarão a ser notados
Depois de detidos por cometerem crimes ou estarem consumindo tóxicos
E o Município os prenderá e os tratará como animais,
Quando poderia ter evitado isso
Dando-lhes educação e lazer de qualidade
Porém se despiu destas responsabilidades
O Estado é nocivo quando se omite!
O Município é nocivo quando se omite!
A União é nociva quando se omite!
Quem estará a favor do futuro da comunidade
Quando ninguém está junto dele?
É hora de nós começarmos a lutar
Pelo nosso futuro e de quem virá depois de nós!

POEMA *sem* SENTIDO

>> 13 de setembro de 2005 <<

Este é meu poema sem sentido.
Para todos que não aceitam mais viver.
Este é meu poema sem sentido
Para todos que não aceitam mais lutar.
Este é meu poema sem sentido
Para todos que desaprenderam a amar
Para todos que desaprenderam a viver
E estão reaprendendo todos os dias
Caindo e se levantando
E enxugando seus prantos.
Este é meu poema sem sentido
Para aqueles e para aquelas que eu amo realmente
Mas que não vejo mais por não ter notícias
E tendo que viver para construir suas vidas.
Este é meu poema sem sentido
Para a minha mãe e para a minha irmã
Que duvidam do que sinto de verdade por elas
E que não consigo entendê-las por completo
Assim como elas não fazem o mínimo esforço
Para entender o que se passa de verdade dentro de mim.
Isso me adoce e me queima por dentro como se fosse chama nuclear!
Este é meu poema sem sentido
Para todos que conseguem expressar seus sentimentos para amigos, namoradas e amantes
Mas emudece ao expressar o que sente realmente
Pelo seu pai e pela sua mãe e pelo seu irmão e pela sua irmã e pelos seus irmãos e pelas suas irmãs
Emudecem e caem em profunda tristeza, vergonha, angústia, raiva e solidão.
Este é meu poema sem sentido
Para todas as pessoas que já choraram bêbadas, fumando, na chuva ou com seus amigos
Ou tudo isso junto de uma vez!
Este é meu poema sem sentido
Para todos que, como eu, já choraram de desespero e tristeza verdadeiros por não passarem no
vestibular e por perderem pessoas que gostavam de verdade.
Este é meu poema sem sentido
Para todos cuja tristeza, ansiedade e depressão não deixaram dormir.
Este é meu poema sem sentido
Para todos que estão agora neste instante com os olhos rasos de lágrimas como eu estou agora
escrevendo este poema sem sentido.
Este é meu poema sem sentido
Para você que está lendo agora este poema sem sentido que já sentiu algo do que escrevi neste
poema sem sentido.
Este é meu poema sem sentido
Apenas e somente mais um poema sem sentido.

este é meu poema sem sentido

Como a Senhora está
Vendo os prédios estáticos no mesmo lugar
E continuar a viver?
O mundo parece sempre cair
E permanecemos por aqui
Mesmo que nunca aprendamos a rir do que aconteceu
As coisas parecem sempre piorar
Mas permanecemos por aqui
Enlouquecendo e aprendendo aos poucos e sempre
E sempre um pouco mais
Às vezes nem sempre as amizades verdadeiras não nos são suficientes
E somente nós somos capazes de nos fazer sentir melhor
Nos sentir menos pior e mais confiantes em nós mesmos
E, apesar de tudo que acontece,
Quando chegar o dia do fim
Nos perguntaremos se fizemos realmente tudo o que queremos

Esse poema tem uma história interessante. Eu devia ter uns treze, quatorze anos quando a mamãe me disse que um guri com quem eu tinha feito quarta série, em 1993, no Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, tinha morrido brincando de roleta russa. Não dei a merecida atenção porque, bem, a gente não era amigo e só teve contato praticamente só na escola. Uma noite, não sei porquê, eu lembrei da mãe dele. E escrevi este texto. Uma das certezas que tive, ao idealizar esta antologia, foi que este poema não podia, em absoluto, ficar de fora. E eis ai.

eu quero prestar vestibular
me apaixonar
ir para um lugar novo:
conhecer pessoas novas:
sair de casa para morar sozinho
(em outro lugar ou com os meus amigos) chorar de felicidade pelo triunfo alcançado, tristeza ou
desespero: ficar sozinho todas as vezes que precisa e julgar conveniente:
sem ficar apavorado,
sem que minhas pernas tremam,
sem que meu coração fique apertado,
sem dar explicações a ninguém,
sem precisar olhar para todos os lados,
sem a desesperança e ausência de apoio moral e palavras amigas de meus familiares,
sem ficar com medo de ser repreendido por chorar,
sem precisar desculpas por sentir,
sem precisar dar explicações pelo que sou.
Eu vou permanecer sem saber o que fazer
E como realmente viver sobre as minhas pernas.
Para onde vou caminhar e para onde vou olhar no fim?
Quando eu encontrar a resposta
Procure para onde você deve olhar e para onde você deve caminhar
E, no fim, perceber que não existe fim
Só que, quando chegar o fim, vamos perceber que ele chegou?
Enquanto isso, continuamos vivos e só nos resta vive:
Viver, sentir, vencer, falhar, cair, levantar, chorar, sorrir, lamentar,
Gritar, andar, refletir, entender, sobreviver, esperar, lutar
Superar, amar, discordar, repudiar, prosseguir, educar, aprender
Sentir falta, se arrepender, conviver, destruir e reconstruir.

Eu bem que tentei ser igual
E disseram que eu não tinha personalidade
E agora eu sou eu mesmo
E ninguém me agüenta mais:
Ninguém na minha casa agüenta mais
Minha metralhadora de palavrões
Meu modo de me vestir e de me expressar
Meu jeito de ser eu mesmo.
Qual é o meu problema com o mundo?
Eu vejo gente morrendo, sofrendo, chorando!
Eu vejo gente matando, estuprando, mentindo, roubando!
Eu vejo a sociedade
Que, com a maior cara-de-pau, com a maior cara deslavada
Diz que sabe viver em harmonia e em comunidade
Sem nenhum parâmetro ou razão!
Por qual maldita razão eu deveria ter essas porras de qualidades então?
O mundo está doente!
Humanidade é a doença!
Foda-se sociedade, comunidade!
Foda-se parâmetro, noção, moral e razão!
Meu problema é não aceitar ser tão igual
Apesar de procurar qual a minha verdadeira direção!
Meu problema é não conseguir entender
Porque diabos tenho que ser igual a vocês
Mesmo sem me importar com o que vai acontecer.
O mundo está em guerra e tudo isso é postergado
Pois devemos ser maquinizados, legalzinhos, sempre sóbrios e bem-educados uns com os outros!
EU NÃO AGÜENTO MAIS TODA ESSA MERDA!
onde está minha voz para gritar contra tudo isso?!?

Minha mãe está doente do corpo
E eu, estou doente do espírito.
Hoje o dia está tão bonito
Com as nuvens fechadas
E com o excesso de frio.
Eu não passei de novo no vestibular
E não estou triste por causa disso
(na verdade, só um pouquinho).
Eu fico é pra baixo
Pensando nos meus amigos
Que, infelizmente, não passaram também.
E porque se fica tão triste e tão pra baixo
Quando não se passa no vestibular?
Eu já me senti assim mas ainda não
Consegui entender.
E tem gente que chega a se matar
(Ou chega quase lá)
Por não conseguir.
Meus amigos que já passaram
Dizem que o meu dia ainda vai chegar.
E, muitos deles, eu não consigo mais encarar
Por ainda não ter chegado onde eles estão
E eu não quero nem pensar
Se eles já perceberam isso:
Talvez sim ou mesmo não.
Gostar de alguém que não te quer mais
Se sentir péssimo por causa de vestibular
São sentimentos contrários
Entretanto são tão iguais.
Tão iguais.
E no final de tudo
Nós tentamos
Porém
Nosso sofrimento não se fez valer.

!sem título!

>> CEFET-Pará, campus Belém, 06 de abril de 2006 <<

Eu não posso ficar no lugar mais legal que tem aqui
Meus amigos não estão aqui e estou tão apavorado
 Não quero ir pra casa
 E não quero me sentir só comigo mesmo
 Tão sozinho!
Onde estão meus amigos? Ainda não estão aqui
 Vão chegar mais tarde
 Então as coisas vão melhorar
 Eu só
Eu só quero me divertir pra caralho com os meus amigos
Eu só quero me divertir pra caralho com os meus amigos
 Quero fumar e ficar bebão
 A festa começou
 Até depois do amanhecer
Hardcore pra escutar, garotas bonitas pra olhar
 Se o álcool e os cigarros terminarem
 Nossa amizade também acaba
 Qualquer lugar é bom para se divertir
 Se você está com seus amigos e não sozinho
Quando crescermos só as lembranças vão permanecer
 As coisas boas e ruins
 Estas são as coisas que vão ficar
 Enquanto isso eu só
Eu só quero me divertir pra caralho com os meus amigos
Eu só quero me divertir pra caralho com os meus amigos

quando CACHORROS se TORNAM SABÃO

>> 07 de julho de 2006 <<

E tudo parece continuar do mesmo jeito que está.
E as coisas dão a impressão de não mudar.
Todos andando para a frente
E eu me vejo neste maldito estagnar
Estático, desmotivado, confuso e estacionado no mesmo lugar.
Os prédios desabando e a vontade de chorar
E saber o “porque” e ter realmente um “porque” lutar:
Onde está?!?
E o que dizer? E o que pensar?
Não existe mais certeza e nem no que acreditar
E mais nenhuma rima a fazer
Sobre esta degradável condição
Sem saber mais o que fazer e nem mais para onde olhar.

PATRÍCIA TEMPORAL

>> 03 de agosto de 2006 <<

Eu vejo as nuvens que ficam no alto do horizonte:
 Nuvens quilométricas;
 Nuvens em tons de cinza cada vez mais escuro;
 Nuvens que parecem não ter final;
 Nuvens guardando chuva.
Eu soube que um bombardeio matou quase quarenta crianças,
 Que cada vez menos mulheres morrem de câncer,
 Que a taxa de gravidez entre adolescentes estabilizou.
 Eu vejo todo esse mundo
E, francamente, nada parece fazer nenhum sentido algum.
 Erros propositais eventuais conscientes ou casuais:
 E tenho a impressão do mundo estar indo parar
 Nenhum lugar algum.
 Uma estrada pavimentada com desesperança e caos
E uma placa onde se lê: *“Você está chegando ao nada.
 Seja bem-vindo!”*
Ônibus com itinerário Nada-Lugar Nenhum saindo de cinco em cinco minutos
 E sentado em uma cadeira deste ônibus eu vejo:
 As nuvens quilométricas,
 Em tons de cinza cada vez mais escuro
 Que parecem não terminar
 Que guardam chuva
 E que ficam no alto do horizonte.

SAMBA *do* BOMBARDEIO (CANÇÃO *para* LETÍCIA TOCAR e CANTAR)

>> *para todos os libaneses que morreram durante aos bombardeios extremamente covardes efetuados por*

Israel ao seu país no primeiro semestre de 2006 <<

>> *eu escrevi este poema de uma só vez e de uma só tacada para ser musicado por Letícia Silva e Silva <<*

>> 22 de agosto de 2006 <<

E a moça bonita beija seu homem piloto
 Já vestido para pilotar
Seu caça com tanque cheio e mísseis ar-ar
 Prontos para destruir e matar.
E a mãe velha abraçou seu filho moço
 Piloto de tanque militar
Que já estava com as metralhadoras carregadas
 E com o canhão calibrado
Preparado para acertar no alvo e apagar.
E a filha mais velha com o rosto sangrando
 Procura seus pais e avós;
E pedreiro com os olhos rasos de lágrima e poeira
 Procura sua mulher e seus filhos;
E a velha senhora com as pernas quebradas
 Espera que a retirem dos escombros
 Do que foi sua casa.
E o bombeiro faz sua prece antes de apagar os incêndios;
E o bombeiro faz uma prece para encontrar pessoas vivas;
E o bombeiro que faz uma prece para que este inferno em sua terra termine logo.
E as pessoas que choram e que gritam e que se berram...
E as pessoas que lamentam e que se desesperam e que rezam...
E as pessoas que comandam e que mentem e que governam...
E as pessoas que obedecem e que destróem e que matam...
E as pessoas que lutam e que se esforçam e que salvam...
E as pessoas... homens e mulheres... crianças e adultas e idosas...
 E estas pessoas que morrem...
 E o meu coração que se entristece...
Com os das pessoas que perderam pessoas que amavam...

ESCURIDÃO *total*

>> para Aulus Álvaro Ferreira Rocha, Daniel Sullivan Mascarenhas Queiros, Antônio Diego de Paula Nascimento, Leandro Otavio Vieira Brasil e Aline da Conceição Cardoso <<
>> Agradecimentos Especiais à Karina Tanizawa <<
>> 06, 20 e 25 de agosto de 2006 <<

Toda manhã o sol brilha.
Toda tarde ou faz sol ou chove.
Toda noite é iluminada por estrelas
Ou chove também.
E mesmo com toda a energia solar
E mesmo com toda a energia elétrica
Iluminando ruas e cômodos
Por que tudo parece tão escuro ao meu olhar
Não permitindo que eu tenha uma direção para olhar?
Todas as direções
E nenhuma parece levar a lugar algum!
Afinal, o que diabos fazer da vida afinal?
E então eu envelheço
Sem saber o que diabos fazer da vida afinal.
Saber o que se quer da vida realmente
É um pesadelo verdadeiro para qualquer pessoa.
E ainda tenho que fazer vestibular
Sem saber para qual curso fazer
E não me imagino cursando universidade de modo algum.
E ainda tenho que procurar emprego
Deixar currículos e esperar que entrem em contato.
Todos os lados possíveis:
Mesmo sabendo que não existe lado nem horizonte algum!
Nem lado algum, nem horizonte algum, nem direção alguma.
Fingindo viver... lutar... acreditar...
E eu acho que sei o que eles querem realmente: que eu desista e fuja!
Mas, se fizer isto, serei o que eles querem.
Ao invés do que eu quero ser:
E o que eu quero ser afinal?
Como pode haver tanta escuridão apesar de tantos sóis e estrelas existirem?
Eu gostaria muito de entender “porquê”...
Eu quero muito entender este “porquê”...
Eu apenas quero... entender...

CENTRO *de* PRODUÇÃO *de* MOTORES *de* SUBMARINOS

>> agosto e setembro de 2006 <<

E caminhar...
E caminhar...
E caminhar...
E caminhar... e não encontrar...
E caminhar... e não encontrar...
E a estrada percorrida não terminar...
Todas as pessoas ao seu redor conseguem encontrar... uma direção...
E... porque?... somente você... não?
Apenas a própria perdição...
E desolação... e depressão... e melancolia... e raiva...
Seus sentimentos inerentes à sua inerte condição...
Deplorável estacionária estática detestável situação...
E nossas vidas são grandes estações ferroviárias...
Com as pessoas que construíram e vieram antes de nós...
E as pessoas que amamos e que queremos que realmente fiquem...
Sempre estão partindo sem nos dizer adeus...
Levando sempre pedaços com tamanhos de Unidades Federativas de nossos corações...
Sem nunca deixarem nada em troca para nós...
E seus pés se cansam... e sua paciência termina...
E não há mais noção clara de direção exata e clara...
Sem canção alguma para embalar sua tristeza e sua solidão...
Não há ninguém dando sinal de adeus para você enquanto
Você está dentro de uma espiral de autodestruição consciente...
E este mundo no qual vivemos...
Que não passa de um manicômio tamanho-família...
E todos ao seu redor sabem onde toda essa merda vai terminar...
Querendo mas sem saber e sabendo que só você pode se ajudar...
E você não sabe nem por onde começar...

!sem título!

>> Srta. Garou, Plácido, Takemura, Mukhina, Hela, Mãe Indhira, Walt, Érika, Kat, Edjan, Anderson
Coelho, Siro, Albert, Bruno Lopes e Ron – esse é pra vocês! <<
>> 06 de novembro de 2006 <<

Eu vejo vocês crescendo,
Eu vejo vocês trabalhando,
Entrando e saindo e se formando na universidade,
Casando e tendo filhos e tendo filhas.
E eu queria e quero ser muito um dia ser como vocês
E eu tenho medo de um dia ser como vocês
E de continuar para sempre como eu estou:
Eu permaneço por aqui
Estudando pro vestibular, desempregado
Apenas sonhando dormindo ou acordado com a universidade,
Como sempre e na maioria das vezes
Sozinho e sem rumo para chegar.
E eu me sinto mal quando estou perto de vocês
Por ainda estar assim estagnado.
Foram por estas razões que decidi me afastar da companhia adorável de vocês,
Que são os meus heróis
Mas eu simplesmente não consigo
Não me sentir mal, pequeno, menor, um verdadeiro estúpido e um completo idiota
Quando vocês estão por perto.
Já me disseram tantas e tantas e tantas vezes
Que morrerei sozinho e perdido por aí
Que – por favor, me perdoem! – eu acabei acreditando.
Falar sempre será mais fácil do que sentir
Dizer “não se sinta assim” é mais fácil do que sentir.
Eu vou continuar lutando para chegar onde vocês estão
Se não conseguir, é “tchau” e “adeus para sempre”
Porque eu vou permanecer por aqui.

MAR *das* CRISES

>> 22 de janeiro de 2007 <<

Eu fiz o sol brilhar,
Campos florescerem e permanecem verdes.
Eu carreguei as nuvens com chuva
Até que elas cobrissem os campos de ponta-à-ponta.
Então fiz chover
Torrencialmente Inclementemente:
Os diques foram derrubados
Os campos foram inundados.
E quando chove, fica tão nublado
Que se pode pensar que se é sempre noite.
Eu não sou perfeito
E sempre consigo ser pior –
Isso costuma apagar as luzes
Me fazendo prosseguir sozinho cada vez mais.
Minha Esperança permanece de pé
Mesmo com todos os prédios que implodo ao meu redor.
Atualmente
Recentemente
Conclui e descobri
Que se permanecer nesta mesma rodovia
Me tornarei tão igual, não diferente, não desigual
Quanto às pessoas que têm características que postergo.
Ser somente mais um...
Eu não sou tão liberal quanto eu gostaria de ser!
Eu sou mais conservador e tradicionalista do que eu pensava que eu ser!
E isso me deixa como um satélite entrando em órbita terrestre.
E me pergunto se conseguirei
Fazer o sol brilhar novamente
E os campos florescerem novamente
E novamente se tornarem verdes e verdejantes.

PROCEDIMENTOS *de* ENSAIOS

>> Marabá, 16 de julho de 2007 <<

É incrível!
É triste!
É assustador:
saber que o que eu estudei eu não sei mais fazer!
faz tempo... faz tanto tempo que acabou deletado!
Não parece mais que foi ontem
e isso é realmente frustrante e decepcionante!...!
Procedimentos de ensaios:
esquecidos.
Engrenagens:
enferrujadas.
Ensinamentos aprendidos:
não podendo ser acessados porque nunca mais foram usados.
De frente para a verdade:
eu não posso mais fugir...
E eu nunca pensei que minha irresponsabilidade e vagabundagem
fossem me trazer até aqui.
EU ASSUMO TODA A CULPA!
EU ASSUMO TODA ESSA RESPONSABILIDADE!
essa é a direção que eu decidi tomar sem saber onde ia me guiar!
Agora: é: tarde: demais!
Eu me fiz e estou me fazendo sofrer
e somente eu posso me ajudar
sem saber de onde começar.
TODA ESSA DOR E TODA ESSA MÁGOA QUE TENHO QUE SUPORTAR!
Seguir em frente até o fim:
ONDE É O FIM?

Eu não me sinto tão sozinho aqui:
tenho livros para ler
tem uma cama para dormir e descansar
tem uma mesa
tenho papéis para escrever
tenho envelopes para enviar cartas.
Eu não me sinto tão sozinho aqui:
tem pessoas que moram aqui também
tem pessoas que trabalham aqui
eu trabalho aqui como Estagiário
tem máquinas e equipamentos
tem montanhas de agregado graúdo
tem montanhas de agregado miúdo.
Eu me sinto tão sozinho aqui:
não estou perto de mamãe
não estou perto de minha irmã
não estou perto de meus amigos
não estou perto de minhas amigas
não estou em casa.
Eu não estou em casa e aqui é minha nova casa:
casa temporária
casa por tempo indeterminado.
Às vezes, eu acho que é preciso estar bem longe para poder ficar mais perto!
?Estar perdido é bom para se encontrar?
Como me encontrar?
se lar é onde o coração está, o meu ainda não chegou aqui...
se lar é onde os pés estão, quando realmente acostumar-me-ei?
Solidão também rima com Maturidade e Aceitação!

INACEITAÇÃO

>> 27, 30 e 31 de outubro de 2007 <<

Esta é a liberdade que você quer pra si?:
Presas a vícios que te fazem sentir bem
Mas te destroem por dentro!
Não há futuro no seu campo de visão?

Presas em um lugar dentro de você:
Presídios de vidro e papel e composições químicas...
Sua capacidade de contestação fechou seus olhos!
Sua falta de disciplina acabou atando suas mãos!
Ainda não percebeu: se tornou menor frente aos desafios!

Morrer logo não vai te fazer sentir melhor!
É aqui onde sua estrada acabou te trazendo...
Ainda não é o fim-da-linha e nem a última parada!
Derrotas e decepções sempre serão ingredientes:
O que será de você sem você mesma?

Acorrentada a ideais que ainda estão sendo construídos...
Perdida em dilemas e dúvidas que os outros fingem ignorar!
É sempre chuva mesmo fazendo sol...
Como se livrar do que considera “benéfico”:
E ao mesmo tempo te corrói?!???

noites não dormidas... organismo sem resposta...
sistema operacional avariado... sistema físico em inegável deteriorar...

Procurando respostas e não novas perguntas!!!
Situando-se confortavelmente!
Não castigar-se mais!...
liberdade é punição?

liberdade é punição quando não se sabe o que fazer!

METAIS *alcalino-terrosos*

>> 20 de novembro de 2007 <<

Eu não me sinto tão sozinho aqui:
tenho livros para ler
tem uma cama para dormir e descansar
tem uma mesa
tenho papéis para escrever
tenho envelopes para enviar cartas.
Eu não me sinto tão sozinho aqui:
tem pessoas que moram aqui também
tem pessoas que trabalham aqui
eu trabalho aqui como Estagiário
tem máquinas e equipamentos
tem montanhas de agregado graúdo
tem montanhas de agregado miúdo.
Eu me sinto tão sozinho aqui:
não estou perto de mamãe
não estou perto de minha irmã
não estou perto de meus amigos
não estou perto de minhas amigas
não estou em casa.
Eu não estou em casa e aqui é minha nova casa:
casa temporária
casa por tempo indeterminado.
Às vezes, eu acho que é preciso estar bem longe para poder ficar mais perto!
?Estar perdido é bom para se encontrar?
Como me encontrar?
se lar é onde o coração está, o meu ainda não chegou aqui...
se lar é onde os pés estão, quando realmente acostumar-me-ei?
Solidão também rima com Maturidade e Aceitação!

!bobagem sem título!

>> *para os meus bons amigos Cadavér, Luciano, Felipe, Thunderbird, Erique, Xande, Chorão, Barata, Puro Osso, Muttley, Weiß_Ulf, Dayvid, Minhoca, Marley, Aulus, Caco, Eddie, Athos, Chiquinho, Yuri, Walmir, Desenho, Marcelo e todos meus companheiros de bagaça e auto-destruição ilimitada sem-fim!<<*
>> *Agradecimentos Especiais a Nazaré Medeiros da Rocha <<*
>> *17 de novembro de 2007 <<*

Eu não bebo tanto assim:
é impressão, somente impressão sua.
eu não me divirto tanto assim:
não é nem metade do que eu gostaria.
quanto quilômetros andados
procurando bebida?
quantas festas aproveitadas
até o nascer do dia?
sempre se pode ficar muito mais trêbado
sempre se pode dar um vexame maior
sempre se pode gritar mais alto

eu não bebo tanto assim
eu não fumo tanto assim
eu não me divirto tanto assim
quanto as pessoas dizem
bem que eu gostaria de beber, fumar e me divertir mais

tudo isto tão chato
e você é tão bonita
por que não podemos sempre estar sempre juntos?
festa, festa, festa é sempre bom!
bebida destilada, mulher, comida grátis e rock'n'roll.
quanto tempo se agüenta acordado e ouvindo som?
e preferível morrer de uma vez
do que aporrinhar/agonizar doente
se embebedar até cair - até cair os dentes
mais horas no dia pra se divertir mais
mais dias na semana pra se divertir mais
eu não vou morrer, tornar-me-ei álcool ou nicotina
pra ser consumido e sempre lembrado todos os dias
mais: festa! mais: bebida!
mais: mulher! mais: comida!
mais: cigarro! mais: rock'n'roll!
mais – muito mais di-ver-são!

! sem título!

>> para Leandro Otávio Vieira Brasil <<
>> ônibus da linha Guajará Ver-O-Peso, 8 de dezembro de 2007 <<

Parece não ter sentido algum...
este amanhecer sem sol
que se parece entardecer...
Onde estão todos os corações quebrados
que você jurou não mais se lembrar?
Onde estão as árvores sem folhas
que você disse
que iria refolhar?
Como você vai fazer isso... se suas folhas vivem caindo?
E para caras como nós
o céu é sempre cinza...
E para caras como nós
elas sempre serão lindas...
Mesmo tendo nos implodido sem pensar duas vezes!
Será que o sol só voltará a brilhar
se eu e ela nos vermos novamente?
Será que o sol só voltará a brilhar
– sem ser interrompido e atrapalhado
por nuvens carregadas de chuva –
se sorrirmos novamente um para o outro
da mesma maneira quando nos conhecemos de verdade?
De certa maneira, cara
não pensar nelas é não viver...
E onde elas estão
exatamente agora
nesta linda manhã, cinzenta e nublada,
além de dentro de nossos
partidos corações quebrados?
Infelizmente, cara:
a bebida sempre está no fim...
os cigarros sempre estão no fim...
os maços que esvaziamos e as garrafas que secamos
espalhadas pelas ruas
onde vagabundamos pelas madrugadas
lamentando eternamente o fato
das atuais Proprietárias de nossos corações
não estarem conosco.

!sem título!

>> *para todos os meus amigos e colegas de sala da Microcamp, Seção Pará* <<
>> *Agradecimentos Especiais a: Prof. Marcelo Gonçalves, Annie Aragão, Karol Moura, Patrícia
Chermont e Joana Isabel Silva* <<
>> *escrito em 06 e 07 de agosto de 2008* <<

sinto falta dos meus amigos que bebem...
sinto falta dos meus amigos que fumam...
sinto falta dos meus amigos que riem...
sinto falta dos meus amigos que fazem merda...
sinto falta de vocês todos...
nós terminamos e continuamos
e estamos aqui
vivendo nossas vidas
onde estamos nós todos?
sinto falta de falarmos sobre nossos sonhos...
sinto falta de falarmos sobre nossas raivas...
sinto falta de falarmos sobre nossos amores...
sinto falta de falarmos sobre nossas vitórias e derrotas e erros e acertos...
aqui estivemos tão felizes e tão tristes
para sempre irá residir em nossos corações
para sempre odiaremos e para sempre seremos gratos...!
sem estrada de retorno... uma vez e até o fim
tempo, por favor, diga se seremos amigos até o fim...!
este lugar me deixa tão nublado e descolorido!!!
estar aqui novamente: meu coração diminui
a felicidade em mim começa a ir embora
outra vez a tristeza e a melancolia contínuas e permanentes
felicidade, por favor, felicidade, não vá embora!
o tempo não teme despedaçar os corações das pessoas.
no dia mais claro e na noite mais densa,
a tristeza sucumbirá ante à minha presença!
eu não acredito mais nisso!

Um dos meus maiores males:
ficar deprimido muito fácil!
Eu sei que as coisas vão acontecer
mas eu nunca estou pronto.
Isso tortura de verdade o meu coração!
Eu me entristeço muito fácil.
Devo limpar as lágrimas que não estão caindo.
Um dos meus maiores males:
amar demais as pessoas!
Engolir e remoer mágoas...
não precisam se entristecerem e se magoarem:
eu fico magoado por vocês...
eu me entristeço por vocês...
eu fico extrema imensamente azedo
ao ver vocês pra baixo!
Por favor, não se entristeçam junto comigo!
não compartilhem de minhas mágoas
não compartilhem de minhas tristezas.
Um dos meus maiores males:
me afeiçoar demais as pessoas!
Oh, quão rápido meu coração fica despedaçado!
Eu sinto falta e sinto saudade...
é como se chovesse sempre...
Por favor, me deixem ir embora.
Eu imploro!,
devolvam as partes do meu coração
que vocês sempre levam
mas nunca trazem de volta!
Deixem-me dormir até que o sol tenha ido embora
e somente exista a lua crescente
e o frio do norte groenlandês.
Eu sou a tristeza banhada em melancolia...
Eu me sinto tão sozinho...
Eu nunca sentir-me-ei sozinho
enquanto puder sentir saudades de alguém.

pequeno POEMA para meus AMIGOS

>> para Renata Crespim, Livia Andrade, Cláudio Akim e Nattasha Silva <<
>> curso livre de língua alemã na Casa de Estudos Germânicos, Prof.^a MSc. Fabíola do Socorro
Figueiredo dos Reis, 18 de outubro de 2008 <<

*“sentirei falta de vocês...
vocês são meus amigos
– por isso vocês são os melhores!
desejo a vocês todos os cigarros e todas as bebidas
ah, e toda a felicidade do mundo também!
sentirei falta de suas risadas e vozes.
parte do meu coração fica com vocês!
vocês podem vir dentro de meu coração?
É o paraíso estar com seus amigos...
eu estou no paraíso quando estou com vocês!
sentirei falta de vocês.”*

Maldita ressaca!
Maldita ressaca!
Maldita ressaca!
Por quê eu acordei?
Destruir tudo de novo!
Tudo destruído mais uma vez!
Eu não vou morrer!
Eu 'tô morrendo!
Não existe esperança!
Não existe vida!
Não existe morte!
Existe somente a ressaca...!
Bendita ressaca!
Bendita ressaca!
Bendita ressaca!
Assim não penso em mulheres...
Assim não penso em vestibulares...
Assim não penso em merda alguma...
Pois meus olhos doem...
Pois minha cabeça dói...
Pois meus joelhos doem...
Ressaca!
Ressaca!
Ressaca!

!sem título!

>> 1^o ao 16^o verso, *Geografia*, Prof. Leudes Sarges; versos restantes, *Língua Portuguesa*, Prof^ª. Elisangêla;
26 de janeiro de 2009 <<

Liberdade para o meu coração!
Depois de tanto tempo
Finalmente o “Finalmente!”.
Toda a Angústia e todo o Desespero
Toda a Tristeza e todo o Sofrimento
todos foram embora
sem olhar para trás.
Agora é a minha hora de brilhar no Céu
junto
a meus Heróis e a minhas Heroínas!
Adeus, Vazio! Não farás falta e não precisas voltar!
Sê bem-vinda, Completude! Sua chegada era por muito aguardada!
Felicidade e Satisfação
são meros toscos diminutivos
para os meus
Atuais Sentimentos!
Adeus, Noites-Não-Dormidas! Todo o Sono do Mundo somente para mim!
Sê bem-vindo, Melhor-dos-Sonhos! Deitar e fechar os olhos e dormir!
Não-continuar...
Recomeçar...
Linear...
Tanto tempo se passou e o plural de trombetas cantando Triunfo enfim ressoou!
*Vielen Dank sehr, Mutter!*³
Por sempre estar e apoiar e lutar junto!
*Vielen Dank sehr, Lehrere und Lehrerinnen*⁴
Pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos!
*Vielen Dank sehr, Freunde und Freundinnen!*⁵
Por toda a energia transmitida e pelos melhores dos votos!
Durante todos estes oito anos
tantas pessoas apareceram e foram embora!
Porém, todos e todas que ficaram
nunca deixaram de acreditar e confiar:
Obrigado a vocês!
Por todo esse tempo
tantas gurias – inclusive Professoras – vieram e se foram
levando partes de meu coração
agora, com exceção de apenas uma,
pego todas de volta!
Enquanto todos os sentimentos ruins acumulados iam embora chovia torrencialmente...
E, aqueles que insistiam em ficar ou seus fragmentos, foram levados junto com a tinta em meu
corpo (levada com água e sabão) e o cabelo em minha cabeça (levada com água e sabão e

³ Do alemão, “Muitíssimo obrigado, mãe!”

⁴ Do alemão, “Muitíssimo obrigado, professores e professoras!”

⁵ Do alemão, “Muitíssimo obrigado, amigos e amigas!”

lâminas).
Renovar! Esperança!
Renovar! Ideais!
Chuvas menos frias e Manhãs mais vivas!
Anchietanos e CEFETeanos sempre tardam mas nunca falham!
Tudo ainda está longe de terminar
E – pra mim – os escombros se tornam novamente as casas e prédios e pontes que eram.
Novo Começo!
Novo Capítulo!
Sem você, eu não sou mais Infeliz!
Sem você, sem você, eu sou tão Feliz!
Novo Começo e Novo Capítulo.

O que é mais prejudicial:
ter muita esperança
ou ter pouca esperança?
Pés cobertos de areia
E corpo coberto de tinta.
Trazer a si mesmo fé e esperança
Trazer a si mesmo paz de espírito.
Mesmo quando ninguém se importa, alguém ainda se importa...
Se tudo se torna cinza no final
Talvez devamos viver do melhor modo que pudermos.
Mesmo quando alguém que se importa, quem se importa afinal?
Saber o que se realmente quer,
Às vezes, pode ser o verdadeiro inferno.
E será que não saber o que se quer
Às vezes pode ser o melhor conforto?
O que é pior:
Ter esperança ou não ter tipo algum de esperança?
Certo ou errado, certo e errado
Vitória ou derrota, vitória e derrota.
Medo, medo e coragem, medo e coragem e esperança
Medo e coragem e esperança e raiva.
E o que fazer quando somente você pode se abraçar?
Não há mais medo, não há mais coragem,
Não há mais esperança, não há mais raiva,
Não há mais importância, não há mais desespero ou tristeza,
Não há mais vitória, não há mais derrota:
Existe somente o Vestibular.
O que é Vestibular?

Pra onde você vai?
Pra onde você vai?
Pra onde você vai?
Existe algum lugar realmente bom para onde você possa ir?
Existe?
Sofrer e viver e continuar continuando
– Continuar para onde?
Ainda existe sol para você, cara?
Se angustiar
nos angustiar.
Onde está seu coração?
Onde está a sua vontade?
Existe algum lugar realmente bom
para onde você possa realmente ir
e que você possa realmente ficar
e realmente chamar de lar?
Ainda existe Manhãs para você, bicho?
Ainda é a sua hora
de gritar para implodir prédios e derrubar satélites:
ainda não terminou!
Sua hora de chorar
até encher piscinas de treinamento de astronautas:
já se findou?
Existe alguém para se culpar
por estares permanentemente sentado neste ponto-de-ônibus
enquanto chove incessantemente?
Fazer?
Pensar?
Agir? [(Re)Agir?]
Então quando vai finalmente chegar
seu momento
de voltar do caminho que leva ao fim-do-mundo-plano?
Quando?
Destruir? (o que? como?)
Construir (o que? como?)
Como? Quando? Por que? De onde? Onde? Para onde?
Inúmeros planos de questionamento –
onde estão as malditas respostas

!sem título!

>> para José Rafael Pimentel Barata e Mãe Laura Nisinga Cabral, Jorge “Chorão” Carvalho, Lenina Elizabeth e Larissa Silva, Luciana Vanessa Silva Souza, Márcio Cesar Takemura, Rafael “Farra-el” Monte, Karen Carmona e Victor Pitts <<
>> Teoria e Compreensão e Produção em Alemão III,, Prof. Dr. Prof. Reinhardt Michael Eugen Arnegger, 09 de maio de 2010 <<

A vida é feita de partidas e despedidas
E todos nós nascemos para viver e sofrer e morrer
E sentir saudade de pessoas que partiram
E que nem sempre conseguimos nos despedir
E que sempre ser-nos-ão especiais.

Aviões decolando e ônibus acelerando e trens sumindo no horizonte
Levando corações embora
Estruturando e edificando memórias e saudades
Para sempre
Até o sempre tornar-se tão frio quanto no amanhecer.

Fotografias e lágrimas e lembranças
Histórias para serem contadas e lembradas
Pegadas em solo lunar
Inscrições em cavernas
Anéis nos troncos de árvores
Cemitérios vikings
Estátuas ancestrais.

Tudo o que foi perdido nem sempre está completamente perdido
Se, em algum momento, algo começa a fazer sentido
Passa a ter algum certo significado
Mesmo que seja pequeno e continue assim.

Pessoas vêm e vão
Pontes aéreas e estações e cemitérios e berçários.

De alguma maneira, o antigo deve dar lugar ao atual
O atual aprender sempre com o antigo
– e Ciclos que começam devem ser terminados:
Queimar e se tornar cinzas.

Amigos e amigas que vêm e vão
Livros em estante sempre lidos
Sorrisos iluminando universidades
Olhos enchendo poças e piscinas e aquários.

VELOCIDADE e PESO e ACELERAÇÃO

>> *Ensino e Aprendizagem de Língua Alemã II, Prof^a. Patrícia Moeller-Steffen, 18 de dezembro de 2012* <<

Todos somos crentes
Que a humanidade não tem salvação
Dançando na rave
Antes da inegável auto-destruição.
Porque, na verdade, não passamos de um imenso caso perdido
Se você for parar e prestar bastante atenção
Vai enfim perceber que, na realidade, 'tá todo mundo fudido.
Eu, por exemplo, ainda não sei o que quero, só o que não vou fazer
Mas, na verdade, não tenho mais tempo e não posso me dar o luxo pra parar pra escolher!
O caso não é falta de perspectiva:
O caos se baseia do fato em não saber o que quero da vida!
E então me descubro como um motor
Movido a frustração, raiva, desespero e amor
Funcionando sem parar
Trabalhando sem parar
Sendo alimentado imediatamente
Diariamente, Incessantemente, Continuamente
Funcionando sem parar
Trabalhando sem parar!
Usina de energia movida a saudade, arrependimento e pesar
Sentimentos destruidores que fazem o mundo funcionar
FUNCIONAR!

!sem título!

>> para João Leonardo Martins <<

>> 11 de setembro de 2013, Prática de Ensino e Aprendizagem de Alemão, Prof.^a. Odinéia Bastos Amaral <<

Se fizerem uma pintura sua, tem uma auréola na sua cabeça
E também uma estrela olhando pra você.
Não sou cristão, mas você é a resposta das preces -
Cachorros filhos da puta especiais como você não são encontrados em esquinas...
Eu não tento mais entender como encontro gente como você...
Se meus amigos da UFPA e do CEFET te conhecessem
(QUANDO eles te conhecerem!)
Vão te amar e te idolatrar e até os ouço dizer não sem motivo:
“Caralho, Leo, você é um cara muito foda!”
Impossível não te pedir não nos matar de preocupação
Gente como você veio pra fazer barulho e ser ouvido.
Insatisfação e raiva e frustração são os motivos condutores?
Melhorar tudo pra todos e não pra alguns poucos!
Cara, cadê você? Aí em Belo Horizonte.-
"Tô aqui em Belém, fecho os olhos e te ouço falar algo e até com as mãos
Ai bate a saudade e dá vontade de chorar.
Talita, Clau, Júlia, Elisiane, Juh e eu temos inveja e ciúme verdadeiros e saudáveis da Danielle, [da
Camila, do Guto, do Rodrigo e do Ricardo
Porque eles 'tão sempre bem perto de você...!
Cara, cadê você? Nas nossas melhores memórias:
Uma semana é uma vida inteira e sempre teremos isso conosco.
Será que vai demorar muito pra nos termos todos como uma matilha?
Cante para nós com suas risadas e sua felicidade e bem-querer contagiante de forma que [fiquemos
doentes e nunca queiramos melhorar.
Tudo vai melhorar, um dia vamos nos ver de novo
Ah, seus abraços novamente e suas lágrimas que não quebrarão os nossos corações!
Não lembro mais como nos conhecemos mas isso não importa mais agora...
O que importa? Importa é o Agora e o que temos agora conosco
E que nós te amamos e não te desejamos nada menos e nada além do que o MELHOR!
Obrigado pra sempre por aparecer pra nós
E muito mais ainda por nos acolher e estar conosco onde iremos:
Nosso Grande Amigo e Nosso Grande Irmão LEO!

tudo que SEGUE

>> para Heverton Clay Sousa Nonato (e pra mim também) <<
>> 07 de novembro de 2016 <<

*“Que relevância pode existir
Em lamentar agora o que não fez?
Se arrepende por cometer
Os mesmos erros outra vez”
– Dead Fish, “Exílio”.*

Todo dia alguém morre
Todo dia a gente sofre
(só não admite em voz alta)
Todo dia o sol nasce
Todo dia alguém nasce
Todo dia nunca se sabe
Todo dia a vida para para alguém
A vida não para pra ninguém
Todo dia o dia todo dia a vida segue
A Vida Segue
A vida segue
E eu parado aqui morrendo todo dia
somente existindo
fingindo nascer
em contínuo processo de morrer
Morrer pra quando?
Morrer quando?
Eu me vejo como essa antítese evolucionária:
pessoas nascem para evoluir e contribuir e produzir
e eu só piorando, deteriorando,
vento me soprando, vento soprando, pr'onde?
Barco de papel descendo vala entre calçadas que afastam ruas asfaltadas e estruturas edificadas
Vida segue
Maré segue
Mundo segue
Não se deixa de viver, mas então o que é viver?
Vida segue
Maré segue
Mundo segue
Barco segue
Na vida eu sigo quem ou na vida quem me segue?
Vida segue
Maré segue
Mundo segue

Barco segue
Tempo segue
Na vida quem me cegue ou o que me cegue e o que me cega?
Cego, cegando, escuridão, clarão
33 de mim perdidos estagnados cegos nesse mundão
escrevendo poesia e prosa sem sentido, vetor e direção
Vida segue
Maré segue
Mundo segue
Barco segue
Tempo segue
Elas todas seguem
E não se pregam a passado já passado superado não-lembrado
dois deitados em abraço
mas tudo agora já apagado
ou guardado numa caixa esquecida propositalmente no fundo do armário

Segue Vida e Maré e Mundo e Barco e Tempo e Elas todas seguem
eu segui? eu não segui
me permiti encantar-maravilhar-iludir e por fim, me iludi
e não segui

Chorar até chover

até chover

até chover

até chover

Sangue

Chuva-Ácida

Ácido

Gasolina

Combustível-para-Foguete

[qualquer coisa inflamável]

serve inclusive Mercúrio-Líquido e Suco-Gástrico.

Chorar até fazer chover

não vai resolver

Fazer chover de tanto chorar

não vai fazer passar

Seja o que for

Que provoque a colisão de átomos até se repelirem

E se reduzirem

à suas menores partes

até então estas indivisíveis

Mas

independente do que aconteça

do quão fodidamente ruim esteja

Chorar até fazer chover

não vai resolver

Fazer chover de tanto chorar

não vai fazer passar.

LITERATURAR

>> 01 de setembro de 2017 <<

Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar

Porque TUDO É TEXTO

E todos os Textos são COMUNHÕES DE OUTROS TEXTOS

Que são COMUNHÕES DE OUTROS TEXTOS

Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar
Literaturar

o que NÓS PRECISAMOS

>> 01 de setembro de 2017 <<

O que nós precisamos?

Precisamos daqueles que sonharam pouco
que sonharam muito
que sonharam.

Não precisamos daqueles que não sonharam.

Precisamos daqueles que sonham.

Precisamos daqueles que amaram pouco
que amaram muito
que amaram.

Não precisamos daqueles que não amaram.

Precisamos daqueles que sonham.

Precisamos daqueles que amaram pouco
que amaram muito
que amaram.

Não precisamos daqueles que não amaram.

Precisamos daqueles que sonham.

Precisamos daqueles que tiveram pouca Esperança
que tiveram muita Esperança
que tiveram Esperança.

Não precisamos daqueles que não tiveram Esperança.

Precisamos daqueles que têm Esperança.

Precisamos daqueles que escreveram pouca Poesia e Prosa
que escreveram muita Poesia e Prosa
que escreveram Poesia e Prosa.

Não precisamos daqueles que não escreveram Poesia e Prosa.

Precisamos daqueles que escrevem Poesia e Prosa.

O que tens além de Sonhos?

Precisamos de você.

O que tens além de Amor?

Precisamos de você.

O que tens além de Esperança?

Precisamos de você.

O que tens além de Poesia e Prosa?

Precisamos de você.

O Futuro precisa de você

Nós, convosco, construiremos o Futuro

Embora talvez o Futuro não saiba que precise de nós

Ele ainda não sabe que precisa de nós todos

Porque o Futuro precisa de Sonhos e Amor e Esperança e Poesia e Prosa

Porque o Agora precisa de Sonhos e Amor e Esperança e Poesia e Prosa.

CRISES: SENTIDO, HERMENÊUTICA e MEMÓRIA

>> 1^o ao 36^o verso: *História e Teologia das Religiões Afro-Brasileiras*, Prof.^a Dr.^a Taíssa Tavernard de Luca, 25 de outubro de 2017 <<

>> versos restantes: *Teorias e Métodos em Estudos de Religião*, Prof. Dr. Donizete Aparecido Rodrigues, 26 de outubro de 2017 <<

Onde estamos?
Por que estamos?
Não tem Sentido
Não faz Sentido
Não vejo Sentido
Por que não consigo ver o Sentido?
Se uma vez já fez Sentido, não há mais Sentido.
O Sentido já acabou?
O Sentido foi apagado?
Quem apagou o Sentido?
Sentido e Sentidos
Muita coisa já não faz Sentido
A Hermenêutica da Hermenêutica
Quando não há mais Sentido, ainda há Hermenêutica?
Quando não há Sentido, há Hermenêutica?
Quando não há (mais) Sentido, ainda poder haver/há Hermenêutica?
Há Hermenêutica na perda do Sentido?
Há Hermenêutica no processo de perda do Sentido?
Há Hermenêutica na perda da Memória?
Há Hermenêutica no processo de perda da Memória?
Quando não há mais Memória, ainda há Hermenêutica?
Quando não Memória, ainda há Hermenêutica?
Quando não há (mais) Sentido, ainda poder haver/há Hermenêutica?
Onde estivemos?
Por que estivemos?
Sentido – houve Sentido?
Memória – houve Memória?
Hermenêutica – houve Hermenêutica?
Onde estaremos?
Por que estaremos?
Sentido – ainda – haverá Sentido?
Memória – ainda – haverá Memória?
Hermenêutica – ainda – haverá Hermenêutica?
O Sentido de ir embora onde não há Hermenêutica e Memórias em formação constante...
O Sentido de ir embora onde não há mais Sentido ficar...

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 83

A Hermenêutica de não fazer Sentido onde não faz mais Sentido...
Como preencher os pré-requisitos epistemológicos específicos para ficar e fazer Sentido?
Como preencher os pré-requisitos epistemológicos específicos para ficar em um lugar que não-mais
atende necessidade de estar bem fazer Sentido?
Para que o Sentido não entre em Crise:
creio que o melhor seja ir embora.
Para que o Sentido saia do estado de Crise:
Qu4eimar combustível alimentando foguetes e então voar para bem fora
Até que tudo se torne e seja apenas Memória
Impossível de se considerar Objeto-de-Estudo-e-Pesquisa
E então ser submetido à análise de viés
hermenêutico.

RÜCKENTWICKLUNGSLIED⁶

– primeira versão

>> 14 e 15 de novembro de 2017 <<

Então é hora novamente de partir
Ir embora sem ter pra onde ir
Sair daqui sem ter necessariamente uma direção
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

Comparar um país em guerra e um barril de pólvora
Atualizar taxas de mortalidade a cada hora
Em qual país infanticídio não é sinônimo de feminicídio?
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

Quem não conhece alguém que tenha Depressão?
Medo ou pânico de sair de casa?
Não dar Educação e Exemplo e sim uma Arma?
Que a solução para a Pátria seja sucateá-la e botá-la em leilão?
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

É uma espécie condenada desde sempre ao fracasso
Transformando sua casa em seu caixão
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

⁶ „Rückentwicklungslied“, do alemão, significa “Cantiga da Involução”.
MALAFAIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar,
tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 85

RÜCKENTWICKLUNGSLIED

– versão definitiva

>> Agradecimentos mais que *Especiais à Helena Vitali Bello*, pela frase “Por mim as folhas de outono podiam não cair”, de 06 de novembro de 2012, que desencadeou o texto <<
>> 14 e 15 de novembro de 2017 <<

Por mim, as folhas de outono não caíam
Por mim, as estrelas não apagavam
Pessoas não morriam, nem matavam
Multinacionais não poluíam, tampouco desmatavam
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

Comparar um país em guerra e um barril de pólvora
Atualizar taxas nacionais de mortalidade de meia em meia hora
Em qual país infanticídio não é sinônimo de feminicídio e indiocídio?
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

Quem não conhece alguém que tenha Depressão?
Medo ou pânico de sair de casa?
Que Educação e Exemplo não resolvem e sim dar uma Arma?
Que a solução à Pátria seja sucateá-la e botá-la em leilão?
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

É uma espécie condenada desde sempre ao fracasso
Em um processo sempre cadenciado de transformação
Da própria casa em um caixão
Esta é a espécie humana
Após cerca de meio milhão de anos de
Involução

SONHOS COLORIDOS

com

PAPEL CREPOM

>> 23 de novembro de 2017 <<

>> 01^o ao 26^o verso escritos no Guajará Ver-o-Peso <<

>> versos restantes: Teoria e Métodos em Ciências da Religião, Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes
Júnior <<

Eu te vi dormindo de olhos abertos
Com o que sonhavas tu?
Sonhavas radiantemente com uma usina nuclear
Caindo do céu.
Sonhos coloridos, sonhos coloridos de papel crepom:
Sonhos lvidos e vividos
De completa extino
Da espécie humana.
Uma vez sonhei com um mundo totalmente
Reciclável
Porém nem tudo se recicla
Por exemplo, algumas ideias e ideologias
E muitos sonhos e conceitos e doutrinas.
Afinal, quais serão as ideologias e doutrinas
Que nos salvarão de nós mesmos
– se  que temos alguma chance de redeno ou salvao?
Se conseguimos chegar até aqui e agora
 devido a muitos -cdios, subjugao de civilizaoes
Imposio de religioes e completo estupro do meio ambiente
Em todas as possíveis condioes.
Sonhos atualmente são coloridos a computador, caneta piloto, caneta quatro cores e lápis de cor
Mas o mundo têm já foi sonhado
Com tinas tiradas de pedras, minérios, folhas, cascos e ervas
Quando o ser humano ainda tinha plena ciência
Que era somente um personagem em uma peça
E não roteirista e diretor.

Quando
Ficamos tão arrogantes?
Como
Nos tornamos tão prepotentes?
Para onde
Foram nossa Humildade e Respeito?
Por que
Nos voltamos tanto para dentro de nós mesmos
A ponto
De nos esquecermos
De nós mesmos?

Quando – Nós – Nos – Perdemos? – Esquecemos?
Como – Nós – Nos – Perdemos? – Esquecemos?
Onde – Nós – Nos – Perdemos? – Esquecemos?

Quando e Como e Onde
Desaprendemos a cantar a
Canção do Mundo?

Quando e Como e Onde
Desaprendemos a pintar o Mundo com suas cores?

Quando e Como e Onde
Desaprendemos a sonhar o Mundo colorido?

sabemos as respostas de todas estas questões

Temos coragem de proferí-las em voz alta?

LÁPIS QUEBRADO *por dentro*

>> 02 de abril de 2018 <<

Não é fácil encontrar as palavras
Tudo é Escuridão e Apatia
E Imobilidade travestida de Desespero.
Sei que não há uma forma de vencer na vida
Mas afinal o que eu consegui além de estar vivo?
Não que eu deva ser e significar obrigatoriamente algo pra alguém
Mas não consigo ser e significar nem mesmo pra mim
Então qual é o sentido em nada ter sentido?
Eu não vivo, não produzo, não sinto e não penso
Eu só e simplesmente existo.
Pra quê e por que só e simplesmente existir?
E isso na melhor das hipóteses
Talvez eu nem mesmo exista.
Sei que nada está fácil, sei que pouca coisa se mostra correta, convincente e com conteúdo
Mas onde no caminho deixei minha determinação completamente de lado e fiquei tão borrado e
apagado?
Atualmente andamos, muitos de nós, com cada vez menos respeito e empatia às pessoas, a ponto de
mágoa-las e destruí-las cada gratuitamente e automaticamente
A ponto de fazer conosco próprios
E nossos mundos se tornarem cada vez mais inóspitos
E se eu já tiver sangrado tudo e não sinta mais nada além de afasia perante a tudo e vivendo
somente no piloto automático
Desta vez sem máscaras e sem me enganar?
Pra onde ir afinal, eu me rebelei ou não fui porque não queria/consegui admitir fraqueza e
incapacidade?
E, agora somente a mim, à Musa Literatura, porque preciso mas não consigo dormir tamanhas 02.52
de uma segunda-feira dessa semana que promete ser o caos.
O caos: o caos á terminou o caos já começou estamos/estou em processo de caos?
Se não consigo ver um passo adiante por estar escuro e eu ser/estar cego, que dirá determinar em
estado calamitoso
No qual eu arbitrariamente me encontro sem perspectiva de sair?
Agora voltarei a dormir depois de desabafar
Só meu joelho e mão ralados não me deixam dormir logo.
Eu tava até que com muito sono e dormindo até que minimante e relativamente bem
Até meu cérebro me lembrar dessa minha situação lascada
Mas pelo menos e olhando pelo único lado positivo dessa condição assaz empiriquitante:
Não tenho filho de nenhuma espécie pra me deixar pior que já estou, se é que isso é de alguma
forma possível.
Mas eu preciso mudar pra poder mudar.
Mudar de onde...?
Mudar para onde...?
Como mudar...?
O que mudar...?
Eu quero mesmo... O quanto eu quero mesmo mudar?

melhorar

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 89

TEM *uma* PARTE do meu CORAÇÃO CHAMADA “GIBITECA DO CENTUR”

>> 15 de maio de 2018 <<

Talvez eu nunca canse de vir aqui
Eu deveria vir aqui mais vezes,
Muito da minha infância e grande parte da minha adolescência
Foram aqui.
Eu entro e todos os problemas e todo o ruim ficam do lado de fora
E só voltam a existir
Quando já estou em casa novamente.
Essa é a realidade à parte onde eu deveria me isolar
Mais vezes
E não no escuro do meu quarto
Pelado na frente do computador
Lendo o que talvez nunca seja publicado
No Brasil.
Se pudesse, eu seria velado aqui antes de ser cremado
Quantos antes de mim já quiseram ser aqui velados
Mas não puderam
Como eu também não poderei?
Mulheres têm cheiro de flores
Livrarias cheiram a livros novos
Mas quem resiste a cheiro de livros e quadrinhos
Em uma biblioteca?
Tem uma parte do meu coração
Chamada “Gibiteca do Centur”.
Seria tão legal de, das janelas dessa Gibiteca,
Desse pra ver o rio
Correndo...
Corre rio, corre vida
Correr os olhos pelas páginas dos gibis
Antes ser mais um super-herói do que mais um
Rosto ordinário esquecível esquecido na multidão.
Alivia a dor
Reduzir o sofrimento
(Talvez) Minimizar o sofrimento
Quando voltar pro
Mundo real.
Sempre há a insofismável volta a o mundo real
Quando termina o horário de funcionamento do Centur
E tem-se de ir embora desta
Realidade à parte
Gibiteca.

Lápis gasto
De tanto escrever
Notas e poesias.
Eu deveria escrever mais
Mas ando muito
Vagabundo e relapso.
Também deveria
Produzir mais
Academicamente
Mas ter muitas ideias por semana
E desencavar projetos arquivados de artigos
Não é exatamente
Produzir.
Também poderia, também já deveria
Ter terminado de escrever
Toda a
Dissertação
Já sei tudo e
Definitivamente
O que fazer
Mas a preguiça é maior
A má-vontade mais ainda
A vontade-de-não-fazer nem se fala
Nem vou comentar sobre
O consumo de HQs e
Pornografia
Ou mesmo
Ficar deitado embrulhado
Olhando pro teto
Eternamente
Enquanto chove
Diariamente
Torrencialmente.
Poderíamos
Ficar deitados embrulhados
Olhando pro teto
Enquanto chove
Diariamente
Torrencialmente.
Poderíamos?
E abraçados
Ou não.
Mesmo porque
Mesmo sem nós
O mundo não vai parar de girar

E nenhum PPG
Parar de funcionar.
Não me importo mais
Se anoitece ou amanhece.
A vida não passa diante dos meus olhos
Quando está completamente escuro.
Não existirá PPG
 Quadrinhos
 Pornografia
 Dissertação
 TCC
 Artigos
Enquanto estivermos deitados abraçados
Olhando pro teto
No escuro
Enquanto chove
Diariamente
Torrencialmente.

INÁCIO-BREDA-FLUSS

>> escrito sobre post no Twitter de Roberta Inácio Breda do dia 28 de maio de 2018 <<
>> 30 de maio de 2018 <<

*“In this river all shall fade to black
Ain’t no coming back”*
– Black Label Society, *“In This River”*.

Um rio, ao passar embaixo de uma ponte, não é mais o mesmo rio.
Um rio, após se encontrado com outro rio, não é mais o mesmo rio.
Um garoto, após ver um rio que nunca viu, não é mais o mesmo garoto.
Um garoto, após se banhar em um novo rio, não é mais o mesmo garoto.
Eu não sou mais o mesmo garoto depois daquele telefonema...
Eu não sou mais o mesmo garoto depois que anoiteceu aquele dia...
O quanto de nós morre junto com quem morre?
O quanto levam de nós:
O quanto permanece delas em nós?
Não se é o mesmo depois do vento bater em seu rosto...
O quanto um poema é o mesmo depois de ser lido?
Quando ‘cê morreu, eu fui todo junto?
Quando ‘cê morreu, eu renasci outro completo outro?
Quando um garoto entra em um helicóptero com uma M-16⁷ ele não é mais o mesmo.
Quando ele desce em uma zona quente em um arrozal, ele não é mais o mesmo.
O arrozal não é o mesmo...
A cada situação nova, nascemos e morremos...
A cada novo (nascer do) dia, nascemos e morremos...
O quanto nascemos e morremos a cada novo (nascer do) dia?
Contagem regressiva
Escala decrescente
Espiral descendente
Parece que não faz mais frio ou calor desde quando se fostes
Sempre quando chove e alaga a cidade, eu que afundo, de olhos fechados
Querendo sempre mais descer cada vez mais, abismar-me e esquecer-me do mundo
Sendo também por este esquecido.
O braço do rio Guamá que corta os *campi* profissional e básico do campus Guamá da UFPA
Não é mais o mesmo a cada vez que chove
Ou mesmo passa abaixo das pontes que ligam estes *campi*.
Como o rio, como este rio, deveríamos correr indiscriminados e indiferentes
Ao sol, aos amantes, a quem nasce e a quem morre?

⁷ Arma de fogo do tipo rifle/fuzil de assalto de calibre 5.56 milímetros, desenvolvida e fabricada pelas empresas estadunidenses H&R (fundada em 1871), General Motors (fundada em 1908) e Elisco, por ordem das forças armadas dos Estados Unidos, sendo uma adaptação do rifle/fuzil de assalto AR-15, de calibre .223 Remington, desenvolvido e fabricado pela Armalite, fundada em 1951, subsidiária da empresa também estadunidense Colt, fundada em 1855.

O rio permanece, nós permanecemos?
O rio leva, nós levamos ou somos levados?
O rio não morre mas renasce:
O quanto e como morremos e como e quanto renascemos?
O vento se quebra em obstáculos, mas segue ventando:
O quanto seguimos quebrando e quebrados continuamos ventando até não conseguirmos mais ventar?
O quanto ventamos? O quanto somos vento?
O quanto somos rio?

Então o que há?
Então para onde vai?
Para onde os medos vão quando deixa de ser
Medo?
Para onde vão as esperanças quando deixam de ser
Esperanças?
O que os medos se tornam quando deixam de ser
Medos?
O que as esperanças se tornam quando deixam de ser
Esperanças?
Para onde o amor vai quando deixa de ser
Amor?
O que o amor se torna ao deixar de ser
Amor?
De onde forças para levantar?
Para sair da cama?
Tomar banho e não ficar deitado
Ou mesmo sair de casa?
Para onde a tristeza vai quando deixa de ser
Tristeza?
O que a tristeza se torna ao deixar de ser
Tristeza?
E quando é chuva de final de tarde
Que traz o anoitecer
E o quarto é sempre escuro e silencioso?

GETÖTETMANNLOBLIED⁸

>> 22 de outubro de 2018 <<

Era uma vez um Morto
Não era tão Morto assim
Estava... Era vivo como nós
quase quanto
tão
Sé que é possível chamar um pós-gradua(n)do de
Ser vivo.

Era uma vez um Morto

Bom dia, Morto!
Como está, Morto?
Como vai, Morto?

O Morto dava a impressão de estar vivo
Quando o vento quebrava em seu rosto

Oi, Morto!
Olá, Morto!
Hey, Morto!

O Morto vive em arrependimento
Diariamente se condenando
Incessante amaldiçoando
Por nunca recusando
Ir sempre
a
atender
E como o Tempo não nada de volta contra Si
Pra ninguém
Não voltava nem mesmo por
Ele

“É a última vez naquela cama”

(promessas de homens mortos)

“É a última vez com aquele corpo”

(valem de alguma coisa)

“Foi a última vez dela na minha cama”

(para alguém?)

⁸ „Getötetmannloblied“, do alemão, significa “Cantiga do Homem Morto”.

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 96

Homem Morto
Humano Morto
Pós-Graduando Morto

Para Vós não há mais calor do sol à manhã
Para Vós não há mais vento gelado do rio à madrugada

Para Vós, há liberdade, Homem Morto!

O que é a Liberdade para um Homem Morto!

Adeus, Morto...!

Tudo o que vejo são raízes de grandes árvores arrancadas e amontoadas e expostas ao sol...
Tudo o que vejo são reformas inacabadas e/ou mal-executadas...
Tudo o que vejo são gurus e gurias que nunca mais verei novamente...
Aqui é a minha casa
Aqui já foi a minha casa
E não lembro de ter me sentido deslocado assim
Mesmo no tempo da graduação.
A luz do sol parece aquecer mais:
Na Perimetral agora tem um motel perto do NPI.
Reformaram e ampliaram as rotas principais que levam ao campus:
Vão abrir um posto da Petrobras onde era um grande terreno baldio.
Tudo o que vejo não é nada de novo:
Antes melhorar a passo de tartaruga velha do que anda melhorar...!
Reconheci a professora Fátima pelos olhos e sorriso
Ela também fica bem bonita de cabelos bem curtos
Está de nova armação de óculos, ainda bem que a doçura em seus gestos e voz não mudou nada.
E a melhor parte, claro!, foi ter visto e falado com a Giselda
GISELDA! GISELDA! GISELDA!
E a ter abraçado e posto a conversa em dia e ter ajudado na pesquisa dela
É sempre legal vê-la, muitão...!
Tudo o que vejo é a Almirante Barroso cada vez mais caótica
Para ir
Tudo o que vejo é a Augusto Montenegro cada vez mais conturbada
Para voltar
... Para Casa...
... Para Casa...
Amor e Ódio, que vontade de voltar...!
Amor e Ódio e Frustração e Saudade, que vontade de voltar...!
Só pode ser, será que é Síndrome de Estocolmo para querer voltar...?
Tudo o que vejo é a Universidade Federal do Pará.

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Raivas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Memórias e Lágrimas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Frustrações e Mágoas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Raivas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Memórias e Lágrimas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Frustrações e Mágoas...!

Canoas aos rios ainda ao anoitecer
Partir cedo cedo cedo cedo
Antes de amanhecer

Construa sua canoa
Construa sua canoa
Não use pregos para prender as ripas e sim
Mechas de cabelos de Moças
Mechas perfumadas por coroas
Coroas de flores
Coroas com flores

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Raivas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Memórias e Lágrimas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Frustrações e Mágoas...!

Não adianta se iludir – tu também navegarás
Não adianta mentir pra si – eu também vou navegar
Navegar, navegar
Partir sem se despedir
Navegar, navegar
Partir sem olhar para trás
As memórias para trás...
As saudades para trás...
Os amores para trás...
As luzes da cidade para trás...

Tudo vai passar
Talvez a Raiva e a Frustração e a Mágoa
Não vão passar
Talvez o Tempo não vá curar
Nada

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Raivas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Memórias e Lágrimas...!

Adeus!, Adeus!, Adeus!
Pra quem já desceu este
Rio de Frustrações e Mágoas...!

Hora, agora é hora de
Construir canoa

Hora, está próxima a hora
De descer o Rio

Rio?
Que Rio?
Não há Rio
Ser o Rio

Descer o Rio... Descer o Rio... Descer o Rio...

Adeus!,
Adeus!,
Adeus!

naquele DIA... desd'aquele DIA...

>> para Rosinaldo Costa Melo e Jackson Siroteaux Reis da Silva <<
>> 23 de novembro de 2018 <<

Naquele dia não choveu...
Desd'aquele dia não choveu mais.
Naquele dia os rios secaram...
Desd'aquele dia não encheram novamente.
Naquele dia os amantes não se olharam...
Desd'aquele dia não se olharam mais.
Naquele dia os amantes não se olharam...
Desd'aquele dia não se olharam mais.
Naquele dia a mãe não quis segurar seu bebê...
Desd'aquele dia não quis mais segurar.
Naquele dia o professor não quis entrar em sala...
Desd'aquele dia não entrou.
Naquele dia eu era um adolescente:
A sociedade, em suas eternas e inexoráveis esquizofrenia e loucura, me, já me considerava um
[homem...
A sociedade, em suas imutáveis e monolíticas insensatez e hipocrisia e esquizofrenia e loucura, me,
[ainda me considerava um menino...
Desd'aquele dia eu ainda sou adolescente
Esperando alguém me dizer
Que não aconteceu, que foi engano.
Até quando esperar?
Até quando (vou) esperar?
Chover...
Os rios encherem...
Os amantes se encararem...
As mães terem seus filhos nos colos...
O professor entrar em classe...
Naquele dia não anoiteceu...
Desd'aquele dia não anoitece.
No dia seguinte aquele dia não amanheceu...
Desd'aquele dia seguinte não amanhece.
E se só chover de novo
E se os rios só encherem novamente
E se os amantes só se amarem novamente
E se as mães só tiverem os filhos aos braços novamente
E se o professor só entrar em sala novamente
Quando novamente nos encontrarmos,
Meu Irmão?

DEZ ANOS, DEZ ANOS, DEZ ANOS,

>> 12 de dezembro de 2018 <<

São dez anos de mesmo ônibus
dez anos de mesmo trajeto
mesmo ponto de entrada
de saída
final da linha
terminal de embarque
e desembarque

Eu mudei? O quanto mudei? No que mudei?
Não consigo pensar no que mudei para melhor
O que mudou? O quanto mudou? No que mudou?
Não consigo ver (n)o que mudou para melhor

Cartazes de filmes da Netflix em ônibus que dão a impressão, seria impressão, forte impressão de
[desmontar a cada arrancada de cada parada para pegar passageiros
Insofismavelmente não é melhoria
De modo incontestemente passagem de ônibus a três reais e trinta centavos pra uma média de dez ônibus
[por dia dando prego e combustível a três reais e trinta e três centavos
Não é melhoria de modo algum

São dez anos passados
E não consigo não me ver melhor do que quando ingressei à academia
Salvo raríssimas exceções, é como se todo dia fosse o mesmo dia
Alienado em mim mesmo
e por mim mesmo
Pra que mesmo?
Estar alienado em si mesmo e por si mesmo – é estar com o corpo submerso e a cabeça emersa em
[um mar de água parada e o céu estando imutável e à cor da água
e os pés não tocarem o chão
ou estarem fixamente presos a este

Dez anos do mesmo ônibus
Dez anos do mesmo trajeto, mesmos pontos de entrada e saída
Dez anos do mesmo terminal de embarque e desembarque
Dez anos mas ao mesmo, pelo menos, agora sim e enfim
As portas de entrada e saída de portadores de necessidades especiais quanto à mobilidade, e seus
respectivos elevadores, funcionam efetivamente e sem falhas

CHUVARAL

>> 13 de dezembro de 2018 <<

>> Agradecimentos Especiais à Priscilla Thaynara Oliveira da Silva <<

Ah!, Chuvaral!
Eia!, Chuvaral!
Eita!, Chuvaral!
Chuvaral de fim de tarde na UFPA!
O Mundo vai cair?
O Mundo vai cair!
Qual dos Nove Mundos vai cair
Se este Chuvaral derrubar Yggdrasil?
Toda vez que chove assim aqui
É Jotunnheimr se desfazendo?
Se Jotunnheimr se desfizer em um Chuvaral sobre a Federal
Se Jotunnheimr decomposta em Chuvaral alagar a Federal
Pai Boi Pavulagem e Mãe Vaca Audumbla
Guiar-nos-ão!
À Bragança ou a Soure ou à Cameté
Onde estão lá, HAH!, cantaremos e comeremos e dançaremos
Todos os dias sem parar por um ano lunar!
Ou mesmo de janeiro a janeiro
Ah!, Ah!, Ah!, Chuvaral!
Eia!, Eia!, Eia!, Chuvaral!
Eita!, Eita!, Eita!, Chuvaral!
Se Jotunnheimr
Ah!, Chuvaral! Ah!, Chuvaral!
Sem dedos suficientes para contar quem já parou para contemplar essa chuva de tarde na Federal!
Eia!, Chuvaral! Eia!, Chuvaral!
Um “Salve! Salve!” para quem já amanheceu para ver o transitar do enegrecido para cinza-
[esbranquiçado em uma Universidade Federal!
Eita!, Chuvaral! Eita!, Chuvaral!
Adeus, Negra-Moça! Lembre de eu, Clara-Moça! Saudade desde já dos olhos teus, Mestiça-Moça!
Eu vou embora com este
Chuvaral!

METODOLOGIAS, PROCESSOS, PROCEDIMENTOS e HIPÓTESES *de* ALIENAÇÃO e AUTOALIENAÇÃO

>> V Semana de Ciência Política e I Fórum de Pós-Graduação em Ciência Política, 20 de dezembro de
2018 <<

alienado
em si mesmo
alienado
por si mesmo
alienado
por opção
alienado
estado
de estagnação
o que te aliena por vontade própria?
é a mesma coisa que me aliena?
poder-se-ia
determinar
estatisticamente
níveis de alienação?
se sim
a partir
de quais
hipóteses?
poder-se-á pontuar
metodologias
de alienação
e consequentemente
– por fim –
classificar
o que: aliena quem?
o que: aliena quantos indivíduos?
quais os níveis destas alienações em
grupos de indivíduos?
estudos
processos de alienação
e desalienação

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafáia, 2020. **104**

e motivos
destas
seria possível
serem pesquisados
somente por
seres lúcidos
ou também
inquiridos
por alienados
 em si mesmos
 e
 alienados
 por si mesmos?

o ARRAIAL dos EQUIVALENTES a ANJOS de RELIGIÕES não-abraâmicas

>> 03 de janeiro de 2019 <<

*“Eu amo, e sofro.
Tu amas, e sofres.
Ele ama, e sofre.*

*Nós amamos, e sofremos.
Vós amais, e sofreis.
Eles amam, e sofrem.”*
– Marcos Almeida, “*Verbos*”.

No arraial dos equivalentes a anjos de religiões não-abraâmicas
Discute-se o quão humanos não sabem viver em sociedade
Tampouco e nem menos em relacionamentos a dois e independente do nível
Ao redor de uma mesa, confabulam o quanto não dá mais pra levar adiante quando só um dos
[contratantes gosta
E/Ou um gosta mais que o outro
E/Ou quando um gosta dos dois pelos dois.
No final não é só sobre gostar, bem-gostar, querer e bem-querer
Mas também –e talvez principalmente – é sobre quando o gostar e o bem-gostar e o querer e o bem-
[querer
Acabam.
E também
– e também principalmente –
Quando o bem-gostar e o querer e o bem-gostar se esvaem
Completamente
Se esvaem.
O quão amanhecer sem sol quando o bem-gostar em um relacionamento
Se esvai?
O quão chove sem chuva quando o querer em um relacionamento
Se finda?
O qual enluara sem lua quando o bem-querer em um relacionamento
Fenece?
No fim de cada arraial dos equivalentes a anjos de religiões não-abraâmicas
Independente, independentemente de seus cargos e postos e funções, eles mesmo tiram a mesa,
[arrumam as cadeiras, limpam o salão de festa e lavam os talheres e pratos e copos que
MALAFAIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar,
tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 106

[usaram
E concluem o quão abençoados são por não serem os humanos, que tão facilmente ama seus pares,
[mas desamam assim que são torcidos e despedaçados
Proferindo e realizando absurdos e comédias ao começarem a amar, e dotados de grande desapego e
[hipocrisia e indiferença
No (processo, irreversível) de não-mais-amar!
Tais deidades igualmente lamentam não serem humanos – da mesma maneira, os invejando – por
[estes amarem como amam – oh!, quão e como amam! – serem intensos quando amam, se
[entristecerem quando ama e sofrerem – oh!, quão e como sofrem – quando amam.
Ao final de arraial dos equivalentes a anjos de religiões não-abraâmicas, estes se cumprimentam e
[se despedem, estando verdadeiramente ansiosos par’ a próxima reunião
Seguindo finalmente para cuidar dos humanos que por eles são crentes a fim de cuidar-lhes de
[quando e amam e quando enlouquecem e sofrer quando amam e principalmente quando são
[desamados
Pois, quando humanos amam e quando são igualmente desamados, AH!,
este é seu fim.

POETICOTIDIANO

>> 05 de janeiro de 2019 <<

Céu

Céu cinza

Céu cinza de seis horas da manhã

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas

em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da

mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto e a estagiária leva comida para sua mãe à cama antes de sair

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafáia, 2020. | IIO

em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto e a estagiária leva comida para sua mãe à cama antes de sair e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir e o pedinte ainda está aos sonhos com um banho e uma refeição

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto e a estagiária leva comida para sua mãe à cama antes de sair e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir e o pedinte ainda está aos sonhos com um banho e uma refeição e o maquinista se pergunta o que sua esposa está fazendo

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto e a estagiária leva comida para sua mãe à cama antes de sair e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir e o pedinte ainda está aos sonhos com um banho e uma refeição e o maquinista em expediente se pergunta o que sua esposa está fazendo e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto e a estagiária leva comida para sua mãe à cama antes de sair e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir e o pedinte ainda está aos sonhos com um banho e uma refeição e o maquinista em expediente se pergunta o que sua esposa está fazendo e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir e são sete da manhã

Céu cinza de seis horas da manhã querendo ser azul e antenas e telhados e muros e caixas d'água e MALAFAIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | III

janelas e café sendo preparado e cigarros acesos e ônibus lotados a essa hora e gente indo trabalhar e gente voltando agora da festa e a criança pequena já acordada e roupas estendidas em quintas e salas e varandas e poetas sóbrios que levantam só para escrever e a caneta azul que termina antes do poema e o som de aviões que passam tão baixo que dá pra ver a cor da companhia aérea e o poeta sóbrio usa uma caneta preta para falar do entregador de jornais da mesma cor e a sirene que passa à meia marcha e de sirene desligada e pessoas à porta da padaria e os supermercados já sendo preparados para mais um dia de expediente e a doméstica fazendo sua prece antes de começar mais um dia de trabalho e o feirante já preparando seu ponto e o soldado arrumando sua cama e o vendedor de água e suco já à beira da BR para quem vai no ônibus lotado e o poeta termina seu texto e a estagiária leva comida para sua mãe à cama antes de sair e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir e o pedinte ainda está aos sonhos com um banho e uma refeição e o maquinista em expediente se pergunta o que sua esposa está fazendo e o poeta abraça a mãe antes de voltar a dormir e são sete da manhã e o céu continua cinza

!sem título!

>> 07 de janeiro de 2019 <<

Primeira segunda-feira do ano
Ainda não são seis e dez da manhã
Toró mode on
Toró mode on
TURBO
Agora sim o ano começa
Ainda mais que o carnaval é só em março
Quem esperar o carnaval chegar vai perder o ônibus que está pra passar
Esse ano o trem vai passar mais cedo, passar mais cedo
Talvez tão cedo quanto a chuva antes das seis de meia da manhã
Da primeira segunda-feira
De janeiro.

entre SEIS e SETE e MEIA
da MANHÃ
da primeira SEGUNDA-FEIRA
de JANEIRO...?

>> 07 de janeiro de 2019 <<

quantos relacionamentos já acabaram entre seis e sete
e meia da manhã da manhã da primeira segunda-feira
de janeiro?

quantos relacionamentos já acabaram entre seis e sete e
meia da manhã enquanto chovia na primeira
segunda-feira de janeiro?

partiu
pariu
!o avião caiu!

depois de decolar!

caiu
caiu
!carro caiu da ribanceira!

mas também pudera
a 190 sem eira tampouco beira

!descarrilhou direto à puta que pariu!

explodiu
explodiu
!entre a mesosfera e a termosfera!

quantos relacionamentos já começaram entre seis e sete e meia da
manhã no primeiro dia de janeiro

quantos relacionamentos já começaram entre seis e sete e
meia da manhã enquanto chovia
no primeiro dia de janeiro?

janeiro começa quando
quando chove?

e onde não chove?

por Gaia! e onde não chove?

JANEIRO
COMEÇA
QUANDO?

o ano começa quando, minha Mãe?

pra quem morre(u) em janeiro
a dor é pelo resto do ano

pra quem nasce(u) em janeiro
aniversário só próximo ano

janeiro quando começa
quando janeiro termina

amantes adormecidos enquanto chove entre e sete e
meia da manhã da primeira
segunda-feira de janeiro

O quanto há de veracidade

No mito

De que a chuva passa mais rápido se o cabra estiver acompanhado da guria por quem está realmente interessado, querente e desejoso?

Mas também há o mito, contraparte mito

De que a chuva jamais cessará a este casal junto a mesma cama dormindo abraçados ou mesmo de mãos dadas?

Isso... Esses e

Também o Terceiro

Que viverão para sempre e seus lados caso à primeira noite não se toquem e, ao dormi, tenham uma espada entre eles ao leito?

Como, como averiguar se não são fatos

Ou melhor seriam (será) que permaneçam somente

Crenças populares?

Ciência explica muito mas precisa mesmo explicar tudo?

Parto, da hipótese do necessário explicar a relação de fenômenos naturais com situações particulares de casais, sendo estes também – a meu ver, também são –

Fenômenos naturais.

Mas venha, suas mãos às minhas, venha

Minhas mãos ao redor de sua cintura, venha

Meu nariz ao seu nariz e às suas bochechas, venha

Meu rosto a seus cabelos sobre seus ombros e pescoço, venha

Já está chovendo

Tiremos os sapatos e sandálias para ficarmos deitados

Mas não garanto, não, de modo algum,

Anotar e tratar de dados coletados.

QUINTA-FEIRA TRINTA e UM de JANEIRO de DOIS MIL e DEZENOVE

>> 31 de janeiro de 2019 <<

sol de cinco da tarde de uma quinta-feira trinta e um de janeiro
não lembro de já ter feito sol assim em alguma prai'a esse horário
não em uma que eu estivesse
já choveu mais cedo
amanheceu chovendo
quando levantei da cama o sol ainda estava coragem pra sair
certamente também estava deitado
'tô voltando de uma clínica particular pra fazer o ultra-som dos meus pés porque eles, subitamente,
começaram a doer pra caralho
e essa semana bateu uma dor insuportável
eu 'tô vendo o sol da janela do ônibus mas deve ser um dos seus estagiários
o safado propriamente dito deve estar em uma cadeira de praia à beira-mar bicando um chopp
estourando de gelado
mas que inveja
oh!, que inveja
pensem numa inveja
mas invejo mais quem já está em casa banhado e pelado e almoçado (UI!) exatamente nessa ordem
eu ainda vou chegar em casa e fazer tudo isso e ligar computador pra finalizar o documento de
qualificação pra submeter amanhã de manhã pra segunda ou terça decidirem a data da mesma
(rá! consegui!)

e não vou bater punheta antes de tomar banho senão vou me atrasar todo e não conseguir fazer a
tempo o que tenho pra fazer e tenho que fazer antes de ter coragem pra mais nada a não ser
dormir ou ler quadrinho ou ler quadrinho e depois dormir

e já são seis da horas da tarde de quinta-feira trinta e um de janeiro de dois mil e dezenove e não
aparenta, sequer aparenta que vai chover pois ainda está muito, muito, muito ensolarado e
lindamente ensolarado como uma praia no final de tarde

isso me deixa muito, muito, muito feliz de modo de não sei explicar, e ainda bem que não sei e não
consigo explicar

ficar feliz porque está ensolarado e não aparenta que vai chover

atualmente
nestes tempos de “mudernidadi”
desta dita, por aí, “pós-verdade”
(se, até hoje, não entrou-se em consenso sobre o que é verdade, qual a necessidade [e fim] de “pós-
verdade”?)
passa-se mais tempo em ônibus
que dormindo
passa-se mais tempo em celular
que lendo
passa-se mais tempo
existindo e ocupando lugar no momento
que vivendo
e quanto tempo ainda se passa
escrevendo?
“quem escreve por ai além de mim?” me pergunto
não conheço, me apresentem, façam o favor.
façam alguma coisa útil em suas vidas inúteis e me apresentem
alguém que escreve pra mulher
(– e seja! –) influenciado pelo Sant’anna e pelo Bukoswki e pelo Graffin e pelo Gessinger e pelo
Leminski e pela Bachmann e pela Meirelles
e também pelos românticos alemães
e pelo Enzensberger e pelo Rilke e pelo Hesse
(opa!
Hans, Rainer e Hermann não eram românticos
mas eram alemães
– segue o jogo!).
“poesia e mudernidadi
poesia e pós-verdade
(reitero: o que vem a ser “pós-verdade” afinal?)
poesia e realidade
(outro termo sobre o qual praticamente ninguém entra em concordância conceitual e epistemológica)
poesia e verdade
(talvez “verdade a nível poético” seja a maior discussão existente da Literatura desde que se debate
Literatura em todos os seus níveis e contextos e locais)
poesia e método
(poesia é discurso, então seria [poderia ser] um debate cartesiano?, imaginem Descartes e
Ricoeur discutindo sobre isso)
poesia e hermenêutica
(Gadamer e Habermas e Schleiermacher ... não... ‘pera... para!’)
com o que poesia não casa
onde não se escreve poesia
(isso inclui pensar-se a poesia e depois a transcrever)
com o que poesia não rima
quem escreve, além de mim, hoje em dia
um dia, talvez hoje, certamente um dia

escreverei o quão prefiro café com um enroladinho do que com uma coxinha
bom seria, ah!, as pessoas dormindo mais e melhor sem precisar de fármacos (Brasil é um dos dez
maiores consumidores do mundo de remédios para tudo e qualquer coisa e um dos cinco mais
com universitários dentro de tais parâmetros) mas, caso acordadas, enquanto neuradas,
escrevessem onde desse e possível qualquer coisa, coisas literatas

principalmente poesia

quem FICA, quem VAI

>> 13 de fevereiro de 2019 <<

quem fica, fica
quem vai, vai
quem fica, ótimo, beleza
quem vai, tchau, paciência
quem fica, fica até o final da festa pra pelo menos olhar o limpar do salão de festas
quem vai, vai sem olhar pra trás que não vai mais fazer falta.
o tempo passa, vaza
desocupe a cadeira
a ponha no lugar
pegue seus livros e chapéu e casaco
já sabe o caminho da porta.
vão se os dedos, ficam os anéis (é assim o ditado?)
vão-se as pessoas, então, ficam as lembranças
o inverso dessa última equação também é
verdadeiro e cognoscível.
se não e não me engano e se ainda me lembro
a lei do desaparego também inclui quando desaparecer das pessoas
que não fazem mais parte
que já fazem sua parte em outras partes
ou mesmo nunca-parte
sempre à parte.
então vai... então vamos...:
tchau.
que chova até não restar mais anda além de memórias...:
tchau.
se um dia amanhecer e sobra mais nomes...:
tchau.
some ou suma, ou não era mesmo pra somar(ficar)...:
tchau.
já vai sumir porque já somou tudo o que tinha para somar...:
tchau.
fique até quando quiser
não precisa se despedir se não quiser
ou então se não quiser
nem tchau nem olhar pra trás.

nada como
no sábado de manhã
poucas coisas como
dar um upgrade no moicano
tirar a barba
depilar o saco
tomar um banho
se perfumar para sei mesmo
e tomar um café preto sem açúcar
exatamente nessa ordem
fazem vida
valer à pena
ainda mais se esse conjunto de fazeres
for realizado no sábado de manhã

esse conjunto
faz tudo fazer sentido
faz a vida toda fazer sentido
pelo menos uma vez
na vida

ESCURIDÃO *de* FIM *de* TARDE

>> para Karime Treptow Khayat <<

>> 11 de março de 2019 <<

à meia-tarde, à meia-luz
vejo Seu rosto em meu rosto ao me ver em um espelho
Seu rosto no meu, se sobrepondo ao meu.
inspiro e solto o ar e me vem Seu cheiro
fico surda ao mundo para ouvir Sua voz
me ausento e me nego de tudo ao redor
para sentir Sua presença.
em nenhum espelho ficará perdida Sua face
porque eu sou Sua face
 que continua e permanece,
porque minha irmã é Sua face
 que continua e permanece,
porque meu irmão é Sua face
 que continua e permanece,
porque somos Sua face
 que continua
 e prossegue.
prossequimos como sol que brilha e não como chuva que não termina
ainda que eu já tenha me perguntado se me tornei o que eu queria
e principalmente, não mais do que principalmente,
se me tornei tudo o que a Senhora
queria e gostaria.
no fim de tarde, quarto sem luz, luz de tarde terminando
olhos fixos no vazio que só se encontra dentro da escuridão
escuridão de fim de tarde
por que não meus olhos e minhas mãos
em Sua face?
de uma maneira que não posso explicar
somente sentir
quando estou sozinha e de olhos fechados,
e toco o meu rosto
é como se tocasse pela primeira vez
a Sua face.

Mãe

TERRENO *baldio* BLUES



depois da chuva dá pra ver o arco-íris daqui do terreno baldio
parece que nada vai crescer mais por aqui
parece que sempre foi apocalíptico assim.
espero que não vire uma igreja, nem vire um lixão
que permaneça perenemente este cenário de melancolia e desolação.
daqui do terreno baldio o céu tem mil tons de cinza
sendo entrecortados por uma parábola multicolorida
quando foi que minha via ficou igual a esse terreno baldio?
quando foi que meu humor ficou igual a esse céu
com essa faixa onde se lê
“maluco fudido deprimido ferrado da cabeça”
pra todo mundo ler?
não sei se é muita sorte ou se é muito azar
não estar sozinho nestas condições
nada invejáveis condições...
pés na lama mesmo que não chova
gosto de areia na boca mesmo que não vente
calor de rachar coco e fritar ovo mesmo em uma sala com ar condicionado.
poderia ser pior, poderia ser um cenário pós-bombardeio
poderia ser pior, um lixão esquecido pelo governo
onde crianças que não têm onde brincar vão procurar o que comer e ocupar seu tempo...
não é um lugar onde se peça alguém em namoro
é mais propício desovar um corpo e esquecer...
esquecer por um tempo de si para se lembrar de quem é

vai funcionar?
despir-se do lugar porque a roupa não serve mais
e voltar somente quando a roupa servir novamente...
e o que fazer se o lugar de origem for este terreno baldio
coberto por uma abobada cinza selado a vácuo por um arco-íris
que poderia ser cenário da capa de metal e/ou punk
onde todas as músicas são absurdamente pesadas, melódicas e tristes.
como não sentir saudades desse fim de mundo cheio de lembranças ruins?
até quando não lembrar de lembrar lembranças ruins
influi em lembrar das lembranças boas?
depois da chuva... antes da chuva
terreno baldio vai ser terreno baldio quando eu voltar?

>> *sobre foto de Heverton Clay Sousa Nonato* <<
>> *Agradecimentos Especiais à Luna Paranhos Ferreira* <<
>> *03 de junho de 2019* <<

Um dia vai ser eu na cabine do piloto
De traje reluzente, da metade do meu peso, capacete
Um dia vai ser eu sentindo o chacoalhar da decolagem
De espectador, passar a ser paisagem
Tem público pra ver o foguete chamado “Vida” decolar.
Belchior tinha medo da hora de entrar no avião
Os meus amigos engoliram seus medos e foram com lágrimas e medo
Decolar mundo adentro e mundo afora desse mundão.
Eu já fui com medo mesmo, mais de uma vez e, quando estive lá,
Não queria voltar mas eu voltei:
Será que eu voltei?
Se eu não voltei, onde foi que eu fiquei?
Será que nesse quase ICBM, meu corpo vai mas meu coração ficou?
Será que meu coração foi antes de mim e eu não sei?
Se meu coração foi antes, por que ainda escrevo poesia e
Sinto como se todo dia fosse o mesmo dia
E que nenhuma menina faz mais sentido além da Literatura
Fazendo mais ainda ao ver o rio Guamá.
Dizem que a Literatura não tem que fazer sentido
Mas um dia ela tem que fazer
Nem que seja quando o dia acordar
Ou para confortar o coração antes do foguete decolar.
Quando vai?
Tantas respostas pra mesma pergunta:
Quando eu vou...?
“Um dia eu vou... Não sei quando eu vou...”
Canudos embaixo do braço mais carteira de previdência social e trabalho
E subir na cabine de lançamento e lá me vou, lá me vou.
Tanta gente se despede pra decolar todo dia e não voltar
Vai com medo mesmo, com lágrimas, pavor e pânico e se tremendo.
Um dos meus medos que não me deixa dormir
É meu dia de decolar não chegar
Pregado ao chão por mágoas e frustração e sem ter como voar.

VOLTA, VOLTAR; VOLTA, VOLTAR

>> 31 de maio de 2019 <<

volta, voltar
volta, voltar
pegar o ônibus pra dar a volta
pra poder ir sentado na volta
volta, voltar
volta, voltar
chegar em casa e banhar
e tirar cheiro de cidade de universidade
volta, voltar
volta, voltar
voltar pros teus braços
morar em teus braços
volta, voltar
volta, voltar
pra época que o mundo era colorido
e não partido e desbotado
volta, voltar
volta, voltar
para onde voltarias?
para quando voltarias?
isso se voltarias
volta, voltar
volta, voltar
pra quando eu era pequeno e tinha sonhos grandes
e a cidade era maior até que meus sonhos
volta, voltar
não há volta
volta, voltar
não há volta, não há voltar

passou meu tempo de forçar amizade
ou de aceitar amizade forçada
atualmente o que não me falta são
amigos “amigos, amigos, eu aqui e tu aí”
e
amigos “amigos, amigos, cada um pro seu lado”
que não preciso de novos
já que agora a expressão “soma ou some”
me faz todo o sentido do mundo.
eu sei que tenho conhecidos que são amigos tóxicos
dos quais me afastei assim que pude/tive oportunidade
e não me arrependo.
também sou plenamente consciente o quão eu mesmo sou um merda
entendendo perfeitamente como e quando
as pessoas se afastam sem se despedir.
mas a gente continua
todo mundo continua
o mundo não para sem a gente
nem seus processos rotacionais sem a gente
nossos mundos muito menos se não formos mais amigos.
não que eu goste mas é isso aí
demora mas a gente aprende e é isso aí
mais cedo, mais tarde, nos esquecemos completamente e é isso aí
tu sabes tão bem quanto eu que não faz sentido
mas um dia chega o momento que faz todo o sentido do mundo
e o mundo que conhecíamos como “amizade” termina
aqui.

POEMA *de meia* PÁGINA

>> para Roney do Nascimento Gomes, Paola Silva Barros e Kaius Fillipe Silva Almeida <<
>> 21 de junho de 2019 <<

“*diga adeus ou não diga nada*” (GESSINGER, 1997)

tem gente que não merece minha despedida
tem gente cuja despedida eu não mereço
se não for pra dizer, não diga...
deixe só mais uma dose paga e vá embora.
gente pra quem só deixei a dose paga
não é preciso desligar a luz, só fechar a porta
se for se despedir, deixa que eu pago as doses
e me dá um abraço aqui
porque tu não vais embora assim.
se (tudo) se resume a lembranças,
que a última sua por perto seja boa
e das melhores!

tem gente que eu pagaria pra não ver mais
tem gente que pagaria meu peso em ouro
pra nunca mais me ver de novo...!
será que algum dia
– ah, Mãe Gaea!, como eu gostaria! –
nos veremos de novo
que seja antes que nossos mundos se acabem
e não possamos ser um mundo novamente
– minha Irmã e meus Irmãos.

o cabra já não se cuida
fica ruim
vai se meter com quem já tá ruim – no caso, bem pior –
e fica ainda pior
e lá vai se cuidar de novo
pra não ficar
continuar
ruim
é e faz parte da via-crúcis dos
seres auto-destrutivos
vivem atrasando suas vidas
apertando mais suas camisas de força
perdendo por aí as chaves que soltassem
as bolas de ferro e bigornas
postas a seus pés
que os mantêm presos ao fundo das
bacias hidrográficas
só não deve-se esquecer de considerar
que foram eles que se jogaram
de livre e espontânea vontade
nessa situação
logo não podem reclamar em voz alta.

CANÇÃO *para* JACQUELINE e MARCEL

>> *para Jacqueline Coelho Melo Sampaio e Marcel Trerice Bernucci* <<
>> 29 de julho de 2019 <<

cores do céu escurecendo
tarde sendo noite
tarde virando noite
são essas cores em praia quando anoitece
você também veem percebem quando anoitece assim
ou ai sempre anoitece assim que vocês não veem mais...?
voltaram em paz, voltem em paz
não deixem de vir jamais
não deixem de voltar
quando vocês vão voltar?
ir já pensando em voltar
um dos poucos males de viajar é ir já pensando em voltar
não deixem de voltar
trazer de volta a parte do meu coração que agora com vocês está.
quando amigos reúnem, creio,
são corações partidos se tornando um novamente.
o que são amigos senão corações e mentes
formados por corações e mentes...?
corações e mentes e lembranças...
parece que foi ontem que reunimos.
parece que será mais tarde, daqui a pouco
que reuniremos.
enquanto pudermos lembrar e chorar, sempre estaremos
sempre será aquela noite de sábado
e risos e lembranças e causos
arroz e feijão e frango guisado e ervilha e farinha
e cerveja e refrigerante com ypioca ouro
e quando de novo?
um dia de novo...
quando menos esperamos ou nos pensarmos,
de novo.

quando amanhece, as estrelas vão embora:
pelo o que sabemos, vemos somente a luz
de estrelas já mortas.
na noite seguinte, outras tomam o lugar?
na noite seguinte
outras chegam pra tomar lugar?
as pessoas morrem aqui na Terra
e em outras planetas que também tenham seres vivos
que tenham noção de estrelas e ciclos
eu só sei que vou embora sem me despedir
pra não correr o risco de ser enrolado e
acabar ficando.
ninguém precisa saber até ser a hora
ninguém precisa saber até
ser tarde demais
e não ter
como chamar de volta.
navegar, navegar
não olhar pra trás, pra trás
navegar pras estrelas...
ou se tornar uma estrela?
se lembrar olhando pras estrelas...
quem ainda olha pras estrelas...?
quando amanhecer eu vou embora com as estrelas
sem me tornar uma.

sábado amanhece
amanhece melancólico.
parece amanhecer mais
devagar que
ontem.
quem foi embora ontem?
quem foi embora hoje?
barco navega
canoa navega
popopó navega
transatlântico navega
petroleiro navega
destróier navega
corveta navega
catamarã navega
gaseiro navega
cruzador navega
graneleiro navega
karve navega
birreme navega
submarino navega
navega pra onde, navega...?
navega de onde, navega...?
navega sem volta
pra onde?
navegar pra onde não há volta
ao olhar pra trás
não tem caminho de volta
quando se navega de ida, não há volta...
quando se navega de volta, não há volta...
não há volta
não há volta...

CHUVA *de antes que* TARDE ACABE

>> 06 de agosto de 2019 <<

chegarei antes das quatro da tarde
e o céu ainda está azul e o sol inclemente.
terei que limpar meu quarto
e o banheiro deste
antes das cinco da tarde.
antes das seis da tarde
eu estarei pelado no quintal
tomando banho de chuva
torrente torrencial...
chuva churaval...
antes do fim de tarde
antes que a tarde acabe
vou me limpar de tudo que me afligiu
semestre passado e último mês
a partir desse mês
recomeçar de vez
com a chuva que cairá hoje
tirando tudo do passado e da aflição
do caminho
recomeçar de vez
chuva de fim de tarde
antes que a tarde acabe

tem a opinião popular
e tem a minha.
quem dera se ainda tivesse uma linha
ferroviária do fim do mundo pra
Belém e um trem pra
voltar.
uma linha que fosse do fim do mundo da BR-316
até o Ver-O-Peso.
e também linhas da UFPA
à Almirante Barroso
e de Icoaraci
ao mesmo
ponto.
e frotas hidroviárias ligando
Belém a todo município que
tivesse porto
também seria de extremo
bom gosto.
paisagens
vistas do trem
paisagens
vistas da balsa
fotos tiradas com os
olhos
gravadas nos cartões de
memória da
memória.
as memórias que vão nos
trens
e as que vêm, vêm, vêm
e sem sempre
fazem tão
bem, bem, bem
memórias e histórias e
trens
memórias e histórias e
navios
navios são trens que
deslizam pelos
rios
rios
rios

ELEGIA *para* MÁRIO e EDYR

>> *para o poeta, tradutor e jornalista sulriograndense Mário de Miranda Quintana (1906-1994) e para o escritor, jornalista, radialista e professor paraense Edyr Augusto Proença (1954-)* <<
>> *ônibus Guajará São Braz, 01 de setembro de 2019* <<

após ler Quintana e Proença
ah!, ah não ler e não mais escrever
mais Poesia alguma neste mundo!
após ler Quintana e Proença
oh!, oh mas vontade e que vontade
de não fazer mais nada além de
escrever Poesia neste mundo!
ah, que injustiça, a justiça
com a mais superior e elevada
das Artes, logo Ela: a
Poesia!
mas como?! se a principal função da
Arte é tornar o homem que A
pratica melhor e mais elevado que antes de Sua
execução.
não melhor e mais elevado que outros
homens
e sim melhor e mais elevado
do que si
próprio e mesmo...!
como não melhorar ao ler Quintana, oh,
Quintana?
como não melhorar ao ler Proença, oh,
Proença?
infelizmente
melhorar, como
piorar, é um
processo reversível.
melhorar segundo
parâmetros?
piorar segundo quais
condições?
duvidar sempre dos seres indiferentes à Poesia...!



as cores do
Céu de fim de
tarde encontram a Terra através das
águas do Mar que
batem à beira da Praia no fim de
tarde
quando as cores do Céu e do Mar
são as
mesmas.
os fins de tarde parecem ser os
mesmos mas não são, tal como nós ao
final de cada tarde não somos os
mesmos da tarde anterior
apesar que pareça
apesar que pareçam(os)
os mesmos.

o Mar parece ser o mesmo
mas não é...
o Céu parece ser o mesmo
mas não é...
se ninguém ouvir o som das ondas
do Mar que
têm como fonte as cores do
Céu de fim de tarde
elas ressoarão até onde...?
até onde não
tem litoral ou
sequer lugar onde
banhos não-
encanados?
o Céu... espelho do
Mar...
o Mar... espelho do
Céu...
o Céu chega à Terra através do Mar...
a Terra chega à Terra através do Mar...
o Mar isocronicamente está no Céu e na Terra...

... que(m) nos vemos quando nos vemos em espelhos...?

>> *escrito a partir de fotos de Ariceli Portela e Adriana Guerreiro Soares de Oliveira* <<
>> 03 de setembro de 2019 <<

todo ser humano é uma bomba atômica
todo ser humano é uma bomba
todo ser humano é uma
todo ser humano é
todo ser humano
todo ser
todo
todo átomo
todo átomo a
todo átomo a ser
todo átomo a ser partido
todo átomo a ser partido é
todo átomo a ser partido é uma
todo átomo a ser partido é uma bomba
uma bomba em formato de ser humano
uma bomba em formato de ser
uma bomba em formato de
uma bomba em formato
uma bomba em
uma bomba
uma
humana
bomba
incapaz de
destruir.

toda cidade é um ser vivo
um ser vivo composto por numerosos
e muitos outros inúmeros
seres vivos que
compõem pinturas que compõem
uma figura
que são mapas que formam um
mapa
em constante evolução e
transformação que não podem
ser medidas somente a
olho nu
tendo seu próprio
tempo de evolução
e particularização
 -ções
socioespacial
 -is
urbana
 -s
que agem randômica em conjunto
mediante condição específica
 -ções -s
tornando uma cidade
tão diferente de outras
quando posta à luz do
microscópio.

até que eu queria ser um gigante mesmo
com a cabeça literalmente
nas nuvens.
primeira coisa que faria
seria
dar
AQUELA mijada literal
no mundo abaixo
(rindo simultaneamente?
não sei).
só que não daria certo:
quão!, oh!, o quão
muitíssimo inconveniente
seria
cagar
e limpar a bunda
e depois tomar banho
isso sem falar em
dormir.
não,
deixa eu continuar da
minha altura
mesmo.



eu ando sozinho pela parte mais urbanizada de Mosqueiro
enquanto chove torrencialmente:
indo pra onde não sei...
vindo de onde eu não sei...
só vejo cores insípidas em linhas retas em um fundo cinza
e percebo que são casas e prédios
e (super)mercados e armazéns
e bares e quiosques.
tudo – cada - vez – mais – longe
reconhecíveis somente pela memória afetiva.
ela também identifica as linhas curvas no fundo cinza
como praias
normalmente cálidas
mas não quando chove
a ponto do mundo ser um
amontoado de cores
timidamente inexpressivas.
pé ante pé de diferentes
granulometrias,
aos olhos aos olhos uma tela de tonalidades frias
em um fundo cinza.eu me pergunto
quem decide quanto tempo as pessoas em nossas vidas se somos nós
ou se é a vida?

:: agradecimentos especiais a Kaius Filippe Silva Almeida e Matheus Batista Massias ::
:: 18 de setembro de 2019 ::

MALAFIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafai, 2020. | 141

são dias cinzas
que o amarelo e o azul não são permitidos de
entrar.

são quartos com janelas
meias-abertas
à meia-luz
e cortas-luzes
à metades
à meia-janela
à meia-vida
a meio-amor no copo quase vazio

a pouca luz permitida pelo cinza
reflete no copo quase vazio
de amor

SÃO BENEDITO, SÃO BENEDITO

>> 25 de setembro de 2019 <<

São Benedito só atende o pedido
São Benedito só responde a prece
de quem Lhe pede com
coroas de flores e
colares de sementes e
frutas frescas
ao pé da imagem em Bragança.

São Benedito só responde o pedido
São Benedito só atende a prece
de quem Lhe pede com
tōrō
ao rio, ao rio em qualquer rio.

São Benedito
só atende o pedido
São Benedito
só responde a prece
de quem,
às suas próprias mãos,
faz as coroas e colares
e colhe as frutas.

São Benedito
só responde o pedido
São Benedito
só atende a prece
de quem,
às suas próprias mãos,
confecciona o *tōrō*
e o leva ao rio

coroas de flores e
colares de sementes e
frutas frescas
para que
o amor que foi amado
nunca se esqueça que
foi amado.

o *tōrō*
para que
quem vai nele
seja guiado e guardado por
São Benedito
e nunca seja esquecido
por quem levou o *tōrō* e o leva ao rio..
por quem levou o *tōrō* e o leva ao rio..

toda manhã
ele vem.
entre cinco e seis
da manhã
ele vem.
vestindo somente lençol branco
de cabeça
e pés
e mãos
 pra fora
ele vem.

onde estiver seco e seus pés tocam
é inundado
e em quem ele repousa os olhos
e quem nele
mire seus olhos
é permanentemente
cegado
a ponto de quem tem a
ininvejável proeza
de o vê-lo
e lhe dirigir a palavra é
inalteravelmente
emudado
– e como os cegados
nem com rezas
 e banhos
 e cheiros
 e mandingas
é curado.

preto da manhã,
preto da manhã,
que ninguém sabe d'onde vem.
preto do amanhecer,
preto do amanhecer,
que ninguém sabe pr'onde vai.

“vai lá perguntar quem é ele.”
“eu não, eu não vou.”
“vai lá perguntar quem é ele.”
“eu não, eu não vou.”

“vai lá perguntar d’onde é ele.”

“eu não, eu não vou.”

“vai lá perguntar d’onde é ele.”

“eu não, eu não vou.”

“vai lá perguntar pr’onde vai ele.”

“eu não, eu não vou.”

“vai lá perguntar pr’onde vai ele.”

“eu não, eu não vou.”

“vai lá perguntar...”

“eu não, eu não vou.”

“eu não, eu não vou.”

“eu não, eu não vou.”



ondas que quebram em pedras
ondas que quebram em beiras
ondas que quebram em pernas
ondas que quebram em pés
ondas que quebram... ondas que quebram...
ondas que quebram em muros de arrimo
ondas que quebram em vigas de sustentação de pontes
ondas que quebram em flutuadores de plataformas petrolíferas autoelevatórias ou
semisubmersíveis
ondas que quebram em navios
ondas que quebram em canoas
ondas que quebram em barragens
naturais ou artificiais...
para onde se vai após ser quebrado como ondas são?
ondas quebradas por pés em uma praia
ao longe
pés de alguém perguntando ao horizonte
para onde vai depois que tudo acaba...
para onde vai depois que tudo se quebra...
é para onde as ondas nascem
e não voltar... não voltar
tornar-me... tornar-se onda
e quebrar-me... quebrar-se... sem sofrer
por sofrer
e talvez tornar-me... tornar-se outras ondas
e prosseguir... prosseguir...
como ondas.

>> 30 de setembro de 2019 <<

>> baseado na foto da escritora, revisora e tradutora Marcellly Amorim Ferrari, postada em seu perfil do Instagram em 28 de setembro de 2019 <<

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 147

“Havia o que se via
e o que não se via:
a manhã luminosa”
– Ferreira Gullar, “Tanga”.

ainda bem que ontem já acabou
ainda bem que ontem já acabou

ainda bem que hoje não é ontem

ainda bem que ontem não é hoje

parecia que ontem não ia terminar
quanto mais se pedia pra terminar
mais demorava
mais (se) estendia
mais tardava
mais (se) alongava
pra terminar

o mundo desmoronava e a
vontade de chorar ao chegar em casa só
aumentava
a ponto de não conseguir chorar ao
chegar devid’o
cansaço

hoje amanheceu
ontem acabou, já acabou
hoje começou quando ontem terminou

uma sequência de dias ruins em um dia ruim
que mais cedo, mais tarde
– tomara que seja mais cedo –
fique pra trás

ainda bem
ainda bem

ainda bem que ontem
ainda bem que ontem

já acabou

ainda bem
ainda bem

que hoje
hoje

é
se faz

hoje

ainda

bem

que

ontem

já

acabou

ainda bem que ontem e hoje são dias separados e distintos.

talvez o PROBLEMA, talvez o PROBLEMA

>> 14 de outubro de 2019 <<

talvez o problema seja eu me importar demais.
talvez o problema seja eu não me importar mais
que as outras pessoas.
talvez o problema seja eu nunca ter me preocupado mesmo.
talvez o problema seja eu nunca ter visto mesmo problema
talvez o problema seja eu ser um eterno inadequado.
talvez o problema seja eu nunca ter procurado de
verdade o meu espaço.
talvez o problema seja eu ouvir demais o que dizem.
talvez o problema seja eu não ouvir suficientemente ninguém
qual o verdadeiro problema afinal?
será que existe algum problema
se é, se é qual?
talvez o problema seja eu nunca ter parado pra pensar
realmente pra onde tudo isso vai no final.
talvez o problema seja eu não prestar pra nada.
talvez o problema seja eu querer ser tanto algo
que não consigo ser porra nenhuma de fato.
talvez o problema seja muito café
talvez o problema seja não beber muito café
já que o álcool em si
que eu não deveria nem ter começado
já passou do nível permitido ou como as pessoas normais dizem
“normalmente aceitável”
“socialmente aceitável”
talvez o problema seja eu querer tanto dar certo que
no fim ou dá certo ou não dá certo o suficiente
ou dá tudo errado miseravelmente
ou mesmo o problema eu não me importar devidamente
que fique fudido quando o negócio não sai como o esperado.
talvez o problema...
qual o problema...
o problema...
esse negócio de “não pensar no problema faz o problema ir embora”
só faz o problema piorar.
talvez o problema fonte de todos os problemas seja eu.
qual a solução...?
será que há solução...?

ESSA GENTE, ESSA GENTE

– *parte um*

>> 14 de outubro de 2019 <<

comer em vasilhas e em tigelas
comer em frigideiras e em panelas
comer em copos de sorvete ou em panelas

e tem gente aí, tem que gente que não tem o que comer

e tem gente aí, tem que gente que não tem onde comer

e tem gente aí, gente que não tem o que comer e onde comer

tem gente, tem gente
e tem gente aí que reclama quando tem o que comer
não é o que quer comer
e tem gente aí que reclama quando tem onde comer
não é onde quer comer
e tem gente aí que reclama quando tem o que comer e onde comer
tem gente, tem gente
gente e gente

gente que eu não quero ficar perto dessa gente que não agradece

gente que eu não quero ficar perto dessa gente que não reconhece
que tem privilégio
enquanto tem gente que não sabe nem o que é
privilégio
e só quer ter um teto
e prato
quer ter prato e um teto
ter o que colocar no prato
quer ter o que colocar no prato
mesmo que não tenha onde deitar depois do que comer
o que tem no prato

eu já não quero ficar perto de mim que dirá perto dessa gente

eu já não quero mais ficar perto de mim que dirá perto dessa gente
essa gente, essa gente

essa gente, essa gente
essa gente, essa gente
essa gente, essa gente

gente, gente
gente e gente
gente, gente
gente e gente

!sem título!

>> 17 de outubro de 2019 <<

se eu te contar o que eu já vi
nessa vida
tu não me acreditas
se eu te contar porque não durmo de noite
tu não dormes também
e tua língua vai coçar
e contarás pra alguém.
só somos iguais aos nossos pais
pelos sobrenomes
e por morarmos no mesmo
país em eterno subdesenvolvimento
que, quando estava em seu
apoteótico momento,
foi tirado da ribalta.
crises de gerações
crises de paradigmas.
é a geração seguinte que limpa o salão de
festas da festa feita pela geração anterior.
a nossa e a seguinte e a posterior
não conseguiremos limpar as das anteriores
porque tem dos nossos contemporâneos
que insistem em festejar.
eu não vou dormir essa noite
pelo visto
pelo visto eu não vou dormir mais
essa noite
pelo visto vou ver amanhecer de novo
um dia não vai mais haver amanhecer
pra ser admirado
e eu não quero ser o que vai ver o último
todo dia é o último
todo dia é o último
todo dia é o último

!sem título!

>> *Agradecimentos MUITÍSSIMO Especiais a Wheriton Fernando Moreira pela foto no município paraense de Juruti que me motivou a escrever este poema (a foto em questão também inspirou o próximo poema e não 'tá nessa página porque ia ficar muito pequena) <<*
>> 23 de outubro de 2019 <<

café e cigarro, café e leitura acadêmica, leitura acadêmica e café
onde começa o café e termina o cigarro?
onde começa o cigarro e termina o café?
onde começa o café e termina a leitura acadêmica?
onde começa o cigarro e termina a leitura acadêmica?
onde começa a leitura acadêmica e termina o café?
onde começa a leitura acadêmica e termina o cigarro?
café e cigarro e leitura acadêmica depois das quatro e meia da tarde
café e cigarro e leitura acadêmica antes das seis da tarde
depois das seis da tarde só o cigarro e a leitura acadêmica
antes das seis da tarde barcos lado a lado
barcos com telas azuis e corpos de várias cores e tamanhos
à beira do rio, ainda no rio, dentro e fora do rio
mato e areia e chão batido por pés, chão pisado
tudo em formato
poesia-formato
prosa-formato
mato e areia e chão-batido-pisado e rio e barcos arcos arcos
se vistos pela janela do quarto
ou pelas janelas dos olhos
com café e cigarros nas mãos de quem escreve
vira formato
de mato e areia e chão-batido-pisado e rio e barcos
tudo em formato
poesia-formato
prosa-formato

no final tudo isso vira formato de quê
na cabeça de quem lê?



um rio por si só já é uma narrativa
narrativa de muitas narrativas.
um barco por si só já é uma narrativa
composta sobreposta de muitas narrativas.
rio e barco compõem tantas narrativas
tantas quanto as estrelas que iluminam
navegadores e navegantes e navegações
e rios.

chegadas narrativas
partidas narrativas
narrativas e beijos de despedida.

é o Boi que puxa o barco
ou Ele guia o barco?
voltar e partir seguro
partir e voltar seguro

Boi, me leva seguro neste barco por este rio, ó, Boi
Boi, me traz de volta seguro neste barco por este mesmo rio, ó, Boi
barco e rio, sob o sol
barco e rio
barco e rio, sob as estrelas
barco e rio

>> *idem comentários do poema anterior* <<
>> 23 de outubro de 2019 <<

MEDOS que só os MOLEQUES TÊM

>>28 de outubro de 2019 <<

*“Eu tenho medo e medo está por fora
O medo anda por dentro do teu coração
Eu tenho medo de que chegue a hora
Em que eu precise entrar no avião*

*Eu tenho medo de abrir a porta
Que dá pro sertão da minha solidão
Apertar o botão: cidade morta
Placa torta indicando a contramão
Faca de ponta e meu punhal que corta
E o fantasma escondido no porão*

Medo, medo. medo, medo, medo, medo.

*Eu tenho medo e já aconteceu
Eu tenho medo e ainda está por vir
Morre o meu medo e isto não é segredo”
– Belchior, “Pequeno Mapa do Tempo”.*

quando eu era moleque, eu tinha medo de não ter mais amigos
agora vinte anos depois, já tenho os e as que preciso e não
preciso de mais.
há vinte anos eu tinha medo de ficar apaixonado e nunca ser correspondido
hoje tenho medo de não retribuir suficientemente à altura
o gostar de mim.
eu tinha medo de ficar sempre escuro, de não amanhecer no outro dia
eu ainda amo ver amanhecer mas muita claridade agora me incomoda.
medo de moleque é morrer antes de completar os sonhos
sonhos que só os moleques têm
medo de homem adulto com alma de moleque é não sonhar mais.
medos que só os moleques têm é falhar na hora de transar
mesmo medo que homem barbudo tem mas não diz em voz
igual qualquer moleque tem.
eu só tenho medo de não poder dizer mais que tenho medo

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar,
tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafáia, 2020. | 155

medo de chorar na frente dos outros não é medo
medo é de não conseguir mais chorar
medo de não ter mais por quem chorar, pelo quê chorar
então pra quê chorar?
atualmente quem quiser ficar, fica e quem quiser ir, vai
que não vou impedir
porque não tenho mais medo de ficar sozinho
só de ficar com gente que não cresce e seja peso morto:
por acreditar não crescer e sendo peso morto
eu ando simplesmente me afastando, partindo sem me despedir
porque, se eu me despedir, eu paro e penso e acabo não indo e
ficando pior depois.
se eu não acreditasse que ficaria melhor sem mim, eu não iria
e já tive medo demais de não ser um amigo bom o suficiente a ponto de
isso destruir o meu coração e eu ficar sem chão.
quando muleque eu queria todas minhas perguntas respondidas
atualmente nem todas as perguntas valem à pena.
e seria melhor não ter sabido muitas das respostas que tenho hoje pra
como esse mundo – não acaba antes de mim, mundo – funciona.
um medo que perdura, perenemente dura e permanece
é o de escrever e não conseguir alguém a também o fazer
e também por não aguentar a realidade em que vive e as
sobrepostas umas às outras.
há vinte anos, quando eu tinha dezesseis anos,
eu não tinha medo do que iam dizer
ainda hoje não tenho medo, mas tenho medo de
ter medo de não começar e medo de começar e não terminar.
há vinte anos
quando eu tinha dezesseis anos
eu falava “eu te amo”
com a mesma facilidade de quem caga, bate punheta ou siririca.
passados vinte anos
não tenho mais dezesseis e sim trinta e seis anos
e hoje tenho medo de não
poder dizer “eu te amo, tu és especial pra mim”
pra quem eu amo e considero especial
e já fez diferença significativa positiva um dia na minha vida.
enquanto amanhecer, me lembra que tenho que dizer
antes que não haja amanhecer seguinte.
meu medo é que não haja amanheceres suficientes para dizer
para dizer...

!sem título!

>> sobre foto e vídeo de Camila Izidoro Uminski <<
>> Guajará Ver-O-Peso, 04 de novembro de 2019 <<

pela janela do quarto
pela janela da sala
pela janela da cozinha
temporal temporal temporal
raio e relâmpago e trovão
e vento balançando as portas de ferro
como se fosse arrancar fora as portas de ferro
e vento balançando as portas de madeira
como se fosse arrancar fora as portas de madeira.
pensem nas telhas de barro voando
pensem nas telhas Brasilit furadas e se quebrando
e nos engarrafamentos e irritações
e ônibus parados com pessoas
tendo que cumprir prazos e horários.
pela janela do ônibus
pela janela da condução
pela janela do carro
as vidas que vêm, as vidas que vão,
as vidas que passam e não param
as inúmeras crianças e casais e solteiros que devido à chuva
não sabem se levantam ou se
permanecem deitados.
pela janela aberta entra a chuva
pelo furo na telha e no forro entra a chuva
apesar do portão fechado a chuva
apesar da porta fechada a chuva
apesar da janela fechada a chuva
a janela e a chuva

eu passo e vejo a paisagem
eu passo, ela passa
eu passo por ela e ela passa por mim
o que passamos?
o que mudamos?
todo mundo passa, todo mundo muda
tudo parece ser o mesmo
nada está, nem como está
como antes
caso se analise mais microscópica
e não macroscopicamente
a paisagem nunca está
macroscopicamente igual
como a mais de vinte anos atrás
ninguém está
macroscopicamente igual
como a mais de vinte anos atrás

nós mudamos junto à paisagem?

a paisagem mudou junto a nós?

nós mudamos a paisagem
nos mudamos a paisagem

nos somos a paisagem
nos a paisagem
nos paisagem
 paisagem

problema n' é passar o dia todo nublado
problema n' é passar o dia todo chovendo
é até bom passar o dia todo nublado
eu gosto de quando passa o dia todo chovendo
problema é essa maldita estufa que faz
problema é essa maldita estufa que faz
mas quem disse que o dia todo nublado para o mundo
mas quem disse que chover o dia todo faz o mundo parar
mas quem disse que estufa
nem sol nem chuva
impede o mundo de ser mundo
eu tenho que observar e relatar
enquanto tem gente que não pode parar
não quando está vivendo –
ou simplesmente está (somente)
existindo
afinal
o que é viver? o que é existir?
viver pra quem? viver pra quê?
existir pra quem? existir pra quê?
perguntas trazidas pela chuva de um dia inteiro...
a chuva levá-las-á embora...?
não parece não... não parece não...

cá estava eu com o rumo na vida
só que ele se perdeu de mim
em algum lugar.
agora, e agora onde direi que ele se perdeu,
na seção de achados & perdidos
ou na seção de pessoas perdidas da rodoviária
ou do aeroporto?

(qual o aeroporto mais próximo?)

SISTEMA “DE HOJE... PARA HOJE”, SISTEMA “DE HOJE... PARA AMANHÃ”

>> 28 de janeiro de 2020 <<

dormi muito bem
de ontem pra hoje
(apesar de ter dormido
de hoje pra hoje).

espero dormir melhor
de hoje pra amanhã
(mesmo quase sabendo
que dormirei
de amanhã para amanhã).

!sem título!

>> 08 de fevereiro de 2020 <<

mais uma manhã, mais um amanhecer
mais uma chuva, mais um dia
mais um poema lido, mais um poema escrito
mais um artigo lido, mais um quadrinho lido
mais uma dose, mais um cigarro
mais uma frustração, mais uma perda
mais um dia perdido, mais uma lembrança ruim
menos uma manhã, menos um amanhecer
menos uma chuva, menos um dia
menos perspectiva, menos coragem
menos disposição, menos mais um dia esperando chegar?
quantos menos dias até chegar?
chegar o quê
chegar pra quem
mais... menos...

é tao ruim quanto não saber se se conseguiu dormir ou não
é tao ruim porque teus pensamentos e lembranças não deixam dormir como e quanto precisavas.
corpo a 50% da energia, esse final de semana não vai rolar beber
mesmo se pudesse, é muita coisa acumulada pra ler e pra fazer
mais uma madrugada me perguntando
como cheguei onde cheguei, não chegando a lugar algum,
já que pior do que não atender os padrões de outrem de “vencer na vida”
é não conseguir alcançar os tracei pra mim?
faz tanto tempo que quase nem lembro mais
faz tanto tempo mas a minha mãe não esquece
faz tanto tempo que não sei se ainda lembro
mas tem coisa que ainda lembro
que ainda dói
e os ossos doem
e o coração doer junto.
um dos planos era beber menos do que no ano passado
parando pra pensar, parece que falhou
será que ainda dá pra consertar?
outro dos planos pra esse ano era ler mais que no ano passado
por ora falhando
miseravelmente
tal qual o plano de escrever mais poesia.
acordar com sono e cansado
ainda estar dormindo mas não fora da tomada
tudo é ruim como uma toalha úmida que não enxugar completamente.
quando o céu se resume a um quarto limpo sem louça e roupa suja acumulada porque o quarto já
estava dentro dos padrões de
“local inabitável até pra mim”.
e lá a vida mudando novamente e dessa vez eu não vou deixar passar essa mudança por mim
porque, até pra mim, já deu
ficar sozinho nesse ponto de ônibus, com uma bebida na mão, vendo quem chega e quem vai
e eu mesmo nunca ir embora.

é quando é “adeus”
é quando é “já era”
às vezes era somente
camaradagem conveniente a todas as partes
ou não era
mas o que diferencia amizade verdadeira
de camaradagem
afinal
o mundo acaba todos os dias
o mundo termina todos os dias
amizades acabam todos os dias
amizades terminam todos os dias
camaradagens acabam todos os dias
camaradagens terminam todos os dias
como hoje, quarta-feira de cinzas,
que chove como se fosse uma segunda-feira de manhã
enquanto anoitece
enquanto anoitece e chove à beira de uma praia
mas ainda claro, porém pouco claro
as ondas voltam à praia
e voltam.
e voltam..
e voltam...
são amizades que terminaram...
são camaradagens que terminaram...

!sem título!

>> para Rosinaldo Costa Melo <<
>> 27 de fevereiro de 2020 <<

tomara que Maio demore
tomara que Maio demore a chegar.
e, quando chegar Maio,
tomara que Maio não demore a passar
como dizem que este janeiro último
demorou.
Maio mês das Mães
Maio mês das Noivas
Maio mês das Esposas
Maio mês que demora mais
é em Maio parece que nunca vai parar
de chover
sem raios, tampouco relâmpagos, tão-pouco trovões
sequer enchentes
muito menos casas inundadas
somente água da chuva
represada
e sempre mais, cada vez mais
a cada ano mais
a cada Maio mais.
mesmo que Maio pra mim demore a terminar
 já que Maio pra mim parece nunca acabar
pra muita gente 31 de março de 1964 só começou e 1º de abril do mesmo ano
nunca acabou
enquanto que, pra mim, 26 de Maio de 2000 só começou e 27 de Maio do mesmo ano
continua
nublado
quando não está chovendo, não venta nem faz frio.
que Maio, o mês de Maio nunca mais chegue
que o próximo mês de Maio
termine rápido ou mais rápido
que uma luz sendo apagada.

essa GENTE, essa GENTE

– versão definitiva

>> 06 de março de 2020 <<

essa gente que vai, essa gente que vai
eu faço parte atualmente dessa gente que vai
eu vou, mas ainda continuando no mesmo lugar.
essa gente que vai, essa gente que vai
faço parte dessa gente
mas não vou me dar o trabalho de me despedir
cada qual pro seu e pra seu cada qual
todo dia vou pedir pra estar bem
mas não vou mais atrás não
que cada pessoa que eu ainda ame mas me afastei – e/ou se afaste –
por qualquer motivo que seja
acenda e segure sozinho seu rojão
essa gente que vai
essa gente que vai
vai que fiquei muito tempo...?
vai que não era pra eu ter vindo...?
vai que não era pra eu ter voltado...?
vai que eu demorei demais quando voltei...?
vai que eu pergunto demais, penso demais, quando deveria somente
encaixotar, almoçar e esquecer...?!?
essa gente que vai
essa gente que vai
vai que nos vemos por aí
a gente se abraça e ri e se pergunta como tá e só se deseja o melhor
e depois que se despede, esquece que existe a partir do dia seguinte.
essa gente que vai, eu que me vou
essa gente que vai, é porque acabou
essa gente que vai, o tempo vai passar
sou eu que vou, que um dia vai parecer que nunca começou
sou eu essa gente que vai, sou eu essa gente que vai
e um dia chega o dia que não se olha mais pra trás.

!sem título!

>> sob fotos postadas no perfil do Instagram de Dinalva Vasconcelos em 14 de março de 2020 <<
>> 16 de março de 2020 <<

ruas desniveladas decrescentes
pavimentadas com bloquetes de concreto
onde se vê mais capim que pavimento
e o cimento asfalto petróleo é uma doce ilusão.
quando capinada, a rua chega a ficar feia
e, quando a chuva cai pra castigar
a parte baixa chega a alagar
a ponto de quem tem uma canoa ou congêneres
poder navegar.
e carros e taxis e caminhões de mudança
e carteiros
só adentram
quando não está chovendo
e foi-se a época das crianças brincando enquanto chovia.
quantos namoros
começaram?
quantos casamentos
terminaram?
quantas crianças foram
concebidas?
é gente que chega e não sai
ou se vai um dia de novo...
é gente que vai
e não volta nem pra visitar
e gente que vai embora sem se despedir porque se
vai-se em um caixão.
estas ruas
não contam histórias
porque são
a própria História
quem viu, quem vê e quem vive
e viveu
a rua
a rua veio, chegou e ficou
e será a última
a se ir-se embora.

a rua será a última
a desligar a luz
e ir embora.

Ave Maria (da) Poesia
Suas mãos às minhas
todos os dias.
Imaculada Conceição (da) Inspiração
que todos os dias haja
disposição.
Maria Auxiliadora (das) Musas Inspiradoras
que nunca faltem
palavras
em minha boca.
meu chegada Nuno Álvares Pereira
que nunca falte e faltem
papel pra escrever e lápis e canetas.
que nunca falte
Poesia
que eu nunca durma antes de
escrever,
e o mundo não se acabe antes
 que não se possa
mais
contemplar
reflexionar
inconscientemente orar à Ave Maria (da) Poesia
antes registrar tinta no papel ou
palavras ao vento e
consequentemente
poetizar...!

a desgraça que vem
sem olhar a quem
a desgraça como ponto de chegada
ponto de partida
ponto
final
independente da nacionalidade e da classe social
a desgraça enquanto pesadelo
enquanto recomeço
copo pela metade, nunca vazio e nunca cheio
desgraça enquanto ruptura
des/re
estrutura
com a mesma força que o pintinho
sai do ovo
a gente dá nosso jeito de dar o primeiro
passo adiante para
recomeçar
levantar a cabeça em meio ao torpor
se isso não for aprendizado
eu não sei mais o que é.

a desgraça que vem
sem olhar a quem
a desgraça como ponto de chegada
ponto de partida
ponto
final
independente da nacionalidade e da classe social
a desgraça enquanto pesadelo
enquanto recomeço
copo pela metade, nunca vazio e nunca cheio
desgraça enquanto ruptura
des/re
estrutura
com a mesma força que o pintinho
sai do ovo
a gente dá nosso jeito de dar o primeiro
passo adiante para
recomeçar
levantar a cabeça em meio ao torpor
se isso não for aprendizado
eu não sei mais o que é.

a desgraça que vem
sem olhar a quem
a desgraça como ponto de chegada
 ponto de partida
 ponto
 final
 independente da nacionalidade e da classe social
a desgraça enquanto pesadelo
 enquanto recomeço
copo pela metade, nunca vazio e nunca cheio
desgraça enquanto ruptura
 des/re
 estrutura
com a mesma força que o pintinho
sai do ovo
a gente dá nosso jeito de dar o primeiro
passo adiante para
recomeçar
levantar a cabeça em meio ao torpor
se isso não for aprendido
eu não sei mais o que é.

que dia é esse que raia
 que não raia
pra todos?
pra muita gente é o fim do mundo não ir
pra muita gente essa gente só faz existir
a cada dia que raia
indo percorrendo o mundo
e não ter pra onde ir.
o dia que raia
eu raio mas não relampejo e trovejo
e limpo a pia antes de tomar café.
eu raio e onde raia a menina
(aquela pra quem tenho uma piscina que só transborda poesia)
antes de arrumar coragem pra ficar em pé?
pra onde foi o mundo
que não raia mais
ou está esperando
de roupas novas, sem barba, só calma, escondido
em um boteco esquecido
até voltar a coragem
de raiar?

!sem título!

>> para Rosinaldo Costa Melo <<

>> 09 de abril de 2020 <<

>> sim, eu sei que é basicamente o mesmo escrito em 27.02.2020, mas não deu pra evitar sair como saiu <<

tomara que maio, tomara que maio
tomara que maio demore a chegar
não tarde, não tarde
não se tarde
não se tarde a passar
não demore, maio, não se demore
não se demore a ficar.
desde aquele mês
eu morro todos os dias sem morrer
desde aquela tarde
eu morro todos as tardes sem morrer
cria eu que não ia conseguir continuar com esse sofrer
mas ele me deu um bule cheio de café e me
apresentou as discografias
do Raulzito, do Belchior e do Nick Cave.
será que continuaríamos a ser amigos
ou que, mediante as circunstancias que se apresentassem,
cada um tomaria o seu caminho
como tanta gente que chegou e se foi
cada uma a seu momento...?
mas será mesmo
que somos nós que decidimos
continuar sendo amigos
pra sempre
ou não...?
será que é bom sempre lembrar?
até quando é bom lembrar?
e por que eu deveria esquecer um dia?
não que eu queira te esquecer
eu só não quero mais
ser torturado pensando nisso.

se essa LUA FOSSE minha

>> *cantar no mesmo ritmo de “Se Essa Rua Fosse Minha”, composta por Mario Lago (1911-2002) e Roberto Martins (1909-1992) em 1936* <<
>> 11 de abril de 2020 <<

se essa lua, se essa lua fosse minha
eu não deixava, eu não deixava minerar
porque, se minerar, ela perde sua massa de órbita
e pode na Terra, e pode na Terra desabar

mas a Lua cair na Terra não é algo tão ruim
porque com a vida humana pode acabar
curando assim a Terra dessa doença
já que somos um vírus que só sabe se propagar
e como não fazemos diferença para o universo
que diferença nossa extinção fará?

se essa lua, se essa lua fosse minha...
eu não deixava, eu não deixava minerar...

!sem título!

>> *para Bruno Carlos Oliveira Neves* <<

>> *13 de abril de 2020* <<

quem diria nós aqui
e mais uma Roskoff pela metade, sendo que ainda tem mais uma lacrada pra abrir
à beira do rio
chuva de janeiro mas sem vento frio
onde chegamos, irmão, é aqui onde chegamos:
mais velhos e cansados e frustrados
diariamente derrotados
cotidianamente frustrados
quando sozinhos enfim aos prantos
desse perene 7x1?
é o ápice da evolução humana
que temos o prazer de desfrutar
é ver tentativas constantes da Mãe Terra em exterminar
nossa espécie e infelizmente não sermos
– mesmo já mortos por dentro e há muito tempo –
os primeiros da lista.
quem diria que sempre essa tarde melancólica
que sempre aparenta chover
e quando chove não sobra quase nada
porque sobramos
mesmo que a chuva tenha levado tudo o que temos
e digam que ainda temos algo
o que ainda temos?
o que ainda resta?
o que nos resta?
e o resto
de nós.



só é lembrado pelo estado pra mandar conta de água e de energia elétrica.
só é lembrado pelos políticos em período eleitoral.
em algum lugar nas redondezas uma igreja católica
mas é certo haver um templo neopentecostal improvisado
mais ainda um mercadinho ou mesmo dois
cujos donos sabem que não podem competir ferrenhamente.
são casas simples, mas caso se preste melhor atenção
são palácios
cujos habitantes são pessoas simples mas não simplórias
que, se pudessem, ali não morariam
mas que todavia diariamente agradecem por ter onde morar.
e também por ter o que comer
e por poder levantar da cama a cada dia.
os dias, à exceção de quando chove, são iguais:

MALAFIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafaia, 2020. | 174

o sol colossalmente e rispivamente entre as nuvens belo
surgindo belo
aos fins de tarde, mesmo depois das seis da tarde, e começandas manhãs
afirmando o avermelhar dos tons de vermelho
das telhas
e tijolos
e da terra batida seca das ruas e espaços entre as casas.

>> *sobre foto de Adrielle dos Santos Bacheга postada em sua conta do Instagram em 9 de janeiro de 2019* <<
>> *poema escrito entre 11 e 13 de abril de 2020* <<

o PREÇO do INGRESSO pra PASSEAR de CAMBURÃO

>> *texto escrito em 14 de abril de 2020 a partir de trechos de poemas e letras escritos no terceiro trimestre de 2019* <<

o ônibus, o ônibus sibila enquanto se desloca
dá impressão que vai se desmontar enquanto se desloca

vai desmontar antes ou depois de eu chegar em casa?
vai desmontar antes ou depois de chegar ai pra ir Te ver?
hell yeah, contanto que, espero que
já estejas
oh yeah, pra eu não dar de cara na porta
ou
com Tua mãe me olhando com sua habitual cara de
reprovação

é três e sessenta pra passear de
camburão
e ver
pela janela deste
tantas ruas
e vielas
e passagens:
da primeira vez que fui Te visitar me perguntar
em qual rua ou
viela ou
passagem
estarias
para eu Te
encontrar
e descobrir
o que escondias atrás destes olhos
e destes cabelos

Tu vestida apenas de olhos e cabelos

em outros tempos
e momentos
e regiões metropolitanas
poderíamos ser mais próximos
ah!,
que vontade de Tu enfim então
proximidade
de pessoalmente Teus olhos aos meus
e então e enfim com o queixo repousado ao Teu
e residente eternamente no berço esplendidamente tenro
que são Tuas pernas e Teus braços.

sem precisar voltar pra casa no fim do dia
dois ônibus pra voltar pra casa
certamente com o dólar fechando a cinco e dezessete
é certeza que o preço da passagem de camburão
vai aumentar
porque o preço do combustível vai
mas a qualidade do transporte
diretamente relacionada ao bem-estar do consumidor final
não

ELEGIA *para* RUBEM

>> escrito em parceria com a professora Célia Fernanda Pietramale Ebling <<
>> para o escritor mineiro José Rubem Fonseca (1925-2020) <<
>> 16 de abril de 2020 <<

pessoas, as pessoas morrem
algumas demoram
também tem
– não esqueçamos –
as que
vão muito cedo

mas elas vão
mas todas vão

Rubem estava com mais de 90
pr'um amigo meu de trabalho
é a velocidade que o trem da juventude corre
já que sua avó dele desceu na 104ª parada
e o irmão dela na 106ª

mas se eu não tivesse
pulmões fora do corpo que se geralmente conhecemos como
filhos
eu já teria descido ou nem teria subido

sei lá
eu lá sei
eu só sei
que o tempo tá bom
pra fazer pão

LITORAL *de* RIO, MARGEM *de* MAR

>> 16 de abril de 2020 <<

longe da cidade
dentro da cidade
nem parece cidade
tem gente da cidade que vai morrer e nunca ver
essa parte da cidade
deste lado do rio chão de concreto batido
 mato grosso e mato esguio
 asfalto já fino cujo índice de vazios
já difere e muito do que inicialmente planejados em laboratório
deste lado tem cemitérios de carros inutilizados e enferrujados
 tem gente morando em cima de gente
 com casas e cômodos dividindo os mesmos espaços
o que do outro litoral desse rio tem além de gente?
lá tem mais mato e menos asfalto
do que aqui
e certamente deve dar de ver melhor o céu estrelado
por aquelas bandas d'ali.
menino que nunca viu rio desse tamanho
pensa que o rio é mar
ó, minha chefe, senhora segura esse menino
que, quando ver o mar
ele só olha e não volta,
igual à cidade desembocar no rio
e não redesagua;
igual ao mundo caindo nas cabeças das pessoas
ele não pára.

!sem título!

>> 19 de abril de 2020 <<

na verdade
eu não queria que a amizade
terminasse
mas a vida,
em resumo,
é dedo no cu e gritaria
e (talvez) nunca se saiba
porque as coisas terminam
realmente
e eu 'tô logo/registrando
este poema
antes que a ideia esvaia
e não valha
mais nada

!sem título!

>> 19 de abril de 2020 <<

é antes de amanhecer
que o quarto fica mais escuro
quando a/à luz apagada
e as janelas fechadas
antes de dormir

(se conseguir dormir)

a DOENÇA

>> escrito em parceria com Keisy Ribeiro Vieira <<

>> 21 de abril de 2020 <<

no final
a doença é
a falta de empatia

no final
a doença é
a falta de amor ao próximo

a ignorância
mata mais que
a doença

¿qual doença?

¿qual das doenças?

estamos todos ignorantes
mas nem todos sabemos

estamos todos doentes
mas nem todos sabemos

estamos todos mortos
mas nem todos sabemos

do que morremos

das doenças que nos
acometeram

sobre a VIOLÊNCIA... DISTÂNCIA

>> 27 de abril de 2020 <<

1

a distância entre um prédio e outro

a distância entre um prédio e outro

é

uma avenida

a distância entre um prédio e outro

é

uma avenida e

um canal

a distância entre um prédio e outro

é

uma avenida e

um canal e

um terreno baldio

a distância entre um prédio e outro

é

uma avenida e

um canal e

um terreno baldio e

um amontoado de casas de madeira

a distância entre um prédio e outro

é

uma avenida e

um canal e

um terreno baldio e

um amontoado de casas de madeira e

um monte de sonhos não-realizados

2

a distância entre uma avenida e outra

a distância entre uma avenida e outra

é

um prédio

a distância entre uma avenida e outra

é

um prédio e

um canal

a distância entre uma avenida e outra

é

um prédio e

um canal e

um terreno baldio

a distância entre uma avenida e outra

é

um prédio e

um canal e

um terreno baldio e

um amontoado de casas de madeira e

um monte de sonhos não-realizados

3

a distância entre um canal e outro

a distância entre um canal e outro

é

uma avenida

a distância entre um canal e outro

é

uma avenida e

um prédio

a distância entre um canal e outro

é

uma avenida e

um prédio e

um canal

a distância entre um canal e outro

é

um prédio e

um canal e

um terreno baldio

a distância entre um canal e outro

é

um prédio e

um canal e

um terreno baldio e

um amontoado de casas de madeira

a distância entre um canal e outro

é

um prédio e

um canal e

um terreno baldio e

um amontoado de casas de madeira e

um monte de sonhos não-realizados

4

a distância entre um terreno baldio e outro

a distância entre um terreno baldio e outro

é

uma avenida

a distância entre um terreno baldio e outro

é

uma avenida e

um prédio

a distância entre um terreno baldio e outro

é

uma avenida

um prédio e

um canal

a distância entre um terreno baldio e outro

é

uma avenida

um prédio e

um canal e

um terreno baldio

a distância entre um terreno baldio e outro

é

uma avenida

um prédio e

um canal e

um terreno baldio e

um amontoado de casas de madeira

a distância entre um terreno baldio e outro

é

uma avenida e

um prédio e

um canal e

um terreno baldio e

um amontoado de casas de madeira e

um monte de sonhos não-realizados

5

a distância entre um amontoado de casas de madeira e outro

a distância entre um amontoado de casas de madeira e outro
é
uma avenida

a distância entre um amontoado de casas de madeira e outro
é
uma avenida e
um prédio

a distância entre um amontoado de casas de madeira e outro
é
uma avenida e
um prédio e
um canal

a distância entre um amontoado de casas de madeira e outro
é
uma avenida e
um prédio e
um canal e
um terreno baldio

a distância entre um amontoado de casas de madeira e outro
é
uma avenida e
um prédio e
um canal e
um terreno baldio e
um monte de sonhos não-realizados

6

¿a distância entre um monte de sonhos não-realizados e outro?

¿qual é a distância entre um monte de sonhos não-realizados e outro?

¿como medir a distância entre um monte de sonhos não-realizados e outro?

¿qual é a distância entre um monte de sonhos não-realizados e um monte de sonhos realizados?

¿qual é a distância entre um monte de sonhos não-realizados e um monte de sonhos realizados?

¿como medir a distância entre um monte de sonhos realizados e um monte de sonhos realizados?

¿qual é a distância de
sonhos não-realizados
para serem
realizados?

às 17h34min40s (o FIM da TERRA)

>> 27 de abril de 2020 <<

>> o título do poema foi retirado do filme russo *Salyut 7*, de 2017, dirigido por Klim Shipenko e escrito por ele + Aleksey Samolyotov, Aleksey Chupov, Natalya Merkulova e Bakur Bakuradze <<

apresentar-se-ão neste texto
as condições de emergência
nas quais e sob as quais
produz-se o Poema e a Poesia:
quando um dos dois consegue
forçar saída
seja pela escrita, seja pela voz
ou seja primeiro pela voz e depois ressignificar
através de transcrição
que pode ser ou não fonética.
condição de não-mais
suportar!
não suportar mais o quê?
depende de pra quem se pergunta
a resposta sobre a angústia
varia igualmente de autor pra autora –
às vezes pode ser parir um elefante adulto
em único momento
sem dor alguma;
outras parir uma estrela no seu momento
mais brilhante antes de desvanecer (hell, yeah),
como se fosse um parto que durasse
horas
e horas
e horas
até que tudo vá embora
e embora
e embora
só que, não somente em um dia.
há dias que ou é o elefante ou é a estrela fulgurante
que volta
e volta
e volta
resultando na Poética forçar sua existência
para dentro do papel ou aos quatro ventos!
a Poética é um processo emergencial
a ser sempre
imediatamente
atendido!
nem sempre o grito sai na frequência e intensidade
que se auto-planeja
mas antes parido a silenciado!!!

!conto sem título!

>> para Rosinaldo Costa Melo <<
>> 10 de outubro de 2016 <<

*“Still the window burns
Time so slowly turns
And someone there is sighing
Keepers of the flames
Can’t you feel your names?
Can’t you hear your babies crying?”*
– Metallica, “Hero Of The Day”.

Após uma exitosa apresentação de trabalho, foram almoçar na casa dela depois quase duas horas no supermercado rindo e escolhendo o que iam levar pra fazer. Eles sabiam que o trabalho estava muito bom. Um semestre de dedicação, leituras, escreveres e sóis amanheceres. Ajuda muito quando toda a equipe é dedicada e sabe o que está fazendo. Retidão e disciplina. Sangue nos olhos e cães babando raiva. Toda apresentação de trabalho em evento acadêmico era a entrada em tatame para combate em final de campeonato. “Se não for pra cair matando” Rafael e Tailson diziam “a gente não quer nem conversa.” Faziam trabalhos com quem aceitasse suas proposições temáticas – sem caminho de volta e ladeira abaixo. Desta vez, Parvina⁹ e Kaius aceitaram pular com eles dentro do olho do furacão – *A Tragédia Grega no Caminho do Samurai em Lobo Solitário e Blade - A Lâmina do Imortal*.

“Olha” Parvina quando todos reunidos à porta do auditório “papai e mamãe disseram procês almoçarem lá hoje depois da apresentação.” YEAH! coro do trio de Mosqueteiros COMIDA! vibraram. Enquanto Tailson e Rafael ansiosos pela primeira apresentação de um trabalho novo, não se cabiam em si, Parvina e Kaius muitíssimo mais ansiosos por ser o primeiro trabalho em evento, ainda mais em um auditório – o maior do campus – apinhado sem nenhuma cadeira desocupada e com eles dois, intensos e empolgados e energéticos, a ponto de contagiantes serem, sutis e sussurrantes como o Motörhead no Hammersmith Odeon. Riam alto, falavam alto, até seus gesticulares eram sonoros, piadas com referências nerds sobrepostas e associações teóricas ditas como impossíveis eram tecidas com rapidez e precisão ímpar. “É assustador como eles fazem e faz sentido”, um *affair* de Rafael apontara, eles riram. E, junto a Kaius, celebraram a boa ventura da empreitada tal como cada triunfo sarraceno sobre os bárbaros cristãos, assim sendo até chegar à morada da também descendente de árabes. A sala como uma loja de móveis antigos, mas de origens abastadas. Armários de vidro e metal. Fotos, muitas fotos. Em molduras chamativas porem elegantes.

E então os olhos dele à foto. Reconheceria aqueles olhos e aquele sorriso em qualquer lugar. Em qualquer situação. Em qualquer estado. Em qualquer vida. Uma vida passou diante de seus olhos. Voltou à adolescência. O mesmo sol. O céu era mais azul pois a hipermetropia não estava tão avançada. Ensino Médio. Anchieta. RPG. Fliperamas. Quando não havia se tornado tudo que odiava. Quando só queria e não era querido, as garotas um sonho e ideal inalcançável. A vitrola emprestada e os vinis dos amigos que ouvia todos os dias. O dinheiro que se transformava em fichas de

⁹ Sim, a **mesma** Parvina do conto *A Mesma Melodia Melancólica*, presente na antologia *Encontros e Des-encontros e Re-encontros. os encontros de estudantes como gênero literário*, também de maio de 2020.

flipperama, HQs usadas, Playboy, Sexy, High Society, entradas pro Museu Goeldi, um litro de refrigerante por dia – tinha uma panificadora na frente do Anchieta, a Alvorada, o homem que sempre o atendia já sabia que o ele ia pedir, um copo de caldo de cana e um enroladinho. Os Correios do lado e a Carmem que sempre selava e carimbava as cartas que ele mandava pra Fortaleza às amigas Laura e Wanessa. Quando conheceu o Metallica de fato e “*Hero of the Day*” salvou sua vida, muito mais que “*Unforgiven*” e na mesma intensidade que “*Slumber*”, do Bad Religion (“*como essa banda existe e eu não sabia?*”). Rock and roll direto na Jovem Pan e na MTV Brasil. “*Mantenha a Dívida*”, “*Anthem for the Year 2000*” e “*The Kids Aren’t Alright*” ainda não faziam todo o sentido do mundo. A sagrada SuperInteressante de todos os meses. A ainda-não vergonha do Fluminense no STJD para se manter na série A do Brasileirão. Viver para a Natação e Natação para viver.

Ele adorava suas risadas, seus modos, suas histórias, era um herói para ele. Talvez ter se tornado o que é hoje tenha sido, em grande parte e de modo inegável e indubitável, por causa dele, por homenagem a ele – para o bem e para o mal e para os piores e mais condenáveis defeitos. No fim, garotos sempre querem ser como seus heróis. No fim, vontades se realizam. E nem sempre como gostaríamos. Só nos resta aceitar ou perseverar sobre o que acontece. E... Para ele, sempre parece que foi ontem, parece que aquele dia nunca terminou. Era uma sexta. Sim, era uma sexta. Ele ainda lembra de quando a mãe ligou para dar a notícia. “Fora daqui, malditos urubus, vocês não conheciam ele, ele era meu amigo” foi o que pensou e desejou dizer ao ver todas aquelas pessoas ao redor do caixão. Desejou de todo o coração que eles sumissem. Desejou com toda a alma ele levantar daquele caixão. Como se não estivesse acontecendo. Como se não fosse com ele. Foi o último a sair do lado de onde fora enterrado. Desejou que chovesse, desejou chorar, inundar o mundo e acabar com a humanidade. “Porque todos nós somos como chuva” escreveu em “*Gigantes de Brasa*”¹⁰: “*uma vez que chegamos, teremos de dizer ‘tchau’ também*”. Sem chão. Sem céu. Sem sol. Sem estrelas. Quantas mil linhas escritas por causa daquelas vinte e quatro horas que ainda regem sua vida? Desejou que chovesse e não estivesse fazendo sol, aquele azul tão bonito que rendeu o poema “*Tingindo O Dia de Negro*”¹¹ devido o sentimento expresso e descrito por Yoshiyuki Sadamoto. Quantas cartas escritas que nunca poderiam ser enviadas porque ele não as leria? Poemas incompletos, sonetos incompletos, noites em claro, amanheceres e anoiteceres? “*É sempre fim de tarde quando lembro de você*” escreveu em um deles “*é sempre pôr de sol de fim de tarde e nunca amanhecer*”. Lembrar de ex e inúmeros “se’s” não lhe é tão tortuoso quanto lembrar **dele**, de como seria atualmente, seus atuais trinta e nove anos. Como reagiria a tudo isso que temos agora? Internet. País à bancarrota. Extremismo. Intolerância e perseguição religiosa. Ele reagiu até que bem a Columbine, não como seu idólatra e exaltador e assecla. Toda canção de amor, de algum modo que ele consegue somente sentir e não tem palavras suficientes para explicar, o lembra. “*Adeus, adeus, meu grande amor*” ou mesmo “*My Friends*”. Agora ele sempre diz aos amigos o quanto os ama e são inestimavelmente importantes pra ele antes que não tenha oportunidade, mesmo que não seja levado a sério, mesmo que não seja corretamente interpretado.

Sua boca secou. O coração explodia como uma bomba de hidrogênio. Era um milagre as pernas ainda o suportarem ereto. Sentirá falta eternamente daquele sorriso ternamente cínico e simultaneamente infantil. Herdou o olhar impaciente e inquieto, sempre agitado, sempre pronto para gritar, sempre pronto para destruir.

“*Rafael?*”

Pôs uma mão ao vidro do armário. Como se pudesse encostar na foto. Como se pudesse encostar no rosto dele. E que não estivesse pálido, mais pálido do que já era.

A mãe dela passou e o viu diante o móvel. Em demasiado, o estranhara, por ser a primeira vez que o vira. A primeira reação comum de quem o vê. Mas, como toda mãe é sempre muito boa em notar, percebeu o olhar fixo à foto.

“*O conhece? É o Rosinaldo, meu afilhado. A Papa* [Parvina a fuzilou com o olhar ao recitar do

¹⁰ Poema de minha autoria, presente na página 25 desta mesma antologia.

¹¹ Poema de minha autoria, presente na página 29 desta mesma antologia.

nome] e o *Seninha* eram bem criancinhas quando ele morreu. Ele tinha a idade que ela tem agora.” Ele abriu a boca para inspirar. Ao expirar, seus olhos já mareados. Queria poder voltar no tempo. Queria poder impedir. Queria ter o que dizer para que não o fizesse.

“Filho de um colega do trabalho do Airton. Pena que morreu quando o filho era novo. A mãe dele ficou destruída quando aconteceu. Um amigo dele foi de Belém pra vê-lo. Foi o último a sair do lado da lápide no cemitério lá em Castanhal.”

O rosto e a barba começavam a ser lavados com córregos salgados. Fechou os olhos.

“Rafael?” Parvina perguntou, com a mão em seu ombro.

“Mano?” Tailson do lado dele.

“Mano, o que foi, cara?” Kaius não conseguiu aguentar a ansiedade de não-saber.

Não conseguiu mais segurar. O nariz já escorrendo. Abriu os olhos e vermelhos como sangue de mulher. Vermelho de bandeira do Pará.

Encostou a testa no vidro. Testa apontada para a foto. Olhos cerrados novamente.

“Irmão.”

agradecimentos

*“You didn’t die alone
You took a part of me
The end of all our plans
(The) end of what we’d be*

*It boiled down deep inside
until it burned you up
the ignition within reach
your flame just dropped*

*But you did not wake up and I’m the one
Who’ll walk on through the backyard of the times
When you are my friend*

*I just don’t know what’s wrong or right
Guess I’m just a bit uptight
And this feeling isn’t right
But I’m lonely tonight*

*I just don’t know what’s wrong or right
Guess I’m just a bit uptight
And this feeling isn’t right
But I’m lonely*

*You’re never out of reach
though you are far away
the sun’s coming up again
And on that day
You’ll smile at me and say
That you’ll be back again
Somewhere in my dreams
The biggest ray*

*That’ll shine on me and lift me up
To wake up in the backyard of the times
When you are my friend”
– Bambix, “Take Heart”.*

Antes de qualquer coisa, eu preciso dizer que este livro também é pra todas as pessoas que sentem tanta falta do Rosinaldo e do Jackson quanto eu: tia Elzenir (que agradeço aqui pelas fotos dele pra eu escolher pra usar nesta antologia), Eizandra, Emanuely, Sr. Raimundo Costa Melo e Terezinha de Jesus Costa Melo (os pais do Rosinaldo), tia Nina (mãe do Jackson), Dione, Paulo, tia

MALAFÁIA, Rafael Alexandrino. *Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar)*. Ananindeua: Rafael Alexandrino Malafáia, 2020. | 193

Dilenilza, Marcelo e Deise.

No mais, gostaria muitíssimo de agradecer a todo mundo que me ajudou a enfrentar à morte do Rosinaldo à época de sua morte e não disse que era frescura da minha parte e sim algo perfeitamente compreensível. Ou seja: NINGUÉM. Suicídio e Depressão são dois assuntos (que muitas vezes andam de mãos dadas, senão abraçados) que todo mundo fala quando ninguém ‘tá falando. Quando pessoa ‘tá viva, ou “é falta de porrada/pica/trabalho/surra”. Quando morre, “ai, eu não entendo porque isso aconteceu, ele/a não parecia ter problemas”. Na maioria das vezes, ninguém vê até ser tarde demais.

Quero também agradecer a todo mundo que me fez sentir vivo, gente e parte de alguma coisa: galera do RPG do CEFET, começando pelo Bruno, pelo Anselmo, pela Laura e pelo Rafael, pelo Vinicius, pela Nassandra, pelo André Perna, pelo André Alemão, pela Jane, pela Janaína, pelo Flavio e pelo Colossus. Eu não tenho palavras para externar gratidão por vocês terem me feito emergir quando eu estava descendo em uma espiral a 200 por hora. Eu não teria conseguido passar de 2000 se não fosse por vocês.

Depois teve o judô, Saraiva-sensei, Branco-sensei e Coimbra-sensei que me mostraram um sentido que não fosse a poesia pra continuar vivo. Enquanto existir o judô, eu não tenho tempo pra pensar em morrer.

Valeu, Lucas Pontes, por sempre estar e pelas melhores palavras.

Ai teve o pessoal do canteiro do PAAR, que conheci através da Elaine e do Diego Búfalo – a quem também agradeço aqui. Sullivan, Lauremir, Iranildo, Neilton, Edson, Eddie, Caco, Regis e Cris, Luciana, Cris Braga, Jorge Negão.

Mezzo CEFET, *Mezzo* Icoaraci: Victor e Jessica, Vitor, Alexandre e Danielle, Renato, Rui, Adrian, Diego e Priscila, Jonathan, Addson, Filipe, Etiene, Amanda, Carlos, Glauber, Jorge, Filipe Judô, Bruno e Luana, Marvin, Ketrin e Luna.

“PELA POESIA, HAVEREMOS DE TRIUNFAR!”: Leandro Brasil, Jeanzão, Tamie, Christian e Diego!

O povo do ensino superior: Bruno Eduardo, Breno, Aline (a gente sempre estava um embaixo do nariz do outro mas nunca se via), Alanzinho e Amandinha, Giselda, Suelainy, Marco Antônio, Denize, Patrícia, Havana, Arthur, Maurício, Tailson, Denison, Charles e Cris, Heverton, Jacqueline e Marcel, Talita e Vanderlei, Edson Gustavo, Danyllo, Rodrigo Wanzeler, Rodrigo Marques, Claudinei, Camila Henriques, Robson, Alex Pina, Anderson Colombelli, Camila Valvassori, Leonardo José Martins, Ricardo Efe, Danielle Brito, Juliana Dellangélica, Juliana Ermita, Carolina Castro, Luciana Silva, Marcos Lopes, Aguinaldo, Daniela, Isabella, Alexandre, Tinara, Neuton, Vanessa, Guaxe, Jean Otávio, Heverton, Eduardo, Geovanna, Suzane, Jefferson, Thiago e Dhiego Bentes, Avner, Kássia, Heliane, Filipe, Raimundo, Laís Maranhão, Aaderson, Thiago Batista, Thiago Momó, Karen Moraes, Karen Carmona, Rachel, Lívia, Larissa Leal, Lilian, Romário, Rodolfo, Raimundo Neto, Rian, Eldevan, Izabelly, Ingrid Punche, Joane, Artur Gressler, Jéssica Brasil, Aline Marinho e Yuri Viana, Larissa Sarmento, Paloma, Kaius e Anna.

As Musas que se tornaram pariceiras: Laís Helena, Karime, Bruna, Alethea, Nathália e Maria Tereza (que acompanhou praticamente toda a confecção deste livro).

Keisy e Fernanda, pelas parcerias dos poemas.

São vocês que me mantêm vivo. É a gente que se mantém vivo.

Leia poesia.

Escreva poesia.

danke schön. Madrecita!



(Praia de Iracema, Fortaleza, 03 de maio de 2002)

***“Passos que acordarão os amigos que morreram
e na memória estão como a chuva nas árvores.
O silêncio vívido em mãos antigas
hoje adormecidas
e o desejo incompreendido e impossível
do inútil, do vazio, do que não tem sentido
o desejo de celebrar a inutilidade
é o teu destino.”***

- Paulo Plínio Abreu (1921-1959),
“Passos Que Acordarão Os Amigos Que Morreram”.

Terreno Baldio Blues (tomara que maio demore a chegar, tomara que maio não se tarde a passar) é o segundo livro do poeta e contista Rafael Alexandrino Malafaia, contendo - *a priori* - poemas para dois grandes amigos e então falando não somente do que os homens sentem, mas também se perguntando onde e quando a Poesia é neles desperta.

Onde começa a amizade?

Onde começa a Poesia?

Onde?